

RAFAEL MOSCOSO LOBATO RÊGO

**Torço, logo existo: experiências bolivianas em terras
maranhenses.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Ciências Sociais da
Universidade Federal do Maranhão para
obtenção do grau de Mestre em Ciências
Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Figueiredo
Ferretti

São Luís
2010

RAFAEL MOSCOSO LOBATO RÊGO

**Torço, logo existo: experiências bolivianas em terras
maranhenses.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do grau de Mestre em Ciências Sociais.

São Luís, ____/____ de 2010

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Sérgio Figueiredo Ferretti (Orientador)

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dra. Elizabeth Maria Beserra Coelho

Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dra. Cynthia Carvalho Martins

Universidade Estadual do Maranhão

Rêgo, Rafael Moscoso Lobato

Torço, logo existo: experiências bolivianas em terras maranhenses / Rafael Moscoso Lobato Rêgo. — São Luís, 2010.

116 p.

Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, 2010.

ISBN

1. Experiências bolivianas – Maranhão. I. Título.

À minha avó, Maria da Glória, e
ao meu avô, Moarcir Lobato, pelo
exemplo maior, que sempre
foram, em toda a minha vida.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Sérgio Figueiredo Ferretti, pelas valiosas orientações ao longo desta jornada;

Aos membros da nação boliviana informantes desta pesquisa, não somente pela contribuição a este trabalho, mas, principalmente, pelo compartilhamento da emoção que é torcer.

A Carmen Lobato, minha querida mãe, simplesmente por ela existir, do jeitinho que ela é, em minha vida.

A Rafisa Lobato, minha irmã, a quem admiro, pela vida compartilhada e, principalmente, pelo exemplo de realizações;

A Salete, minha outra amada mãe, pela vigília amorosa;

A Denise Araújo do Nascimento, pelo companheirismo, pela divisão dos momentos de insegurança, dos sorrisos e pelo aprendizado nas idas e vindas de um percurso sem rosto;

A Ferdnand, Rodolpho, Lindimberge, Marcus Vinnicius, Léo Bujão, Anne Caroline, Suellen Bastos, Diego Santiago, Rafael Braga e Nicole Campos, pela presença amiga.

A Weverson Almagro, pela palavra amiga e valiosos conselhos;

Aos professores Igor Grill, Beta e Arleth Borges, pelos caminhos apontados nos momentos de pré-qualificação e qualificação;

A Du, por me ajudar a crescer;

Ao REUNI, pela bolsa de estudos.

Só o Sampaio e minha
família vão ser meus
eternos amores... O resto
é resto... Sampaio só
abaixo de Deus.
(Amaral, 13/07/09).

RESUMO

Dissertação que objetiva compreender significados do pertencimento clubístico em um contexto marginal do futebol brasileiro, especificamente no circuito profissional do Maranhão, onde, à priori, não valeria torcer por nenhum clube. Proponho entender como os torcedores constroem e incorporam conjuntos de normas, regras e formas de relações sociais estabelecidas através de sua convivência com o Sampaio Correa Futebol Clube. A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas com torcedores bolivianos. Procurei revelar diferentes formas e significados de pertencimento clubístico que fazem com que eles tenham a "crença no jogo" ou a *ilusão* em torcer por um clube em um contexto marginal do futebol brasileiro. Esse vínculo, em seus diversos matizes, traz ao torcedor a idéia da importância do clube em sua vida. Em determinados momentos é ele que dá identidade, faz ser parte de um grupo, dá "um rosto", faz estar junto das pessoas que comungam da mesma visão, o que transforma o torcer em uma forma de participação sócio-política bastante peculiar, cunhada em contextos sociais específicos.

Palavras-Chave: Futebol Maranhense, Sampaio Correa FC, Identidade, Pertencimento clubístico.

ABSTRACT

Dissertation aims to comprehend the meanings of belonging to a club in a marginal context of Brazilian football, specifically on the professional circuit of Maranhao, where, *a priori*, it would not root for any club. I propose to understand how the fans build and incorporate sets of standards, rules and forms of social relations through its coexistence with Sampaio Correa Futebol Clube. The survey was conducted through interviews with fans bolivianos. I tried to reveal different forms and meanings of belonging to a club that cause them to have the "belief in the game" or ilusio to root for a club in a marginal context of Brazilian football. This link, in its many forms, brings to fan the idea of the importance of the club in his life. At times it is that gives identity, makes it part of a group, gives a "face" is to be with people who share the same vision, which makes the twist in some form of socio-political rather peculiar, coined in particular social contexts.

Keywords: Football of Maranhão, Sampaio Correa FC, Identity, Belonging to a club.

LISTA DE TABELAS

p.

Tabela 01 – PIB do esporte no Brasil.....	17
Tabela 02 – Evolução do time de preferência.....	23
Tabela 03 – Lista de Informantes.....	42

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

	p.
Foto 01.....	32
Foto 02.....	68
Foto 03.....	69
Foto 04.....	69
Foto 05.....	94
Foto 06.....	94
Gráfico 01.....	17
Gráfico 02.....	20
Gráfico 03.....	22
Ilustração 01.....	34
Ilustração 02.....	35
Ilustração 03.....	36
Ilustração 04.....	37

LISTA DE SIGLAS

p.

FIFA – IB (Federação Internacional de FootBall Association – International Board)...	15
CBF (Confederação Brasileira de Futebol).....	15

SUMÁRIO

LISTA DE TABELAS.....	10
LISTA DE ILUSTRAÇÕES.....	11
LISTA DE SIGLAS.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
O futebol e o torcer como fenômeno social.....	16
Construção do Objeto / Aspectos metodológicos.....	26
1- QUE COMECE O JOGO! FUTEBOL, CLUBISMO E IDENTIDADES.....	44
1.1- Esporte, elites e o nascimento da dinâmica clubística.....	45
1.2- A pátria de chuteiras! Sobre a construção sócio-intelectual da brasilidade futebolística.....	51
1.3- Futebol e futebóis.....	66
2- FUTEBOL E A DINÂMICA DAS EMOÇÕES: EXPERIÊNCIAS BOLIVIANAS EM TERRAS MARANHENSES.....	73
2.1- A Bolívia Querida.....	76
2.2- Experiências bolivianas em terras maranhenses.....	78
3- CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	107
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	110

Introdução

Na presente dissertação tenho como objetivo investigar a dinâmica das emoções engajadas de torcedores em relação a clubes que não fazem parte da elite clubística¹ no Brasil. Para tanto, irei reportar-me ao futebol profissional maranhense e, mais especificamente, aos significados de ser boliviano², ou seja, aos diferentes significados que constroem o se sentir pertencente enquanto torcedor do Sampaio Correa³. Procuro, então, entender como tais torcedores constroem e incorporam conjuntos de normas, regras e formas de relações sociais estabelecidas com tal clube de futebol. É nesse sentido que me questiono: Como se envolvem nessa trama de engajamento afetivo por esse clube que está excluído do sistema de relações da elite clubística nacional?

A questão do futebol vem tomando novos rumos no Brasil. A partir dos anos 1980, esse esporte apresenta certas características que o tornam um produto econômico estratégico, o distinguindo, então, de períodos anteriores. Tais modificações, como bem aponta Leite Lopes (2004, p. 01-02), estão relacionadas a, pelo menos, três fenômenos principais: a) a transmissão televisiva direta de torneios e partidas, o que aumenta o valor comercial envolvido nas competições; b) o crescimento e a diversificação de profissionais associados ao futebol (imprensa esportiva, profissionais de saúde, profissionais ligados ao marketing esportivo, etc.); e c) a intensificação das transferências internacionais de jogadores, o que proporcionou a passagem de um profissionalismo nacional para um profissionalismo internacional

Nesse processo, as dinâmicas sociais do torcer por um clube de futebol também mudam. Segundo o próprio Leite Lopes (2004, p. 02), as novas torcidas se diferenciam bastante do público existente nos estádios até os anos 1970, uma vez que aquelas estão intimamente ligadas à ascensão das mídias esportivas (imprensa, publicidade, etc.) – que passam a ter um papel muito importante na formação do público

¹ Segundo Damo (2007a), podemos chamar de elite clubística nacional o circuito integrado de clubes de futebol, principalmente situados no eixo Rio – São Paulo, que dominam os investimentos emocionais de torcedores no Brasil. Concorrem para a segmentação dessa elite clubística, entre outros fatores, a distribuição do PIB brasileiro e a participação das mídias esportivas nacionais no processo de constituição do público voltado ao futebol.

² Bolivianos é como, comumente, se autodenominam os torcedores do Sampaio Corrêa Futebol Clube.

³ Clube de futebol, fundado em 1923 e originário do Estado do Maranhão, cujo nome foi inspirado pelo feito do aviador Patrício Pinto Martins que, com Valter Hilton, realizou o primeiro voo que atravessou as Américas, em um hidroavião que tinha o nome de "Sampaio Corrêa II". (Vaz, 2000a)

voltado ao futebol de espetáculo⁴ - e à racionalização do torcer, baseada na lógica do consumo.

Do ponto de vista dos clubes, segundo Damo (2007a), a adesão de torcedores constitui uma modalidade de capital imprescindível para ter acesso a outros capitais. O pertencimento clubístico é um capital afetivo que compete à dimensão político administrativa do clube converter em capital econômico, a fim de organizar times competitivos, que consigam boas performances esportivas.

Existe, portanto, uma “relação entre o capital afetivo dos clubes, aferido pela lembrança dos torcedores, e o capital esportivo dos clubes, declinado a partir do status galgado com as performances futebolísticas” (DAMO, 2007a, p. 60).

Todos esses fatores contribuem para a hierarquização de circuitos integrados de clubes de futebol sobre os quais vale à pena investir em torcer, discutir e consumir informações. Com efeito, os clubes são classificados a partir de um sistema de circulação das emoções que toma forma a partir de uma dimensão simbólica – constituída historicamente – que é interpretada em relação a outros clubes que fazem parte, ou não, das mais elevadas posições no ordenamento de clubes formulado pela FIFA-IB⁵ e suas subsidiárias nacionais, como, por exemplo, a CBF⁶. Assim, o sistema de enfrentamento na esfera do futebol profissional no Brasil é organizado em forma de divisões hierárquicas - 1ª (Série A), 2ª (Série B), 3ª (Série C), 4ª (Série D), e assim por diante. “Em um universo de mais de oitocentos clubes filiados à CBF, estar entre os 40 clubes das séries A e B é pertencer a um seleto grupo de status elevado”. (DAMO, 2007a, p. 62).

Minha intenção, então, é interpretar diferentes formas e significados de pertencimento clubístico em um contexto *outsider*⁷ do futebol brasileiro, no qual, à

⁴ Para Damo (2007a), o futebol espetacularizado caracteriza-se, em termos gerais, por três particularidades que se destacam: a) a sua organização de forma monopolista, globalizada e centralizada através da FIFA-IB; b) a divisão social do trabalho (torcedores, mídias, dirigentes, jogadores, etc.) dentro e fora do campo; e c) a excelência performática exigida dos praticantes, ou seja, jogadores.

⁵ Federação Internacional de Football Association – International Board. Instituições responsáveis pela organização do futebol espetacularizado em nível global.

⁶ Confederação Brasileira de Futebol.

⁷ Outsider, nesse contexto, quer dizer não participante da dinâmica estabelecida enquanto modelo de organização legítima do futebol no Brasil. A categoria “outsider” foi cunhada a partir de pesquisa, realizada por Norbert Elias e John L. Scotson (2000), em uma pequena comunidade industrial urbana, de nome fictício de Winston Parva. Nela, havia uma divisão entre dois grupos de moradores que não se diferenciavam quanto ao tipo de ocupação, religião, raça, etc., mas sim no que se refere ao tempo em que residiam na comunidade. Assim, diferença de posições tem sentido somente em relação àqueles contra os quais ela se determina. O grupo estabelecido, de ocupação mais antiga, estigmatizava os moradores oriundos de um processo de ocupação mais recente, tratando-os como “os de fora”. (estabelecidos e outsiders).

priori, não valeria a pena torcer por nenhum clube dele participante. Para isso, procuro analisar alguns casos de torcedores – numa pesquisa de cunho qualitativo – relacionados ao Sampaio Corrêa. Ou seja, nos termos de Bourdieu (2002), tento estudar o que faz com que esses torcedores tenham a "crença no jogo", ou seja, como e porque esses constroem, em um contexto futebolístico marginal, a *ilusio* em torcer para o Sampaio Corrêa.

É importante frisar que não procuro entender o que é torcer para o Sampaio Corrêa – tal pretensão mais se pareceria com uma improvável foto estática que representaria todas as imagináveis significações de ser boliviano –, mas sim apreender, em diferentes e determinados discursos, significados de pertencimento enquanto torcedor do Sampaio Corrêa Futebol Clube. Portanto, trato a dimensão do torcer / pertencer como uma dimensão identitária / política.

O futebol e o torcer como fenômeno social

O esporte ocupa, em determinadas sociedades, um importante lugar na estruturação de espaços e posições sociais. Assim, uma vez que está imbricado a culturas locais, temos que o esporte é, também, um fenômeno em permanente interação com os demais fenômenos sociais e tem mudado na mesma medida em que o fazem as sociedades nas quais está inserido.

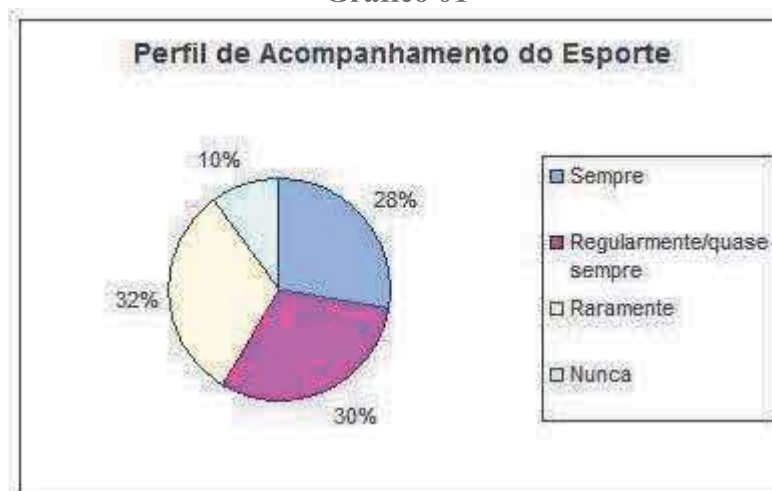
No Brasil, segundo DaCosta (2005a), em 2005, cerca de 86 milhões de habitantes participavam – ativamente, de maneira regular ou ocasionalmente – de esportes e(ou) atividades físicas. Esse é um número representativo, pois – considerando que o censo 2007 realizado pelo IBGE⁸ indica que a população total do Brasil gira em torno de 184 milhões de habitantes – representa quase 50% da população do país.

Outra dimensão importante diz respeito ao hábito de acompanhar esportes. Em recente pesquisa intitulada Dossiê Esporte⁹, realizada pelo instituto IPSOS/Marplan do Rio de Janeiro entre setembro de 2005 e junho de 2006, foi perguntado, para 2.334 pessoas em todo o Brasil, sobre com que frequência tais entrevistados costumavam acompanhar eventos esportivos. Os resultados foram os seguintes (**Gráfico 01**):

⁸ Disponível em www.ibge.gov.br

⁹ É importante frisar que não tomo tais dados com a pretensão de torná-los absolutos, mas sim como uma das ferramentas – ou aproximações – que possibilitam a interpretação de algumas características que pude utilizar como base para pensar o objeto desse estudo.

Gráfico 01



Fonte : Dossiê Esporte – IPSOS/Marplan-SporTV (2006)

Com efeito, podemos perceber que, entre os entrevistados, 58% acompanham eventos esportivos sempre ou regularmente/quase sempre. Ainda podemos considerar que 32% dos entrevistados, mesmo que raramente, ainda acompanham, de alguma forma, alguma atividade esportiva no Brasil..

Ainda reportando ao Atlas 2005 (DaCosta, 2005b; Alves, 2005; e Boschi, 2005), existem, no país, cerca de 1,6 milhões de empregos ligados direta ou indiretamente ao esporte, o que representa 2,42% da população empregada no Brasil. Tendo em vista que, segundo as mesmas fontes, o esporte movimenta 1,7% do PIB nacional, pode-se então interpretar que esta é uma atividade econômica intensiva em mão-de-obra, afinal, sua participação no emprego nacional é 42,4% maior que a participação correspondente ao PIB nacional (**Tabela 01**).

Tabela 01

PIB do Esporte no Brasil (R\$ bilhões)

ANO	PIB Pais	PIB esporte	%
1995	890	28	1,5
1996	920	30	1,6
1997	950	32	1,7

Fonte: DaCOSTA, 2005b, p. 766 Atlas – COMPASS – Coordinated Monitoring of Participation in Sports

Porém, só muito recentemente o esporte passou a fazer parte das preocupações sociais e sociológicas. Tal reconversão de olhar deve-se, em grande parte,

como apontado anteriormente, ao aumento representativo da população envolvida, direta e indiretamente, com práticas esportivas. Mas, reduzi-la a este fator é deixar de considerar os diferentes processos por meio dos quais o esporte – enquanto também constituinte, e constituído, de cultura – em diferentes contextos, ganha expressão e legitimidade, no campo das preocupações sociológicas.

Para Bromberger (2008, p. 246-247), a antropologia encontra no esporte, atualmente, um objeto privilegiado para pensar e por à prova as categorias que formam a base de suas interrogações. Segundo esse autor, entre os domínios em que o esporte aparece como um importante elemento revelador, podemos citar: a) as atividades lúdicas e esportivas, em suas diversidades, ao aparecerem como teatralizações de “mentiras que diriam a verdade” das sociedades que a produziram, cristalizam os valores essenciais e contraditórios que modelam as civilizações; b) os esportes são privilegiados laboratórios de análise dos processos de globalização, de resistência cultural ou de forjamento criativo de práticas iniciadas em contextos distintos daqueles pertencentes às sociedades que as praticam; e c) o tema da construção dos gêneros e das faixas etárias encontra no terreno esportivo um campo de estudo privilegiado, principalmente no que diz respeito à divisão de gestos técnicos considerados próprios a cada sexo, a evolução do estatuto e da representação dos gêneros de trinta anos pra cá e as modalidades de apropriação feminina dos esportes tradicionalmente masculinos.

Outro exemplo, no que diz respeito à construção dos corpos e as formas através das quais o corpo é culturalmente codificado para operar como indicador de prestígio e poder social, é que os esportes têm sido cada vez mais construídos, por meio de vários discursos, como uma via de acesso aos moldes corporais socialmente ditos aceitáveis. Nesse sentido, Le Breton (2007), no que concerne ao entendimento do corpo enquanto uma estrutura simbólica, a qual ultrapassa os limites biológicos, esclarece como o corpo é moldado pelo contexto social e cultural. As atividades perceptivas, as atividades esportivas, a expressão dos sentimentos, a relação com a dor e com o sofrimento são alguns exemplos citados pelo autor para apontar como a relação com o corpo é construída, o que contribui para o entendimento da construção moderna do culto ao corpo jovem.

Outro aspecto que não deve ser negligenciado, segundo Gebara (2002), acerca do esporte, é o seu evidente deslocamento, nos últimos cem anos, da área de saber articulada pelo lazer e tempo livre para aproximar-se do mundo do trabalho e da

mercantilização de símbolos culturais. Para esse autor, tal deslocamento se configura, principalmente, a partir de um duplo movimento:

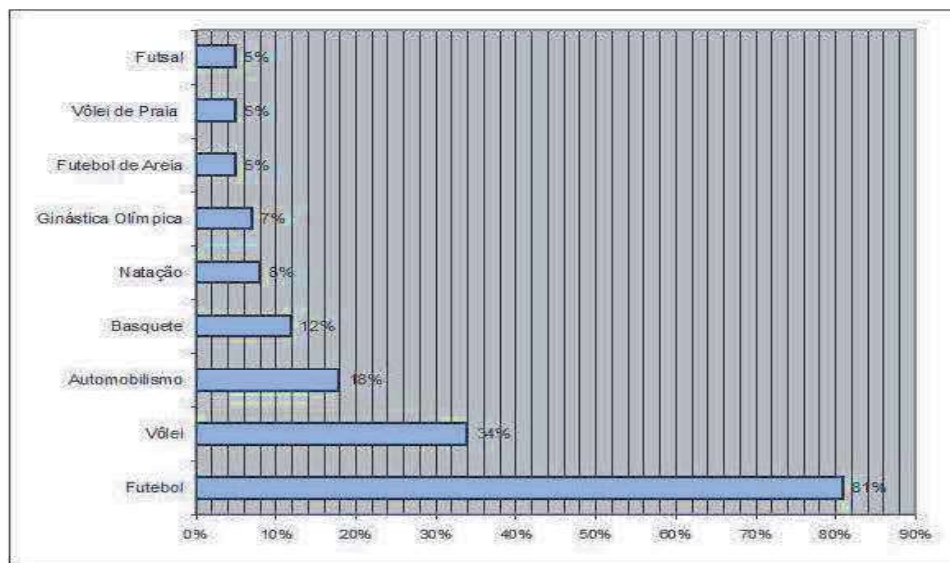
... de um lado, o atleta moderno, um profissional altamente qualificado, executando tarefas possíveis com base em um ritmo e um processo de treinamento que faz inveja aos que cultuam a qualidade total. De outro lado, as imagens produzidas por esses virtuosos se tornam elas mesmas mercadorias. Estamos falando de novos consumos culturais e, neste sentido, a discussão “pós-moderna” não seria estranha às ocorrências que se verificam no esporte em nossos dias. Não se trata mais de definir “quem é quem” no interior da burguesia inglesa de fins do século XIX. Trata-se de produzir e controlar eventos, imagens e o cotidiano espetacularizado, trata-se de mercadorias de um novo tipo, não diretamente produzidas pelo trabalhador assalariado, mas pela mercadorização de símbolos e signos produzidos por um processo cultural de múltiplas dimensões, a um tempo local e regional, e global no momento seguinte. (GEBARA, 2002, p. 13).

No caso do Brasil, o campo esportivo está dominado, basicamente, por um esporte, o futebol. Essa prática esportiva, em seu processo de popularização, passou a monopolizar quase a totalidade da carga emotiva relacionada ao esporte contida na população. Sendo, historicamente, alvo importante de políticas governamentais e investimentos da chamada economia de mercado, o futebol torna-se, entre os brasileiros, um fenômeno crescente, servindo como metáfora para anseios, sucessos e fracassos das mais diferentes experiências vividas.

“No Brasil, o gosto pelo futebol resistiu à crítica de esquerda, acadêmica ou não, à apropriação pela direita, especialmente pelas ditaduras, e até se constituiu, de 1970 para cá, em uma ocupação profissional e em um segmento em expansão da economia de mercado. Na América Latina, onde o futebol foi usado pela propaganda dos regimes antidemocráticos, justificando, em grande parte, o “denuncismo” esquerdista, o interesse por ele não diminuiu com o descrédito dos ditadores. Segue sendo a “religião leiga da classe operária”, como afirmou Hobsbawm há tempos. Isso vale inclusive para a Europa, “berço da civilização esportiva”, de onde surgiram também os *hooligans*, em meados dos anos 70. Na África e na Ásia, os esportes modernos eram pouco difundidos até meados do século XX. Houve, de lá para cá, um despertar generalizado, mais intenso, em que os conflitos étnicos são menores ou há mais abertura para o ocidente, respectivamente”. (DAMO, 2001, p. 01).

Levando-se em consideração a pesquisa Dossiê Esporte, anteriormente citada, essa questionou, entre os que dizem acompanhar esportes sempre, regularmente/quase sempre e raramente, qual seria o seu esporte preferido (**Gráfico 02**):

Gráfico 02



Fonte : Dossiê Esporte – IPSOS/Marplan-SporTV (2006)

O futebol ocupa o primeiro lugar entre os esportes preferidos dos entrevistados, com cerca de 81% das respostas obtidas. Essa percentagem é significativa, ainda mais se levarmos em consideração que o segundo esporte citado entre os preferidos dos entrevistados foi o vôlei, com 34% das respostas obtidas, o que representa menos da metade da percentagem das respostas referentes ao futebol.

Ainda segundo a mesma pesquisa, se formos levar em conta as programações esportivas transmitidas em redes televisivas brasileiras, o futebol, o vôlei, o automobilismo e o basquete são as que mais atraem ambos os sexos. Porém, é o futebol o líder de audiência com 92% entre os homens e 71% entre as mulheres.

Sendo assim, uma das características da relação entre os brasileiros e o futebol tem sido o grande contingente de espectadores que acompanham os jogos atualmente, seja nos estádios, seja através das transmissões televisivas.

Com efeito, considero, à luz de Damo (2001), que, atualmente, o esforço de quem pesquisa e escreve sobre o futebol está dirigido para a compreensão e superação de certas perspectivas analíticas já esboçadas sobre o tema.

O futebol tem sido analisado – por uma parte das falas autorizadas sobre esse esporte, constituídas por agentes sociais especializados posicionados em certos campos (esportivo, político, jornalístico, acadêmico, etc.) – como um traço cultural do brasileiro. Sendo assim, teríamos uma forma particular de vivenciar tal esporte, forma

essa que, inclusive em suas contradições, seria um elemento de diferenciação de outras nações. (WITTER, 1990).

Tais análises sobre o futebol no Brasil, que apontam para o que estou chamando de brasilidade futebolística¹⁰ (RÊGO, 2008), têm se pautado em duas principais visões:

a) Uma, relacionada com a popularização desse esporte no país, destaca a vivência¹¹ do chamado “futebol-arte”, pautando-se no chamado brasileiro “malandro”, “mulato” e “dançarino”, (GIL, 2004; RODRIGUES, 2007; FILHO, 2003), representado, na prática, por exemplo, pela utilização, nas partidas de futebol, de habilidades individuais de improvisação criativa de jogadas que desestabilizam o esquema tático adversário, sendo, portanto, produtivas para o alcance de resultados favoráveis na competição, e pelos discursos que legitimam essa prática;

b) E outra – que toma força em meados da década de 1970 – que discute o processo de modernização do futebol brasileiro, sua racionalização, pautada em sua inserção no esquema de trocas comerciais capitalistas, no predomínio do uso de técnicas e táticas planejadas para serem rigorosamente aplicadas nos jogos, com vistas ao alcance de resultados positivos na disputa e na transformação dos departamentos de marketing dos clubes em tão importantes quanto os próprios departamentos esportivos.

Sendo assim, à primeira vista, os diferentes contextos em que o futebol é vivido em nosso país, com transformações mais ou menos abrangentes, poderiam ser pensados a partir dessa configuração simbólica de brasilidade futebolística, ora tendendo para a visão de um futebol-arte, ora para um chamado futebol moderno, ou, ainda, para uma suposta terceira visão, na qual a arte e a racionalidade modernizadora constituiriam uma unidade dialética, sem, contudo, haver um deslocamento dos significados estabelecidos por essas visões.

Porém, ao reconfigurar meu olhar sobre essa questão, considerando que as formas estabelecidas de pensar o futebol no Brasil – inclusive no meio acadêmico – têm

¹⁰ Quer dizer que o futebol tem sido considerado – como já mencionado, por agentes sociais posicionados em certos campos (esportivo, jornalístico, acadêmico) que apontam para um futebol que atenderia a certos parâmetros, a um certo padrão – como um dos traços diacríticos (assim como o samba, o cafezinho, a mulata, etc.) do que se poderia entender como a identidade nacional brasileira, tendo, assim, o futebol, no Brasil, sua identidade própria, um modo próprio de jogar brasileiro.

¹¹ Quando utilizo a categoria vivência, me remeto ao(s) esporte(s) – notadamente, no que diz respeito a este trabalho, o futebol no Brasil – como uma construção humana, estando, assim, permeado pelas complexidades (esportivas, políticas, econômicas, etc.) das sociedades que os produzem. Sob essa perspectiva, não só os jogadores, mas também comentaristas, torcida, patrocinadores, políticos, etc., todos “vivem” o futebol, sendo viver também a construção de discursos, em diversos contextos sócio-históricos de interesse, que legitimam essa prática esportiva.

se constituído com base em visões construídas a partir de contextos¹² específicos (principalmente Rio de Janeiro e, mais recentemente, São Paulo), considero importante discutir a hegemonia das visões sobre o futebol relacionadas à chamada brasilidade futebolística, mostrando que essas resultam da essencialização de determinadas vivências futebolísticas, o que, segundo Helal (2001) ocorre pela transformação de discursos instaurados em realidade.

Pretendo, assim, neste trabalho, esquivar-me de concepções pré-concebidas acerca da identidade futebolística nacional brasileira. Tal relativização teórica leva a um alargamento substancial do leque de questionamentos possíveis com o objetivo de compreender o futebol no Brasil em um viés sócio-antropológico.

Dentre esses questionamentos possíveis, Bromberger (2008) cita como um campo pouco cultivado a antropologia das emoções relacionadas aos esportes. Com efeito, no caso do futebol no Brasil, a paixão dos torcedores pelos clubes ditos de coração e, conseqüentemente, o sentimento que amalgama os torcedores a seus clubes – caracterizando cada modalidade de sentimento a um dado clube como única – é um campo de significativa importância no cotidiano futebolístico brasileiro.

No que diz respeito a esse aspecto, se formos levar em consideração o próprio Dossiê Esporte, a grande maioria dos entrevistados diz ter algum sentimento em relação a um time de futebol, como demonstrado abaixo (**Gráfico 03**):

Gráfico 03



Fonte : Dossiê Esporte – IPSOS/Marplan-SporTV (2006)

¹² Tal assertiva nos remete, novamente, ao fato que o(s) esporte(s) – notadamente, no que diz respeito a este trabalho, o futebol no Brasil – assim como todas as construções humanas, está permeado pelas complexidades das sociedades que os produzem. Dessa forma, ele não se faz apenas por motivações puramente esportivas, mas também pelos diversos interesses (políticos, econômicos, etc.) e contradições presentes nos mais variados contextos sociais dos quais faz parte.

Ou seja, dentre as pessoas entrevistadas que acompanham esportes, cerca de 82% dizem torcer por algum time de futebol no Brasil. Entre os homens, a proporção de torcedores salta para 90% contra 10% de não torcedores. Entre as mulheres, a proporção das que se declaram torcedoras é de 74%, sendo que as que não se declaram torcedoras totalizam 26%.

Porém, como bem aponta Damo (2007a), a composição do sistema de relações entre torcedores e clubes no Brasil apresenta algumas tendências bem demarcadas que merecem algumas considerações.

Segundo o Instituto DATAFOLHA, em pesquisa realizada em 2007, em que foram ouvidos 11786 brasileiros – a partir dos 16 anos de idade – em 390 municípios do país, essa tem sido a evolução da preferência dos brasileiros por clubes de futebol (Tabela 02):

Tabela 02
Evolução do time de preferência
(Resposta espontânea e única, em %)

	10 a 11/11/ 93	19 a 20/06/ 00	25 a 28/06/ 01	07/06/ 02	15 e 16/08/ 02	09 a 11/12/ 02	08 a 12 e 15/12/ 03	14 a 17/12/ 04	20 e 21/10/ 05	01 e 02/02/ 06	23 e 24/05/ 06	14 e 15/08/ 07	26 a 29/11/ 07
Flamengo	17	19	18	17	15	16	16	16	16	17	15	17	17
Corinthians	10	12	11	13	12	13	12	11	13	13	13	12	12
São Paulo	7	7	7	7	7	7	7	7	7	8	8	8	8
Palmeiras	5	8	7	8	7	7	8	7	6	6	7	8	6
Vasco	4	5	7	5	6	5	5	5	5	5	4	5	6
Grêmio	3	3	4	4	3	4	3	3	4	3	4	4	4
Cruzeiro	3	3	3	3	4	3	4	4	4	3	3	3	3
Internacional (RS)	3	2	2	2	3	2	2	3	2	2	3	2	3
Santos	3	3	2	2	3	3	3	3	3	4	3	3	2
Atlético (MG)	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2
Botafogo (RJ)	1	1	2	2	2	1	2	1	1	2	1	2	2
Seleção Brasileira	2	3	1	4	0	0	*	*	2	*	3	1	2
Fluminense	1	1	1	2	2	1	2	2	2	2	1	1	1
Bahia	1	1	1	1	1	1	1	1	*	1	1	1	1
Vitória (BA)	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	1
Sport	1	1	1	1	0	0	*	*	*	*	1	1	1
Santa Cruz	1	1	1	0	0	0	*	*	*	*	0	1	0
Ceará	1	0	0	0	0	0	*	*	*	*	0	0	0
Outro	5	5	4	9	5	9	6	9	7	8	5	5	6
Nenhum	27	23	25	23	27	26	26	26	25	24	26	25	26

Fonte : Qual é o time de futebol de sua preferência?

Base : Brasil

0 = não atingiu 1% * não foi mencionado

Fonte: (Datafolha, Esporte,

http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=538, 19/12/2007)

A tabela mostra que há uma relativa estabilidade em relação às preferências por clubes de futebol no Brasil. Flamengo e Corinthians se mantêm, com certa folga, como os clubes mais lembrados no país. Um aspecto importante é que, embora os primeiros lugares sejam ocupados por clubes oriundos do eixo Rio - São Paulo, ao alargar a perspectiva de análise, notei a hegemonia de clubes de quatro estados e duas regiões do Brasil. Em que pese algumas oscilações relativas a outras pesquisas consultadas, pude notar a proeminência de clubes que atualmente participam da primeira e da segunda divisão nacionais – sendo que, fora a seleção brasileira, do primeiro ao décimo terceiro lugar, na preferência dos entrevistados, encontramos clubes das regiões Sudeste e Sul do Brasil.

Essa situação revela alguns aspectos importantes dos meandros da construção da meritocracia clubística no Brasil. Primeiro, “o circuito integrado pela elite dos clubes brasileiros, sobretudo a primeira divisão, reproduz a concentração da riqueza produzida no Brasil” (Damo, 2007a, p. 63). “Quanto a esse aspecto, a concentração do interesse por clubes do Sudeste/Sul não pode ser compreendida sem considerar que o clubismo¹³ não é alheio às variáveis sócio-econômicas”. (Damo, 2007a, p. 62).

Com efeito, a própria ordenação da primeira divisão do Campeonato Brasileiro, se comparada com os dados levantados pelo DATAFOLHA quanto à preferência por clubes de futebol no Brasil, revela, de um modo geral, essa proximidade entre a distribuição do PIB nacional e a distribuição afetiva dos torcedores em relação a seus respectivos clubes de coração. Dos vinte clubes que participam dessa divisão, onze são da região Sudeste (Atlético Mineiro, Cruzeiro, São Paulo, Palmeiras, Corinthians, Santos, Barueri, Santo André, Flamengo, Botafogo e Fluminense), cinco da região Sul (Atlético Paranaense, Coritiba, Avaí, Internacional e Grêmio), três do Nordeste (Vitória, Náutico e Sport Recife) – sendo esses clubes provenientes de Estados economicamente mais prósperos – e apenas um do Centro-Oeste (Goiás).

Outro aspecto a ser ressaltado é que há uma intensa participação das mídias esportivas nacionais – que representam um segmento importante no que diz respeito à constituição das falas autorizadas sobre esse esporte – na formação do público voltado ao futebol de espetáculo e na hierarquização de clubes sobre os quais vale à pena investir em torcer, discutir e consumir informações.

¹³ O conceito de clubismo, cunhado por DAMO (2007a) e que trabalharei com mais ênfase no segundo capítulo, está relacionado à passagem do indivíduo em pessoa de uma trama social e cultural que implica uma modalidade de conversão que funciona segundo um sistema de regras, tabus, rituais, crenças, às vezes um tanto rígidas, que colocam em funcionamento o pertencimento a um clube de futebol.

Existe, portanto, como dito anteriormente, uma forte correlação, no que diz respeito aos investimentos emocionais do torcedor em relação a seu clube de coração, entre a distribuição do PIB brasileiro, a participação das mídias esportivas nacionais no processo de constituição do público voltado ao futebol de espetáculo no país e a segmentação de uma elite clubística.

Porém, é importante destacar que, entre esses clubes da elite clubística nacional, há clubes como Barueri e Santo André – ambos do Estado de São Paulo – que possuem bem menos apelo afetivo do que o Bahia, ou o Santa Cruz de Recife. Esses últimos – embora citados na pesquisa DATAFOLHA – atualmente são participantes da segunda e quarta divisões do Campeonato Brasileiro, respectivamente.

Tal aspecto mostra a importância, para o pesquisador, de destacar o público que vai aos estádios, pois esse não o faz a partir de razões meramente esportivas. Segundo Damo (2007a), o que ocorre a caminho do estádio, em volta dele ou dentro do mesmo, é o afloramento dos sentimentos que estão na base de um engajamento que se constitui de antemão. Sendo assim, é fundamental compreender a produção e circulação das emoções dos torcedores para além do espaço-tempo do jogo propriamente dito, afinal nem toda a prática de futebol é considerada interessante pelo público e nem todo clube – em alguns casos, mesmo participante da primeira divisão do futebol brasileiro – é motivo de investimentos emocionais em larga escala.

Com efeito, se quisermos entender porque alguns jogos, mesmo da terceira ou quarta divisão do Campeonato Brasileiro, podem vir a ser um drama para certos indivíduos, e uma banalidade para outros, será preciso compreender os investimentos emocionais em torno das disputas futebolísticas. E isso só é possível nos perguntando pelos significados que constroem os pertencimentos clubísticos nos mais diversos contextos em que os diferentes clubes estão inseridos – seja o Flamengo na primeira divisão do Campeonato Brasileiro, seja o Sampaio Correa FC na terceira divisão desse mesmo Campeonato Brasileiro.

Assim, à luz do próprio Damo (2007a), considero que é importante ampliar os horizontes das pesquisas sociológicas acerca do clubismo. Temos que investigar, no Brasil, não apenas os clubes comumente referidos nas pesquisas quando se pergunta pelo clube de coração. Há clubes que ostentam certo apelo emocional e que participam das divisões inferiores do Campeonato Brasileiro, ou apenas dos circuitos estaduais, e ainda os clubes que integram tão somente os campeonatos semi-profissionais de futebol.

Construção do Objeto / Aspectos metodológicos

Como torcedor do Sampaio Corrêa Futebol Clube, desde criança frequento os campeonatos de futebol no Maranhão. Tendo familiares e amigos que se envolvem, ou se envolveram, diretamente com a dinâmica futebolística regional, desde cedo venho escutando e participando, cotidianamente, de histórias que influenciaram minha subjetividade a partir de uma sociabilidade vivida de modo particular, uma vez que intimamente relacionada à dinâmica do futebol profissional estadual.

Com efeito, minha pesquisa se desenvolveu em meio a uma constante tensão entre o necessário olhar antropológico, carregado de regras de ofício, e o olhar do torcedor, movido pelo prazer de torcer pelo Sampaio Corrêa FC e a paixão de defendê-lo quando necessário. Uma vez que, desde cedo, venho construindo noções do que seria o futebol no Maranhão e o que constituiria o verdadeiro torcedor do Sampaio Corrêa FC – obstáculos com os quais me deparei na construção do meu objeto de pesquisa – abordar um tema relacionado à dinâmica social do futebol maranhense tem se mostrado um desafio para mim.

As noções de familiar e de exótico têm sido, historicamente, alvo de importantes discussões no interior das Ciências Sociais – especialmente no que concerne à produção intelectual na Antropologia. No que diz respeito a esse ponto, cabe citar Velho (1978), para quem devemos, enquanto cientistas sociais, fazer um esforço de estranhamento do que nos é familiar, evitando assim pré-concepções desse próprio familiar como algo que poderia ser tratado, à priori, como próximo ou já conhecido. Sob essa perspectiva, a determinação, para o pesquisador, do que seria familiar ou exótico depende de tomarmos as nossas próprias evidências como objeto e problematizá-las, o que não é uma tarefa fácil.

Sendo assim, a minha maior pretensão nesse trabalho foi tecer um olhar sobre uma especificidade do futebol profissional no Maranhão, tendo como desafio elaborar um conhecimento crítico – baseado no que Bourdieu (2001) chama de conversão de olhar – a partir de uma visão de dentro do grupo, uma vez que sou torcedor do Sampaio Corrêa FC.

Com efeito, vejamos então como construí tal objeto de estudo e as dificuldades enfrentadas.

O futebol, enquanto manifestação inserida em relações sociais construídas historicamente, acaba sendo alvo de paixões dentro do campo esportivo. Para mim,

como torcedor – portanto inserido em de tal campo – sempre ficava patente (ou notório, claro) a ausência de uma organização considerada adequada pelos mediadores especializados do futebol no Maranhão.

Tal falta de organização poderia ser demonstrada, por exemplo, em campeonatos com cobertura televisiva restrita, em alguns casos até de rádio; infraestrutura, de diversas naturezas, comprometida, associada à falta de investimentos empresariais nesse setor esportivo; jogadores são apresentados, classificados, avaliados, como não possuindo a competência técnica exigida para a prática do esporte (esta falta de competência é apresentada pelos diversos agentes que avaliam o futebol maranhense com, por exemplo, os seguintes termos e expressões: “perna-de-pau”, “jogador tosco”, etc.); falta de um número expressivo de torcedores nas arquibancadas, etc.

Sob essa perspectiva de torcedor – portanto, à priori, apto a tecer comentários sobre as impressões que tinha nesse momento e a preferência que tenho por um ou outro clube – minhas primeiras interpretações me levavam a algumas representações a partir das quais gerei perguntas que sempre me pareceram fundamentais: No atual estágio em que se encontra o futebol maranhense, em quanto tempo entraríamos em falência definitiva? E, principalmente, quais as soluções para a salvação do futebol maranhense?

Identifiquei esse mesmo pensamento nos discursos de diversos agentes envolvidos no futebol no Maranhão. Tais discursos apontam para o fato de que, no Maranhão, o futebol se diferenciaria das visões legitimadas sobre o futebol no Brasil, visto que se caracterizaria pela ausência tanto do chamado futebol-arte, como do processo de modernização futebolística nacional, iniciado em meados dos anos 1970. Tal fato levou-me a perceber a imagem do futebol no Maranhão atravessada pela lógica do futebol nos grandes centros que são ditos, pelos mediadores especializados, como o futebol legitimamente brasileiro.

Porém, esse primeiro foco de interpretação não se apresentou como uma verdade absoluta, pois quando iniciei, durante a graduação em Ciências Sociais, uma observação direta mais atenta do contexto futebolístico regional, ainda sem entrevistas, percebi que mesmo em um cenário que eu considerava, à priori, falido, há a construção, pelos agentes locais, de embates interessados em definir as regras e os valores dominantes nesse contexto, bem como de laços de identificação e representação através, também, dos problemas por eles apontados a partir do(s) discurso(s) legitimado(s) acerca de um futebol ideal no Brasil.

Tal contexto de disputas acaba, a meu ver, por constituir um cenário específico, com suas experiências, embates e construções sociais, dentro de um espaço próprio no futebol regional, com situações divergindo social, política e economicamente do que se constituiria como o futebol brasileiro.

Com efeito, a partir dessa primeira observação mais aprofundada, iniciei minhas investigações sobre o futebol enquanto fenômeno social. Nessa oportunidade, tive como objetivo de pesquisa realizar uma discussão acerca da (re)construção conceitual da brasilidade futebolística nas Ciências Sociais. Como resultado desse esforço de investigação construí uma monografia de graduação (RÊGO, 2008) onde problematizei em que medida parte dos intelectuais das Ciências Sociais – desde seus precursores – que estudam o futebol e suas implicações culturais para a construção de uma identidade nacional no Brasil também participam da (re)construção da identidade futebolística nacional.

Foi a partir dessa primeira fase investigativa, em que ainda estive ancorado em análises de caráter macro, que a realização de estudos que problematizam o futebol enquanto um dos símbolos de identidade nacional brasileira me levaram a refletir sobre a complexidade das relações que perpassam as especificidades locais desse esporte em nosso país.

Dessa forma, inicialmente, procurei realizar uma revisão da literatura especializada. Consultei, então, trabalhos acadêmicos sobre futebol no Brasil e no Maranhão e documentos – produzidos pela imprensa esportiva, torcidas organizadas, sites eletrônicos de times, etc. – referentes à temática em discussão.

É importante ressaltar que a bibliografia sobre o futebol no Maranhão é bastante reduzida, o que dificultou o diálogo com prováveis outras interpretações do fenômeno que tenho me proposto a analisar. Quanto ao futebol no Maranhão, existem basicamente três trabalhos (MARTINS, 1989; VAZ, 2000a; VAZ, 2000b; CARVALHO, 2009), e esses procuram analisar o contexto social até os anos 1930.

No segundo semestre de 2007, com o objetivo de começar minhas primeiras observações específicas sobre a dinâmica social do contexto do futebol profissional no Maranhão, ainda sem compromissos acadêmicos, me inscrevi no 1º Seminário de Atualização do Futebol Maranhense, organizado por dois jornalistas esportivos. Tendo a participação de representantes da Federação Maranhense de Futebol, dirigentes de clubes, jornalistas, torcedores, etc., esse seminário se propunha a por em pauta de discussão a atual situação técnica e econômica do futebol profissional maranhense.

Nesse momento, aproveitei a oportunidade para me aproximar das discussões travadas entre os diversos agentes que fazem parte do futebol no estado. Ainda sem um objeto de estudo concretizado, procurei visualizar os interlocutores principais e definir o que exatamente estava procurando no futebol maranhense.

Foi a partir desse seminário que consegui meu primeiro contato com um torcedor boliviano, José (**nome fictício**). Tomei a decisão de me aproximar porque ele se mostrou muito atuante em suas intervenções, chegando a levantar a possibilidade da criação de uma associação de torcedores do futebol maranhense, com o intuito de organizá-los no sentido de fiscalizar e exigir ações para a melhoria do futebol no Estado.

A partir de então, construí um projeto de pesquisa intitulado **“O “Não-Futebol” maranhense hoje: vivências, contradições e representações”** em que me propunha a investigar as distintas classificações acerca do futebol nacional e maranhense. Que classificações são essas? Quais seus fundamentos? Quais seus condicionantes históricos, econômicos, políticos? Quem as produz e em que momento? O que essas classificações condicionam, na prática, isto é, que consequências práticas isto acarreta? Quem detêm a(s) fala(s) autorizada(s)? Quem são os experts? Qual o peso da movimentação de outros agentes sociais (torcida, por exemplo)? Enfim... Quais os parâmetros em jogo?

Mantive-me tentando pensar essas questões durante quase todo o primeiro ano do mestrado. Ainda sem foco, tive como primeiro objetivo de pesquisa fazer uma análise histórica dos embates acerca das classificações legítimas sobre o futebol profissional no Maranhão entre os diferentes agentes que o compõem. Passei, então, algum tempo do início do mestrado visitando a biblioteca pública Benedito Leite para pesquisar em jornais esportivos do estado, do passado e do presente.

Porém, ao perceber minhas dificuldades em trabalhar tantas questões no exíguo tempo que eu tinha para efetuar a pesquisa de mestrado e a necessidade de otimizar esse próprio tempo, decidi eleger como foco de pesquisa um sub-grupo de agentes do contexto futebolístico maranhense: os torcedores do Sampaio Corrêa FC.

Essa escolha ocorreu por dois motivos principais. Primeiro, em minhas pré-concepções sobre a dinâmica do torcer para o Sampaio Correa, me parecia que eu, como torcedor boliviano, não teria problemas em me aproximar de prováveis informantes. Depois, também a partir dessas mesmas pré-concepções, achei que seria muito difícil

conseguir contatos em torcidas de outros clubes, principalmente a do Moto Club¹⁴. Ou seja, até o momento dessa escolha eu estava seguro quanto a minha condição de verdadeiro representante de uma, imaginada à época por mim, forma legítima de ser boliviano.

E foi exatamente quanto ao questionamento dessa segurança de torcedor boliviano que essa escolha se mostrou muito importante. As dificuldades que passei para me aproximar de algumas camadas da torcida, como demonstrarei mais a frente, foram fundamentais para que eu pudesse relativizar minhas próprias concepções. Comecei, então, a explorar o próprio mundo a que, a partir de então, eu me via como só uma parte, pois nunca havia sido torcedor de participar de muitas rodas de conversas, nem nunca havia tido contato com nenhum setor organizado da torcida. Com efeito, foi só no transcorrer da pesquisa que percebi que iria ter que sair da posição cômoda de ser boliviano para que eu pudesse interpretar outras formas de ser boliviano, com as quais eu não tinha a menor familiaridade.

O futebol é um ritual performático que, assim como os demais esportes, pode ser interpretado desde o ponto de vista da atuação de diferentes agentes sociais envolvidos: atletas, torcedores, mídias, cartolas, etc.

No que diz respeito ao público que acompanha os respectivos clubes de coração, o futebol – constituindo, no Brasil, um fato social de grande apelo popular – informa os gostos e os interesses do seu público, os parâmetros que orientam o comportamento individual e coletivo dos apaixonados. Todavia, nem todos os espetáculos futebolísticos despertam o mesmo grau e extensão quantitativa de interesse. Dessa forma, cabe uma pergunta fundamental: afinal, o que desperta, em um determinado contexto, o interesse do público e o sentimento de pertencimento dos torcedores aos seus clubes de coração?

Tentar responder, ou mesmo compreender, tal questão, como bem aponta Damo (2007b), merece que nos reportemos a algumas considerações sobre a Briga de galos em Bali (Geertz, 1989). Seguindo a perspectiva geertziana, pode-se dizer que compreenderemos algo sobre a cultura brasileira, e mesmo regional, observando os comportamentos em torno do campo, da mesma forma que se observa a rinha de galos em Bali.

¹⁴ O Moto Club de São Luís surgiu no dia 13 de setembro de 1937, com o nome de Ciclo Moto. Seus fundadores tinham o objetivo de participar de modalidades de motociclismo e ciclismo, bastante praticadas naquela época. No entanto, é no futebol que esse clube alcança notoriedade no Estado do Maranhão.

Para tanto, é necessário apreender certos códigos do embate, como é o caso das regras e das apostas, para saber diferenciar um galo bom da sua imitação, coisa que apenas os iniciados estão aptos. Sendo assim, os homens não fazem suas apostas pensando apenas no lucro econômico que poderão obter, mas respeitando certos códigos sociais. O jogo que vale a pena é aquele que põe frente a frente galos (atletas) de boa linhagem e seus donos de status elevado (clubes tradicionais). O risco e a excitação decorrem dessa combinação.

Cabe, então, ao pesquisador, interpretar – já que, como aponta o próprio Geertz (1989), não temos acesso direto ao discurso social bruto, a não ser marginalmente, ou muito especialmente, mas apenas àquela pequena parte dele que os nossos informantes nos podem levar a compreender – o conjunto de disposições que fazem o futebol ser, em um determinado contexto, uma prática que vale a pena para determinados públicos que torcem por determinados clubes, e isso só se aprende a fazer frequentando os jogos, discutindo, lendo, e, principalmente, conversando.

Assim, o estar nos jogos foi pressuposto para encontrar os ditos torcedores fanáticos e adentrar o tempo do cotidiano, em que se "discute futebol", o que, de certo modo, abriu canais de acesso, pois foi fundamental para que eu encontrasse informantes. A partir desses contatos, fui, então, ampliando os canais de experiência próxima através de: observações, conversas, convivência nos bares, viagens a jogos fora de São Luís, etc.

Para tanto, elegi o estádio de futebol Nhozinho Santos¹⁵ (**Foto 01**) – localizado no bairro Vila Passos, próximo ao centro do São Luís – como espaço privilegiado para minhas observações iniciais. Tal escolha se deu porque este estádio, desde o fechamento das portas do estádio Castelão¹⁶, em 2003, tem sido o único espaço utilizado para a realização de jogos dos campeonatos de futebol profissional em São Luís.

¹⁵ O Estádio Municipal Nhozinho Santos foi inaugurado em 1 de outubro de 1950 em São Luís, Maranhão. É de propriedade da Prefeitura Municipal de São Luís do Maranhão. Seu nome homenageia Joaquim Moreira Alves dos Santos (Nhozinho Santos), pelas mãos do qual ocorreu o nascimento das atividades esportivas no estado.

¹⁶ O Estádio Governador João Castelo, simplesmente conhecido como Castelão, foi inaugurado em 5 de fevereiro de 1982, em São Luís, e é de propriedade do Governo Estadual do Maranhão. Atualmente encontra-se fechado para reforço em sua estrutura e reforma geral, estando sua reabertura prevista para o ano de 2010.

Foto 01

Fonte: <http://mavalem.sites.uol.com.br/ma/SaoLuis2.htm>

Durante o primeiro ano do mestrado fiz várias incursões a essa praça esportiva, sendo estas inicialmente baseadas na observação direta e na descrição.

Nesse primeiro momento, decidi ir aos jogos sem estar vestido com a camisa do Sampaio. Tomei tal estratégia de pesquisa com o objetivo de manter, pelo menos inicialmente, certo distanciamento psicológico¹⁷ do objeto que me propunha a estudar, haja vista a necessidade que eu, como pesquisador, tinha de fazer uma análise mais crítica de minhas próprias impressões.

Dessa forma, o não estar identificado como torcedor de qualquer clube – tanto a partir de minha ótica como a partir da ótica dos outros torcedores – me pareceu, àquela época, uma oportunidade para que eu pudesse tomar uma posição relativamente alheia às emoções engajadas que circulavam aqueles eventos futebolísticos.

Os jogos – seja do Campeonato Maranhense, seja dos campeonatos nacionais – são realizados normalmente às quintas feiras à noite ou aos domingos à tarde. Tais dias da semana parecem ser considerados, segundo os discursos de representantes da Federação Maranhense de Futebol e de jornalistas esportivos locais, os melhores em presença de público, uma vez que a quarta e o sábado são dias em que o ludovicense¹⁸ não gosta de ir ao estádio.

¹⁷ Quanto a esse aspecto, é interessante consultar ERICEIRA (2009), quando informa como, sendo torcedor da Escola de Samba Salgueiro (RJ), procedeu em relação à construção de sua pesquisa sobre a reconstrução do passado da Escola de Samba Portela (RJ) na rede mundial de computadores e nas rodas de samba.

¹⁸ Ludovicense é o termo adotado para denominar as pessoas que nascem em São Luís do Maranhão.

Desde algumas horas antes dos jogos, torcedores dos times envolvidos na disputa do dia já começam a chegar ao local e se alojar nas ruas e bares situados em volta da Praça Catulo da Paixão Cearense, em frente ao Nhozinho Santos.

Tal processo de chegar para acompanhar o jogo, que a primeira vista poderia demarcar somente um momento de passagem, transforma essas ruas e bares em volta do estádio em palcos do início de diferentes dinâmicas sociais de afirmação de identidades e disputa pelos espaços disponíveis.

Uma vez que a dinâmica de afirmação de identidades e organização desses espaços varia de acordo com as camadas de torcedores envolvidas e seus diferentes contextos de disputas, é importante que eu apresente, a seguir, algumas considerações quanto a esse aspecto:

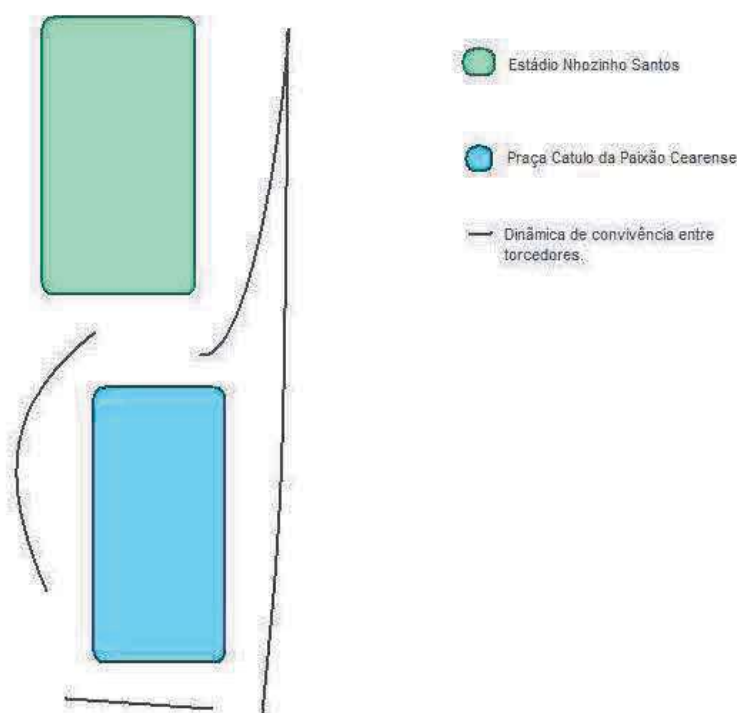
Fora do estádio, existem, basicamente, dois grupos principais de disputa que se encontram em constante relação nos mesmos espaços.

Um, relacionado à convivência entre os torcedores que não participam de torcidas organizadas, parece se caracterizar por uma fluidez quanto a demarcação de territórios e fronteiras. Entre esses, mesmo que eu pudesse perceber a reunião de grupos concêntricos de torcedores identificados a um determinado clube, chegando mesmo a poder classificar alguns como “bolivianos” ou “motenses¹⁹”, por exemplo, essa divisão é, a todo instante, perpassada por outros tipos de relações sociais, como laços familiares, profissionais ou de amizade, por exemplo.

Com efeito, no que diz respeito a esses torcedores, não é incomum podermos perceber bolivianos e motenses – pais e filhos, ou amigos de trabalho, etc. – sentados juntos tomando uma cerveja e discutindo sobre seus times, sobre quem vai ganhar, ou sobre qual clube tem mais tradição. Nessa perspectiva, as disputas entre os torcedores parecem ser caracterizadas por uma teatralidade jocosa de afirmação do pertencimento, ou seja, o pertencimento a um ou outro clube sendo afirmado a partir de brincadeiras e piadas que permitem uma maior fluidez no que diz respeito aos espaços de cada grupo (**Ilustração 01**).

¹⁹ Motenses é como, comumente, se autodenominam os torcedores do Moto Club de São Luís.

Ilustração 01 – Dinâmica de convivência entre torcedores que não participam de torcidas organizadas.

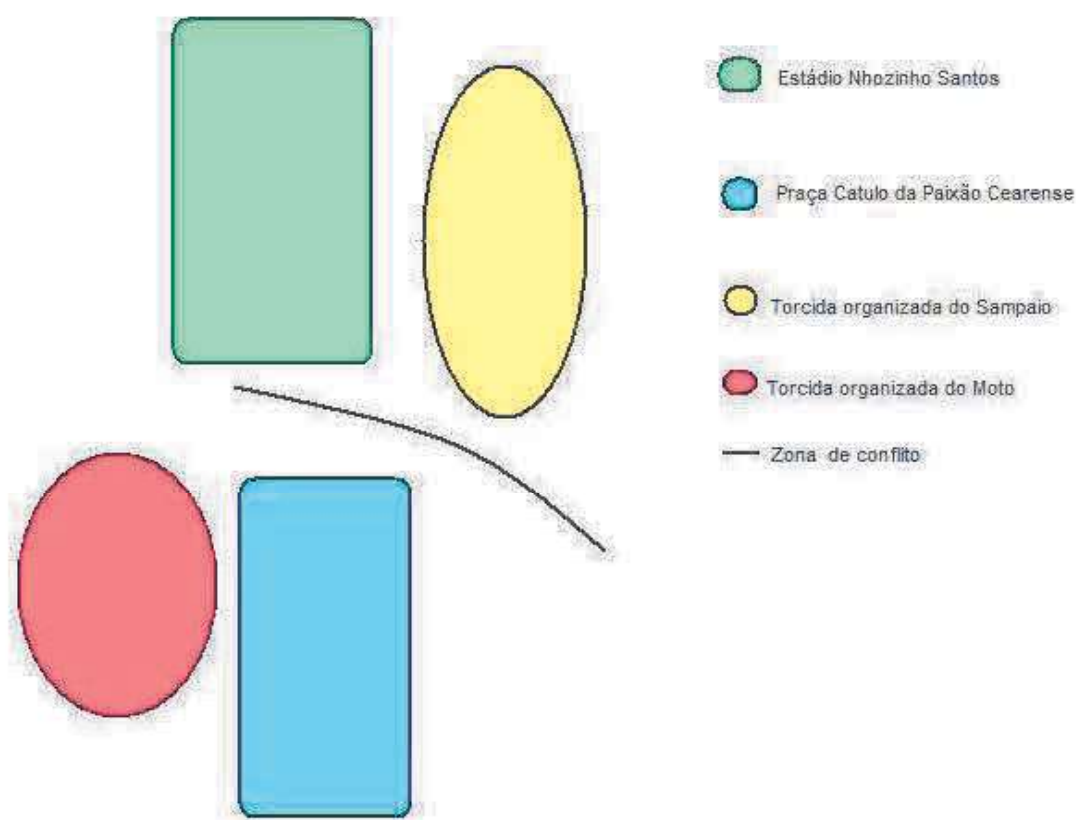


Já quanto a uma parte²⁰ das torcidas organizadas, as disputas identitárias por espaços parecem ser menos fluidas. Essas constituem territórios em que cada torcida tem seu espaço com fronteiras bem demarcadas e entre esses espaços são formadas zonas de embate em que, de tempos em tempos, aparecem conflitos (**Ilustração 02**). Essa dinâmica de disputa é característica dos jogos entre Sampaio e Moto – considerados pelos diversos agentes que constroem o futebol maranhense como “o clássico” entre os dois maiores rivais do futebol local.

Com efeito, se algum torcedor boliviano ou motense, participante de uma dessas organizadas, atravessar a zona limite entre o território de uma e outra, iniciam-se verdadeiras batalhas – em que são utilizados paus, pedras, foguetes, etc. – a fim de demonstrar qual torcida é a mais poderosa e, conseqüentemente, possui a dominância do maior número de espaços disponíveis.

²⁰ Digo uma parte porque essa própria disputa não representa todas as organizadas. Inclusive é motivo de disputa, como apontarei no capítulo dois, entre organizadas de um mesmo clube. Essa dinâmica é notadamente característica das torcidas Tubarões da Fiel, relacionada ao Sampaio Correa Futebol Clube, e Moto Folia, relacionada ao Moto Club de São Luís.

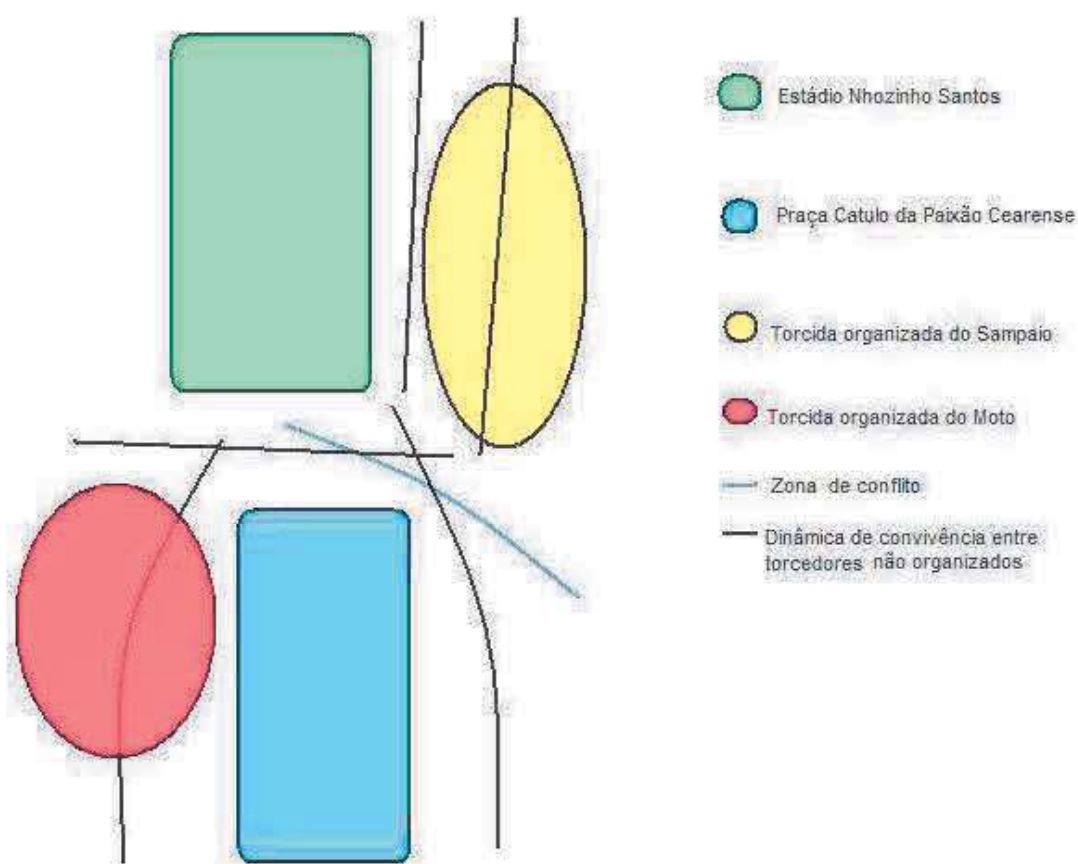
Ilustração 02 – Disputa de território entre torcidas organizadas



No que diz respeito ao lado de fora do estádio – principalmente na Praça Catulo da Paixão Cearense – essas duas dinâmicas de disputa convivem nos mesmos espaços, porém não parecem se relacionar. As demarcações de terreno por parte de algumas torcidas organizadas não parecem influenciar na relação entre essas e os demais torcedores, e a recíproca é verdadeira. As proibições de passagem por certos territórios só são válidas entre os próprios torcedores das organizadas, não chegando a valer para os demais torcedores, seja de que clube for. Os demais torcedores, a partir da perspectiva dos participantes das organizadas, são considerados como apenas torcedores comuns, sobre os quais não vale a pena discutir

Com efeito, é comum podermos ver, por exemplo, torcedores bolivianos identificados com camisas do Sampaio Correa, porém não participantes de nenhuma organizada, tomando uma cerveja e conversando na área demarcada, entre essas torcidas, como território da torcida organizada do Sampaio Correa, e vice-versa. (Ilustração 03)

Ilustração 03 – Convivência entre diferentes grupos de torcedores

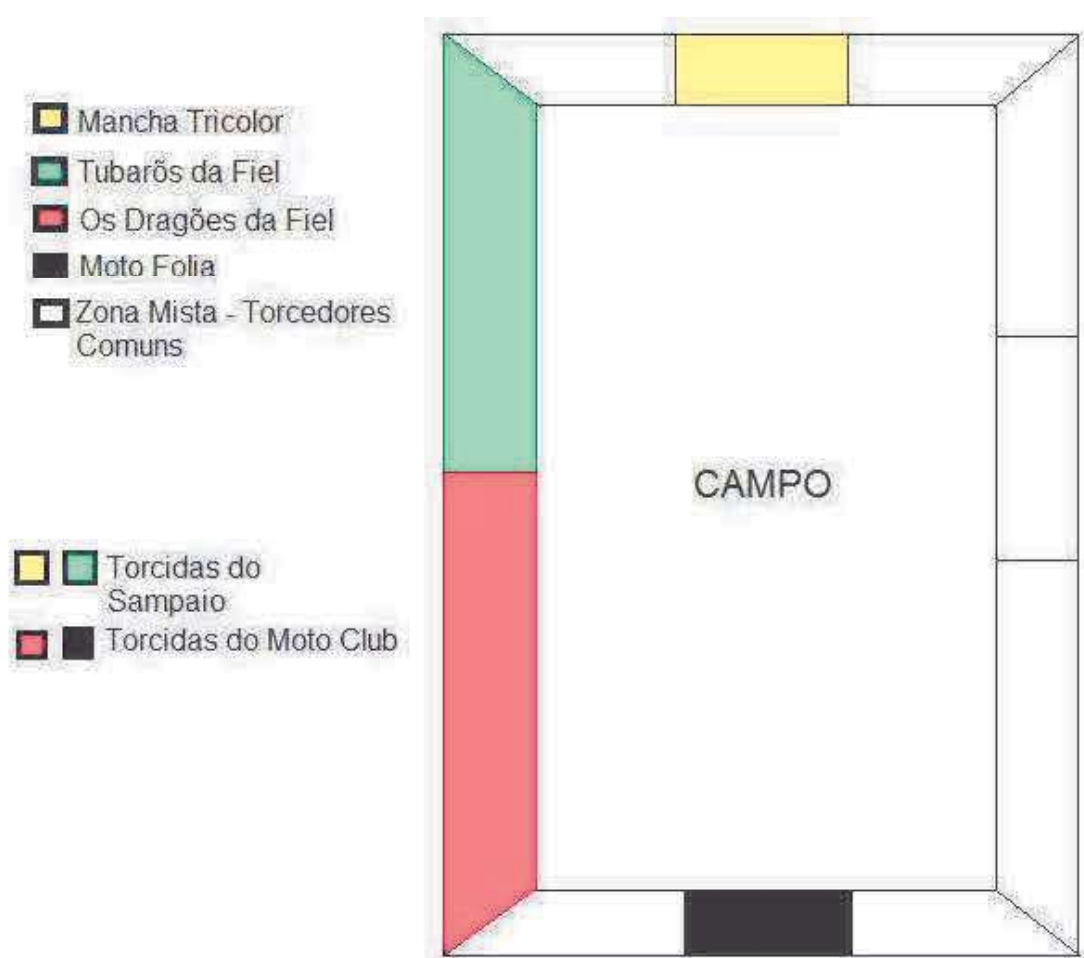


Já dentro do estádio, essas dinâmicas de disputa identitária são reproduzidas, porém com uma configuração diferente. Uma vez que o estádio é o palco literal de embate dos clubes com os quais os torcedores se identificam, o trânsito livre do torcedor comum não é permitido nas zonas das torcidas organizadas. Existem, portanto, espaços específicos que conformam zonas de convivência mista e espaços específicos em que os territórios e suas fronteiras devem ser muito bem demarcados. Não cabe mais, então, misturar.

Cada torcida entra por uma entre as duas entradas do estádio. Já dentro do estádio, as torcidas organizadas do Sampaio Correa FC ocupam alguns espaços das arquibancadas no fundo do estádio. Já as torcidas do Moto Club ficam situadas em alguns espaços na frente. Essas divisões costumam ser respeitadas por seus integrantes. Porém, pude perceber que, dependendo da dinâmica do jogo em campo – se está mais disputado ou em um momento “mais morno” –, muda também a dinâmica de disputa entre as torcidas organizadas. Em momentos mais calmos, tais torcidas disputam através

de cânticos que visam atacar, principalmente, a história e a qualidade do time que representa o clube adversário e a masculinidade dos integrantes das organizadas rivais. Nos momentos em que os ânimos ficam mais acirrados, chegam acontecer enfrentamentos físicos, principalmente na área entre as torcidas Os Dragões da Fiel²¹ e Tubarões da Fiel²², que ficam lado a lado. Nas principais disputas, policiais formam cordões de isolamento com o objetivo de evitar o contato entre os torcedores organizados dos dois clubes. **(Ilustração 04)**

Ilustração 04 – Organização das torcidas dentro do estádio



Tendo em conta tais observações iniciais, tentei começar alguns contatos nas arquibancadas, durante o transcorrer dos jogos. Tal metodologia de pesquisa não se

²¹ Torcida organizada mais antiga em atividade no Maranhão, foi fundada em 06 de junho de 1982 por um grupo de torcedores do Moto Club de São Luís.

²² Fundada em 16 de maio de 2000, atualmente a Tubarões da Fiel é a maior torcida organizada do Sampaio Correa, em número de participantes.

mostrou produtiva, pois percebi que, estando o jogo acontecendo, não conseguia angariar conversas mais duradouras.

Portanto, uma vez que retirar a atenção dos torcedores para conversas sempre durava apenas alguns segundos, tomei como estratégia manter contato nos bares de dentro do estádio.

Esses bares são utilizados, durante os intervalos dos jogos, para a manutenção de conversas sobre os mais variados assuntos: laços familiares, histórias de suas vivências com o futebol, disputas entre torcidas, influência da política local sobre o futebol, o chamado atraso do futebol maranhense, problemas enfrentados diariamente, sobre a própria satisfação de ser fiel ao seu time de coração e ao futebol maranhense, etc.

Foi nesse espaço de tempo entre os tempos das partidas – em que se discute não só sobre jogo propriamente dito, mas também sobre o cotidiano – que pude tentar me aproximar de vários torcedores envolvidos com futebol maranhense, mais especificamente com o Sampaio Correa FC.

Com efeito, foram nesses bares que eu, como pesquisador e torcedor, inicialmente me apresentei e me expus. Consegui, então, diferentes canais de informação e aceitação de acordo com os diferentes grupos de torcedores envolvidos, o que acabou, com o tempo, expondo, também, as peculiaridades de suas dinâmicas de organização.

Quanto a esse aspecto, é interessante notar que a dinâmica de organização de cada bar também muda de acordo com o grupo de torcedores que o frequenta – o que demandou, então, a adoção de diferentes estratégias de aproximação para a realização da pesquisa.

Nos bares que não são identificados como de torcidas organizadas as conversas se dão, principalmente, em torno de pequenos grupos. Cada grupo compõe uma unidade interacional mínima nesse contexto, que, mesmo conservando relativa autonomia em relação aos outros, acabam, em muitos momentos, se misturando, principalmente quando estão em pauta comentários sobre o jogo do dia.

Uma característica marcante desses bares é que, uma vez que não são identificados com uma torcida organizada em especial, acabam tendo mais liberdade para o trânsito de torcedores de diferentes clubes.

Tomei, então, como primeira estratégia me aproximar dos donos dos bares, como foi o caso de Seu Pezão. Esse convidou-me para sempre voltar ao seu bar, visto

que iria me indicar as pessoas que ele considerava como “grandes torcedores bolivianos”. Tais torcedores, segundo ele, não faltavam a nenhum jogo do Sampaio e sempre estavam lá tomando um chopp no intervalo. Esse contato facilitou meu trânsito no bar e o foi fundamental para que eu abrisse canais de acesso e encontrasse informantes não participantes de organizadas, como Amaral, Raimundo, Ricardo e João **(nomes fictícios)**.

Já nos bares que são identificados com algumas torcidas organizadas, as conversas, costumeiramente, se dão em torno de grandes grupos, no máximo 2 ou 3. Praticamente não existe o trânsito de torcedores de outros clubes e há muitas conversas sobre como organizar a torcida, sobre gritos de guerra, sobre como as torcidas organizadas rivais parecem se comportar e, principalmente, como manter a dinâmica de rivalidade sem que se iniciem embates com a polícia.

Nesses bares, os torcedores que não se identificam com nenhuma organizada costumam somente comprar cerveja e saírem. Minha presença constante, inicialmente, causou certo estranhamento, chegando a me perguntarem: quem tu és? Nunca te vi. Respondi que era torcedor do Sampaio Corrêa e que queria fazer uma pesquisa sobre o torcer por esse clube.

Os integrantes dessas torcidas se mostram bastante desconfiados, e estar com a camisa do Sampaio Correa foi fundamental para que eu pudesse angariar as primeiras aproximações. Chegar sem camisa – a não ser que esteja acompanhado de pessoas que mostrem seu pertencimento – parece ser considerado como uma presença neutra, com a qual não vale a pena gastar muito tempo nas conversas, pois essa pessoa não saberia o espírito do torcedor boliviano.

Mesmo assim, foi difícil a aproximação. Tive muitas demonstrações contra minha presença e meu trabalho. Antes de ser visto como um par, e possível pesquisador, eu era apontado como mais um “torcedor comum” do Sampaio Correa, ou seja, um ente estranho àquela dinâmica social que, pra eles, representa não apenas um torcedor, mas aqueles torcedores que brigam e dão o suor pelo clube.

Tal situação foi interessante, uma vez que percebi que para continuar minha pesquisa e ser aceito como pesquisador e torcedor, eu tive que criar estratégias de aproximação que demonstrassem a minha presença no dia a dia como torcedor boliviano. Apresentar-me somente como um pesquisador/torcedor que esporadicamente iria fazer perguntas não bastava.

Tal momento da pesquisa foi importante para que eu questionasse minhas próprias concepções do que seria legítimo enquanto ser boliviano no dia a dia. Essa conversão de olhar demandou a descoberta de outras convivências que eram aceitas como do verdadeiro boliviano. Foi então que ampliei os contextos em que construí minha pesquisa.

Entre os novos canais de discussão sobre a condição de torcedor que frequentei, está o intitulado Sampaio Corrêa FC²³, situado na rede virtual de relacionamento Orkut²⁴. Nesse canal, membros das mais variadas camadas de torcidas bolivianas constantemente debatem sobre a condição de torcedor do Sampaio Correa, futuro da equipe, relações políticas influenciando o clube, papel do Sampaio Correa no cenário futebolístico nacional, etc.

Comecei a participar desse espaço de discussão a partir do início de 2009. Procurei tomar uma posição ativa com os demais participantes sobre o ser torcedor do Sampaio Correa, sobre rivalidades, expectativas da torcida, relação de torcedores com dirigentes, visão sobre a administração do clube, etc. Tomei essa postura de participação como uma forma de me posicionar e mostrar que também sou boliviano.

Foi a partir de minha participação nesse canal de discussão sobre o Sampaio Correa no Orkut que angariei meu primeiro contato real em um evento reservado a torcedores de uma torcida organizada. Nessa oportunidade fui participar de uma reunião da Tubarões da Fiel, ocorrida em um bar localizado no bairro Cidade Operária, para acompanhar, pela televisão, o jogo do Sampaio Correa contra o Rio Branco/AC pela segunda fase da série C do Campeonato Brasileiro, em 2009.

Quando passei por esse acontecimento, lembrei-me novamente do texto de Geertz (1989) sobre a briga de galos balineza, onde ele relata ter saído correndo da polícia junto com os atores sociais, e após isso estes começaram a olhá-lo com outros olhos. De certo modo, passei por uma situação semelhante, em que um ato aparentemente simples (ter ido assistir a um jogo) abriu portas de acesso a aceitação, proporcionando o contato com um torcedor que se mostrou bastante atuante nas conversas entre os participantes dessa torcida, Raniere (**nome fictício**).

²³ Esse canal de discussão foi fundado em 3 de dezembro de 2004 e conta, atualmente, com 4.321 membros. Seu endereço eletrônico é <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=851541>.

²⁴ O Orkut é uma rede social ambientada na internet, criada em 24 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google.

Finalmente, tendo percebido a importância de conseguir discursos de representantes de outras organizadas, aproveitei meu contato com José (**nome fictício**), que já havia participado de algumas reuniões com torcedores da torcida organizada Mancha Tricolor, para conseguir uma entrevista com um dos diretores da mesma, Paulo (**nome fictício**).

Dessa forma, aliando antigos e novos meios de discussão sobre o futebol, pude escolher informantes chave de vários nichos da torcida. Com isso, tentei, na medida das possibilidades do tempo do mestrado, entrevistar diferentes participantes da torcida do Sampaio Correa.

Após o estabelecimento dos primeiros contatos iniciei as entrevistas. É importante frisar que tomei como base pra a escolha dos entrevistados somente as conversas informais que tive durante a fase de aproximação com contatos da pesquisa.

Uma vez que eu procurava diferentes discursos acerca de experiências de torcer pelo Sampaio Correa, e não uma forma legítima desse torcer, não tive a preocupação em tomar como informantes privilegiados, por exemplo, líderes de torcidas organizadas ou participantes que tenham maior contato com diretoria.

As entrevistas, em sua grande maioria, aconteceram nas casas dos entrevistados e duravam entre 50 minutos e 1 hora e meia. Somente a entrevista com o jovem torcedor participante de torcida organizada, Raniere (**nome fictício**), foi realizada via internet, uma vez que esse alegou que seria mais cômodo para ele.

Utilizei entrevistas não-diretivas. A entrevista não-diretiva apresenta como vantagens, tendo em conta a particularidade da análise qualitativa, os seguintes elementos: a) evitar a predefinição das respostas pelas perguntas formuladas pelo entrevistador, b) limitar ou mesmo impedir a incorporação forçada de categorias pré-formuladas e, c) realçar os conteúdos formulados pelos informantes.

Dessa forma, tomei como metodologia lançar questões e deixar os entrevistados falarem. Tentando transformar as entrevistas em conversas informais visei captar os discursos disponibilizados pelos torcedores sobre o Sampaio Correa FC enquanto representação (construção social) de situações vividas, extraídas dos acontecimentos cotidianos. São os informantes os principais canais de acesso para entender a dinâmica do pertencimento boliviano.

Interessante questão em relação à fase de entrevistas da pesquisa foi que essa acabou se tornando, entre os entrevistados, uma espécie válvula de escape para a demonstração das dificuldades do futebol maranhense no momento. A presença do pesquisador, enquanto torcedor do mesmo clube, parecia ser interpretada como um canal em que os entrevistados poderiam soltar suas mágoas com em relação à situação do futebol no Maranhão, atualmente, principalmente contra seus administradores.

Rapaz, nossa situação aqui no Maranhão tá braba. Esse bando de corrupto que tomou conta da administração nosso futebol deviam tá é tudo atrás das grades. Só ladrão safado. Quanto mais a gente puder falar da decadência que a gente tá passando melhor. Tomara que essa tua pesquisa aê mostre a desgraça que é a realidade que nós torcedores estamos tendo que passar nesse futebol aqui do nosso estado. (João, 04/12/2009).

Por fim, para resguardar o sigilo da fonte, visto que há disputas fortíssimas sobre o que vem a ser o “verdadeiro torcedor”, adotei nomes fictícios aos meus informantes. Abaixo segue a lista:

Tabela 03 – Lista de informantes

Informante	Posição Ocupada
José	Torcedor boliviano de meia idade.
Paulo	Torcedor de torcida organizada
Amaral	Torcedor boliviano de meia idade
Raimundo	Antigo torcedor boliviano
Ricardo	Jovem torcedor boliviano
Raniere	Jovem torcedor de torcida organizada
João	Torcedor boliviano de meia idade

Feita essa discussão preliminar quanto alguns aspectos teórico-metodológicos, início, no capítulo um, a apresentação dessa investigação antropológica ao discutir, a construção do futebol enquanto categoria de análise social, inserida dentro de contextos específicos e que ganha, portanto, significados muito peculiares. Com efeito, procuro discutir interpretações do futebol no Brasil e em que medida influenciam o compreender as diversas vivências locais futebolísticas – inclusive no que diz respeito

às diferentes dinâmicas das emoções engajadas dos torcedores pelos diferentes clubes de futebol no país.

Já no segundo capítulo, em que procuro introduzir a discussão específica sobre o Sampaio Correa FC e o pertencimento clubístico relacionado a esse clube, tento abordar o pertencimento clubístico como uma posição social peculiar que torna o torcer uma participação política particular. Cabe, então, ao pesquisador, interpretar as diferentes dinâmicas sociais que tornam cada torcedor de um certo clube um comentador, um crítico autorizado para falar dos clubes e opinar a partir de um referencial, como torcedor pertencente a um determinado grupo, embora seja possível discutir-se futebol em termos abstratos.

Por fim, apresento as considerações finais e referências bibliográficas.

1. Que comece o jogo! Futebol, clubismo e identidades.

O ano de 1863 marcou a data da codificação do Association Football²⁵ por jovens londrinos. Segundo Damo (2007a, p. 35), entre os motivos que levaram à codificação, encontram-se pelo menos dois fatores fundamentais: a) o desejo dos jovens londrinos de diferenciar a modalidade football association de outras práticas – sobretudo em relação a uma delas que, depois de codificada, combinaria o uso dos pés e das mãos: o football rugby; e b) os agentes da codificação, quase sempre internos ou egressos de Public Schools, desejavam tornar-se referência em relação a outros grupos com os quais competiam em termos de status.

Porém, ao procurarmos vislumbrar dimensões mais amplas – histórico-estruturais – do processo de codificação, o próprio Damo (2007b) coloca que a codificação das regras do football association, até então suscetíveis aos interesses situacionais e às tradições locais, demarcam uma ruptura que transcende à maneira de praticar o jogo:

(...) o football association poderia superar as idiossincrasias locais, expandindo-se por intermédio de circuitos de competições regulares e abrangentes. Nesse sentido, a codificação não é a causa ou o motor da disseminação em massa de uma dada maneira de praticar os sports, mas um dispositivo de desconexão parcial das práticas em relação às influências locais e regionais, impulso decisivo para a constituição de uma cultura esportiva globalizada. (DAMO, 2007b, p. 35).

Sob essa perspectiva, continua o próprio Damo (2007b, p. 36):

(...) a relação que se pode estabelecer entre o football association e as formas de football não codificadas - por vezes tratadas como folk football ou jogos pré-modernos - é análoga à maneira como se processou a codificação das línguas oficiais em certos Estados-Nações que caracterizavam-se pela diversidade de práticas em seus territórios. A codificação não implicou, efetivamente, no desaparecimento das práticas locais e, nesse particular, a analogia com as línguas oficiais é ainda pertinente. Apenas não existiu, em relação aos esportes, uma instituição com o poder de coerção tal qual o Estado, cuja influência foi determinante para impor os idiomas oficiais, não raras vezes contra a resistência da população. No caso do association e do rugby, as agências e os agentes à testa da diáspora usaram a persuasão como estratégia, impondo a versão codificada lá onde tais práticas não eram propriamente estranhas - em toda a Grã-bretanha e mesmo na Itália, onde se praticava o calcio - e disseminando a versão oficiososa em regiões nas quais os futebolis eram até então desconhecidos. Quaisquer que tenham sido os desdobramentos desse processo, é inegável que o jogo da association conquistou adeptos entre as classes trabalhadoras inglesas e estas foram

²⁵ Association football é como é conhecido o futebol na Grã-Bretanha.

decisivas na sua popularização no circuito britânico e, ato contínuo, para diversas regiões do planeta, como símbolo do estilo de vida moderno. De outra parte, as agências controladoras do association não puderam impedir que outras modalidades de futebol, adaptadas a partir dos seus próprios códigos, fossem praticadas. Sendo assim, disseminou-se pelo planeta o football association e, paralelamente, as versões bricoladas.

No caso do Brasil, esse processo de difusão futebolística – em que pese a sua descodificação parcial, ou, em outras palavras, acomodação local de um globalismo esportivo – é historicamente percebido, como dito anteriormente, por parte das falas autorizadas sobre esse esporte, de agentes sociais especializados, posicionados em certos campos (esportivo, político, acadêmico, etc.), como uma reelaboração bem sucedida, inclusive em suas ambiguidades, de uma prática esportiva exógena que se torna um dos símbolos diacríticos mais fortes da identidade nacional brasileira.

Porém, segundo Damo (2007a), o conjunto das transformações e desdobramentos que caracterizam a espetacularização e a profissionalização do futebol – ocorridas no século XX – são bem diversas das registradas no princípio da esportivização, iniciada no século XIX:

Sendo assim, considero, à luz do próprio Damo (2007a), que o(s) processo(s) de popularização, e consequente espetacularização do futebol no Brasil, carece(m), grosso modo, de interpretações mais críticas quanto aos seus meandros. Esses são mais nuançados do que se imagina, sobretudo do ponto de vista emocional/identitário.

Portanto, a meu ver, cabe que eu discuta alguns pontos que devem ser situados quanto ao entendimento da dinâmica das emoções relacionadas ao futebol e ao pertencimento clubístico no Brasil.

1.1 Esporte, elites e o nascimento da dinâmica clubística

No Brasil, em boa parte do século XIX, viveu-se quase indiferente ao *Sport*. Havia a crença de que o esforço físico era nocivo à saúde. (LUCENA, 2001). Os investimentos iniciais para a emergência dos passatempos esportivizados – como uma prática que se amplia no ambiente citadino – só avançam pelas primeiras décadas do século XX e estão diretamente ligados às estratégias de desenvolvimento e modernização, relacionadas à urbanização, ao aumento do tempo livre e à laicização.

O esporte torna-se, nesse momento, componente de ascensão social e de educação. Na primeira década do século XX, o hábito de repousar nos fins de semana começa a perder espaço entre as elites, sendo substituído pela gymnástica, turfe, partidas de tênis, tiro, matinês dançantes, e pelo futebol. (LUCENA, 2001)

No caso do Maranhão, para MARTINS (1989), o processo histórico de evolução do movimento e do lúdico, e sua progressiva substituição por práticas lúdico-esportivas provenientes dos centros dominantes, se dá pelas mãos de Joaquim Moreira Alves dos Santos – o **Nhozinho Santos** - e do clube esportivo e social fundado na Fábrica "Santa Izabel", o FABRIL ATHLETIC CLUB - FAC - para a prática do "foot-ball association":

"INAUGURAÇÃO DO FOOT BALL"

"Realizou-se hontem a grande partida inaugural do Fabril Athletic Club, a qual revestiu-se de maior importancia. No concurso do encilhamento foi vencedor o Sr. Serejo, na corrida em Tandem venceram os srs. Joachim Belchior e Manoel Lopes, no Place Kick [chute à bola] foram: em primeiro lugar mister Dolber e em segundo mister J. Moon; no concurso de peso mister Moon. Na partida de Foot Ball, foi vencedor o partido encarnado. Como não estivessem devidamente preparados na Tug of War [cabo de guerra] os do partido preto, foi vencedor o encarnado. Houve um segundo desafio, que ficou indeciso. A residência do Club está muito bem preparada e a assistência do acto compareceram muitas famílias e cavalheiros da boa sociedade. Serviram de juizes da senha o sr. Edmundo Fernandes pelo Theam Black and White e Henoch Lima pelo Red & White. É, incontestavelmente, o Foot Ball a melhor diversão que existe no Maranhão. Damos parabéns aos diretores de tão importante club, pelo esforço verdadeiramente louvável que têm empregado em prol de uma instituição tão útil à saúde e à mocidade maranhense. A solenidade compareceram três bandas de música, as quaes executaram bellos trechos". (O MARANHÃO, 28 de outubro de 1907)

É interessante notar que, como a primeira codificação de regras para o futebol – realizada na Inglaterra – foi um dos vetores privilegiados de sua difusão global, em que pese os diferentes contextos em que esse esporte foi apropriado por elites e camadas populares no Brasil, seus termos específicos, no começo, eram falados e grafados em nosso país na língua inglesa. Termos como “mister”, “team”, “offside”, “corner”, etc., eram amplamente utilizados nas páginas esportivas dos jornais e pela população em geral. Com o passar do tempo, a maioria destes termos foram sendo traduzidos em nosso idioma. Porém, alguns termos, como, por exemplo, “corner”, que quer dizer escanteio²⁶, ainda são amplamente utilizados pelas mídias esportivas.

²⁶ Penalidade que é cobrada de um dos ângulos do campo, quando um dos jogadores arremessa a bola para trás da sua própria meta.

Com a movimentação esportiva que se tinha nessa primeira década do século XX no Maranhão, "estávamos começando a experimentar uma época em que a nossa mocidade principiava a entender o quanto era importante praticar esporte e desenvolver a formação física" (MARTINS, 1989, p. 261). Para o próprio MARTINS (1989), o esporte já não era novidade. Já se tinha conhecimento da prática do "foot-ball association" no Rio de Janeiro - Fluminense Futebol Clube, orientado por Oscar Cox - e em São Paulo - Clube Athletic paulistano, dirigido por John Hamilton.

Porém, as jornadas esportivas, à época, não se limitavam à prática do "foot-ball association" apenas:

"Fábril Club

"Esteve brilhante a partida realizada hontem. Além de inúmeras famílias e cavalheiros, compareceram à festa a Escola de Aprendizes Marinheiros, que sob o comando de seu hábil instructor Sr. David Santos realizou exercícios de fogo e esgrima de baioneta.

"Foi este o esplendido programa cumprido à risca:

"Os jogos realizados foram os seguintes:

"1.- Corrida com ovos em colheres pelos sócios J. Mário, J. Moon, A. Vieira, J. Shipton, sendo vencedor A. Vieira.

"2.- Corrida para enfiar agulhas executadas por C. Neves, J. Mário, A. Santos e A. Azevedo, sendo vencedor C. Neves e seguido por J. Mário.

"3.- Exercício de fogo, bayoneta e esgrima pela Escola de Aprendizes Marinheiros.

"4.- Crors Cutrey (cross-country) - corrida pedestre com obstáculos por J. Mário, J. Moon, C. Neves, A. Vieira, A. Novaes, J. Shipton, J. Bastos, M. Neves, sendo vencedor J. Mário, seguido muito de perto J. Moon em terceiro lugar A. Novaes, C. Neves.

"5.- Match de Foot-Ball infantil havendo resultado negativo, por se acharem organizados os teams com força igual. Tomaram parte as seguintes creanças: team Bladi & Whate: Fausto Seabra, José Seabra, Frederico Perdigão, José Lopes, Celso C. Rodrigues, Sylvio Rego, Ruy C. Rodrigues, Antônio Rego, Antônio Santos, José M. Lobo, Lúcio Bauerfeldt.

"Team Red & White: João Peixoto, Braulio Seabra, Luiz Santos, Pedro Paulo R. Araújo, Ivar C. Rodrigues, Acyr Marques, Carlos Perdigão, Gastão Vieira, Justo M. Pereira, Celso Pereira, José Vieira. Servio de Refere M. Shipton". (O MARANHÃO, Segunda-feira, 08 de junho de 1908).

Após a partida de futebol, seria realizada a "Tug of War" (cabo de guerra), inscritos: Fausto - Antoninho - Ruy - Zeca - Carlos Alberto - Soeiro Filho - Gastão - Yoyô - Lady - Lúcio - José - Adolpho Salles (O MARANHÃO, sábado, 26 de setembro de 1908).

Dessas jornadas esportivas maranhenses, chamadas de "concursos gaiatos" (VAZ, 2000), participavam os "sportsmen" ludovicences, ou seja, a elite econômica e intelectual da capital do Estado. É nesse contexto específico que certos esportes aparecem como elemento de diferenciação de estilo de vida. A prática esportiva torna-se

um indicativo de pertencimento social. Como passatempo diferenciado, o esporte vai aparecer como uma ação que configura uma maneira específica de presença no contexto social ou, mais precisamente, um aspecto de mudança do padrão social a que o indivíduo adere.

Com efeito, o jogo moderno que, no Brasil, vai se associar às novas modas, ao vestir, ao morar e se comportar de uma maneira específica das elites, emerge nas semelhanças, mas também nas diferenças: o que é característico e o que é distintivo de uma classe social. Marca o gosto de mostrar poder, mas também marca uma forma de poder se mostrar.

Sendo assim, segundo LEITE LOPES (2004), se o futebol, à época, segue um curso de popularização na Grã-Bretanha, sua internacionalização, inclusive no caso de sua difusão no Brasil, segue a rede de contatos fomentadas a partir das relações entre as elites locais. Dessa forma, os primeiros clubes acabavam sendo um lugar de sociabilidade onde as atividades físicas e esportivas, inclusive o futebol, eram uma entre várias características de um modo de vida de elite.

Em São Luís, um bom exemplo é o da inauguração do Bragança Sport Club, cuja programação mesclava eventos esportivos e momentos literários. Assim, aconteceria uma regata entre as equipes 1 e 2, a se realizar no Rio Bacanga, às 7 horas da manhã. Às 15 horas, estavam programados exercícios militares pelos alunos do Instituto Maranhense. Às 16 horas, haveria um "Momento Literário", com recitação de poesias e monólogos, pelos sócios. Às 17 horas, a partida de foot-ball entre os teams 1 e 2. E, finalmente, às 19 horas, a sessão solene de inauguração, seguida de soireé dançante. (O ESTADO, 20 de outubro de 1916).

Nas datas importantes, o jogo de futebol aparece como parte das programações, como as comemorações da Batalha do Riachuelo, pela Escola de Aprendizes Marinheiros, quando seriam executadas "Gymnástica Sueca com armas, Gymnástica sueca sem armas, corridas com três pernas, corrida do sacco" e uma partida de futebol, entre os "teams" "Marcílio Dias" e um formado por representantes do F. A. Club. Jogaram pelo FAC: Travassos, Vieira (do Red); Euclides, Lebre e Kenard (Black); Wilson, Admar, Guedes (White); Roberto, Wall, Lisboa (Blue); o árbitro - referee - sr. J. M. Santos e os linesman: Leite e o Aprendiz 20. (O ESTADO, 10 de junho de 1916).

Na edição de O Estado, de 12/06/1916 (Segunda-feira), sob o título "A Batalha de Riachuelo", faz-se comentários sobre os festejos do 11 de junho, em que o

ponto alto das comemorações foi o jogo de futebol, após os exercícios de esgrima. Segundo o redator, "foi uma das mais interessantes que se tem assistido", havendo grande entusiasmo, pois estavam em luta os valentes do FAC e os esforçados Aprendizes. A partida ocorreu com disciplina, destacando-se o "goal-kepper" dos Aprendizes. O jogo terminou 1 x 1. (O ESTADO, 12 de junho de 1916).

Porém, se a prática dos esportes no Brasil inicialmente se estruturou como uma ação das elites no usufruto de seu tempo de lazer, essa é, com o tempo, em vários de seus aspectos, incorporada por outros segmentos sociais – seja como praticantes de esportes, ou como espectadores – assumindo, assim, características peculiares, principalmente no caso do futebol.

Nessa época, afirma MARTINS (1989, p. 332), foi Gentil Silva o responsável pela popularização do futebol no Maranhão, no momento que, deixando o FAC, achou oportuno desenvolver a prática do apreciado esporte aos olhos do povo, num campo que, de princípio não possuía cercas:

"... aconteceu que, para ele, o futebol deveria ser altamente popularizado, no que não estavam de acordo os associados, na sua grande maioria, embora não discordando de um dos pontos definidos: a necessidade de pugnar pelo aperfeiçoamento físico. Não concordavam em abrir os portões para receber o grande público com pagamento de ingressos, porque o propósito do novo FAC era não vulgarizar a prática desportiva". (MARTINS, 1989, p. 331).

Aqueles que tinham o mesmo pensamento de Gentil formaram um grupo dissidente que reativou o "ONZE MARANHENSE", com sede no Parque 15 de Novembro (avenida beira Mar), nas proximidades do Beco do Silva. O campo foi construído numa área livre - no Baluarte - "longe das vistas do grande mundo de curiosos e aficcionados", informa MARTINS (1989). O terreno não era cercado e reclamava muito trabalho de nivelamento e outras medidas, tendo sido tudo feito com muito sacrifício, pois o terreno era pantanoso, necessitando-se de algumas carradas de entulho, cedidas pelo intendente de São Luís, tenente-coronel Luso Torres. Nivelado o terreno, foi feita a gramagem e tudo ficou como ambicionavam:

"... Nas tardes domingueiras, o povo estava reunido. Famílias da vizinhança e outros amantes do esporte, vindos de longe, postavam-se para ver o jogo. Jogavam Brasil F. Clube, Vasco da Fama E. Clube, Santiago Esporte Clube e Fênix F. Clube. O sonho de Gentil Silva tornou-se realidade." (MARTINS, 1989, p. 331).

Porém, nesse processo de popularização do esporte, a prática do futebol, em São Luís, era concebida de duas formas antagônicas pela mesma elite econômica da sociedade ludovicense:

- “a) o futebol legítimo, fino, gentil, elegante, autorizado, espetacular, programado, com regras universais, praticado por cavalheiros, dentro de arenas próprias para espetáculos esportivos, formado por clubes com patrimônio e estatuto, jogo subordinado a ligas e associações que organizavam competições, em que imperava o espírito amador e cavalheiresco;
- b) o futebol ilegítimo, insubordinado, abusivo, aleatório, maltrapilho, promíscuo, desrespeitoso, com regras espúrias, praticado por “moleques”, “desocupados” e “vagabundos”, em vias públicas (ruas, praças, e campos improvisados), descalços, sujos, sem clubes, sem patrimônios, nem estatutos, nem ainda ligas ou competições oficiais, em cujo jogo imperava o espírito “selvagem” do prélio, e não raro terminava em brigas e discussões movidas a palavrões; enfim, um mistifório de práticas condenáveis pela elite”. (CARVALHO, 2009, p.90)

A visão sobre o dito futebol ilegítimo é marca registrada de algumas famílias da elite ludovicense que, desde o final do século XIX, tentavam disciplinar o uso do espaço citadino. Dessa forma, o futebol legitimado era aquele de regras e disciplinas, só possível sob a égide dos estatutos e dentro dos clubes legalmente institucionalizados.

Porém, também é certo que havia clubes de rua, que eram conhecidos só pelo nome – não possuíam sede, estatuto ou patrimônio – e tiveram grande importância na popularização do futebol. Com efeito, à época, a adoção do esporte estava associada, fundamentalmente, à adoção de clubes. Assim, a popularização do futebol contou com três ingredientes estreitamente imbricados: a iniciação na prática do jogo, a fundação de um clube e a busca de um campo de jogo.

Ainda de acordo com MARTINS (1989, p. 344), em meados de 1916, já era regular o número de clubes de futebol em São Luís:

- BANGU FOOT-BALL CLUBE;
- FLUMINENSE FOOT-BALL CLUB;
- PAYSANDU FOOT-BALL CLUB;
- ATENIENSE FOOT- CLUBE;
- ONZE MARANHENSE F. CLUBE;
- MARANHÃO ESPORTE CLUBE;
- FOOT-BALL ATHLETIC CLUB;

- BARROSO F. CLUBE;
- CABRAL F. CLUBE;
- IPIRANGA F. CLUBE;
- GUARANI ESPORTE CLUBE;
- SÃO PAULO F. CLUBE

É nessa conjuntura que os clubes adquirem um efeito sinérgico, que compõem uma rede interativa de experiências centrais no contexto social e cultural, como fonte de novas identidades e de novos estilos de vida. Os clubes que centralizam essas atividades surgem como modelos da elite no final do século XIX, e já no final da década de 10 e início de 20, estão difundidos pelos bairros, periferia, várzeas e se tornam um desdobramento das próprias reuniões sociais.

Com efeito, nesse processo de popularização, o envolvimento com o futebol não se dá por motivações meramente esportivas. A ocupação de espaços sociais pelo que se entende chamar por clube de esporte – criador de lugares pelo deslocamento identitário de pessoas – envolve os indivíduos e os grupos: uma nação, um clube, uma cidade, classes econômicas...

As primeiras interpretações acerca desse envolvimento emocional com o futebol foram sobremaneira marcadas pela ideologia da identidade nacional brasileira. Como mostrarei adiante, não assumo esse ponto de vista em suas múltiplas vertentes. Porém, cabe realizar uma discussão acerca da (re)construção conceitual da brasilidade futebolística

Para tanto, partirei da análise das condições sócio-históricas da formação do conceito de identidade nacional e de como esse processo determinou o pensar uma brasilidade, considerando, entre outros fatores, o aspecto fundamental de uma imaginada formação étnica de um “povo brasileiro”, tendo como foco a construção do futebol como um traço de brasilidade.

1.2 A pátria de chuteiras! Sobre a construção sócio intelectual da brasilidade futebolística

A chamada nação brasileira também tem o seu processo de (re)construção – marcada espacialmente e historicamente – narrativa de ideias, valores e normas

características de uma dada identidade nacional unificada. (GONTIJO, 2002; COSTA, 2001; SCHNEIDER, 2004).

Segundo Castro-Gómez (2005), esse processo de identificação do caráter e dos valores peculiares de uma nação se apoia no projeto clássico de modernidade, que se caracteriza por uma configuração histórica – atualmente em crise – de dispositivo de poder no contexto do sistema-mundo capitalista. Tal configuração se refere à tentativa de submeter diferentes perfis de subjetividade a dispositivos disciplinares de poder que garantiriam o controle absoluto do homem, civilizando-o sob a direção segura do conhecimento. Esse movimento civilizatório tem como base fundamental a existência de uma instância central (o Estado-Nação) a partir da qual são dispensados e coordenados os mecanismos de controle e organização racional da vida humana sobre o mundo natural e social.

Castro-Gómez (2005) frisa, ainda, que a tentativa de criar o perfil de subjetividade civilizado²⁷ – o qual faz parte da construção das identidades nacionais – conduz ao fenômeno que o autor chama de a invenção do outro. Tal fenômeno não se refere somente ao modo como um certo grupo de pessoas se representa em relação a outras, mas a dispositivos de saber-poder que servem de ponto de partida para o processo de produção material e simbólica no qual se viram envolvidas as sociedades modernas ocidentais a partir do século XVI, com o início do colonialismo. Sendo assim:

(...) qualquer narrativa da modernidade que não leve em conta o impacto da experiência colonial na formação das relações propriamente modernas de poder é não apenas incompleto, como também ideológico. Pois foi precisamente a partir do colonialismo que se gerou esse tipo de poder disciplinar que, segundo Foucault, caracteriza as sociedades e as instituições modernas. Se, (...), o Estado-Nação opera como uma maquinaria geradora de “outredades” que devem ser disciplinadas, isso se deve a que o surgimento dos Estados modernos se dá no âmbito do que Walter Mignolo (2000: 3 ss.) chamou de “sistema mundo moderno-colonial”. De acordo com teóricos como Mignolo, Dussel e Wallerstein, o Estado moderno não deve ser visto como uma unidade abstrata, separada do sistema de relações mundiais que se configuram a partir de 1492, e sim como uma função no interior desse sistema internacional de poder. (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 177).

Com efeito, a invenção do cidadão civilizado e a invenção do outro – ao tomarmos a experiência colonial como ponto de referência para o que os autores acima citados chamam de sistema mundo moderno-colonial – se encontram constitutivamente relacionadas. A construção do imaginário da civilização superior exige,

²⁷ Castro-Gómez (2005) aponta que o perfil de subjetividade ideal da modernidade é: Homem, branco, pai de família, católico, proprietário, letrado e heterossexual.

necessariamente, a produção de uma contraparte – o imaginário da barbárie – que homogeneíza as mais variadas subjetividades, colocando-as fora de um tipo ideal de humanidade. É importante frisar, como bem aponta o próprio Castro-Gómez (2005), que tais imaginários possuem uma materialidade concreta no sentido que constantemente se reproduzem em sistemas de caráter disciplinar, como a escola, a lei, etc.

Nesse processo, o nascimento das Ciências Sociais é um dos fenômenos centrais no contexto da organização política definida pelo Estado-Nação, uma vez que a “matriz prática que dará origem ao surgimento das ciências sociais é a necessidade de ajustar a vida dos homens ao sistema de produção” (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 172). Era necessário construir uma base de observação científica sobre o mundo social que se queria governar. Assim:

Sem o concurso das ciências sociais, o Estado moderno não teria a capacidade de exercer controle sobre a vida das pessoas, definir metas coletivas de largo e de curto prazos, nem de construir e atribuir aos cidadãos uma “identidade” cultural. Não apenas a reestruturação da economia de acordo com as novas exigências do capitalismo internacional, e também a redefinição da legitimidade política, e inclusive a identificação do caráter e dos valores peculiares de cada nação, exigiam uma representação cientificamente embasada sobre o modo como “funcionava” a realidade social. Somente sobre esta informação era possível realizar e executar programas governamentais. (...) As taxonomias elaboradas pelas ciências sociais não se limitavam, assim, à elaboração de um sistema abstrato de regras chamado “ciência” – como ideologicamente pensavam os pais fundadores da sociologia –, mas tinham consequências práticas na medida em que eram capazes de legitimar as políticas reguladoras do Estado. (CASTRO-GÓMEZ, 2005, p. 172).

A importação da superioridade da civilização europeia traz, para os intelectuais brasileiros de fins do séc. XIX e início do séc. XX, como bem aponta Ortiz (1994, p. 15), um problema fundamental: Como pensar a realidade de uma nação emergente no interior desse quadro? Ou seja:

Aceitar as teorias evolucionistas implicava analisar-se a evolução brasileira sob as luzes das interpretações de uma história natural da humanidade; o estágio civilizatório do país se encontrava assim de imediato definido como inferior em relação à etapa alcançada pelos países europeus. Torna-se necessário, por isso, explicar o atraso brasileiro e apontar para um futuro próximo, ou remoto, a possibilidade de o Brasil se constituir enquanto povo, isto é, como nação. O dilema dos intelectuais desta época é compreender a defasagem entre teoria e realidade, o que se consubstancia na construção de uma identidade nacional. A interpretação do Brasil passa necessariamente por esse caminho, daí a ênfase no estudo do “caráter nacional”, o que em última

instância se reportava à formação de um Estado nacional. (ORTIZ, 1994, p. 15).

No que diz respeito às Ciências Sociais no Brasil, diversos autores, de tradições diferentes, e politicamente antagônicos, escreveram, cada um à sua maneira, sobre a formação de um povo brasileiro. Essa tentativa de refletir sobre o Brasil – da qual fazem parte alguns clássicos de nosso pensamento, como Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre, Caio Prado, Celso Furtado, etc. – insere-se nessa tradição intelectual moderna, imposta estruturalmente desde meados do século XIX, de pensar o caráter nacional²⁸. Dessa forma, há em todos, guardadas as diferenças e a amplitude dos respectivos projetos intelectuais, a preocupação em desenvolver uma teoria do Brasil que dialogue com os grandes clássicos do pensamento ocidental em suas épocas; mas que o faça, clara e conscientemente, desde o ponto de vista da periferia, o que já aponta para um lugar de reflexão teórica representativo de um espaço próprio de reflexão sobre a identidade nacional brasileira.

Porém, “dizer que somos diferentes não basta, é necessário mostrar em que nos identificamos” (ORTIZ, 1994, p. 08). Este é o ponto principal, e polêmico, entre os diversos pensadores do Brasil. Entre as diferentes maneiras como a identidade nacional e a cultura brasileira foram consideradas, o debate sobre uma possível etnicidade típica do Brasil ocupa, historicamente, papel fundamental na construção-reflexão da identidade brasileira.

Sendo assim, raça, imigração e identidade nacional são temas que têm estado intimamente interligados à história do pensamento social brasileiro, principalmente no período que vai de meados do século XIX até próximo ao fim do Estado Novo. Durante esse período, uma questão fundamental marcava o debate político brasileiro: “até que ponto seria possível constituir uma nação unitária e progressista partindo-se de grupos populacionais tão heterogêneos quanto escravos e seus descendentes, os diversos povos indígenas, imigrantes de diferentes origens e diversos tipos de “mestiços”. (COSTA, 2001, p. 144).

Se a questão apresentada acima parece ser uma só, suas respostas foram responsáveis, historicamente, pela emergência de uma série de debates sobre a existência, ou não, de uma identidade nacional e do que se constituiria como uma

²⁸ É importante frisar que não estou afirmando que os autores das Ciências Sociais citados seguem fielmente os pressupostos teóricos cunhados pelas correntes teóricas, acima citadas, características do séc. XIX, mas sim que esses se inserem, de uma maneira ou de outra, na tradição intelectual moderna de pensar “o caráter nacional”.

cultura nacional brasileira. Ou seja, “se existe uma unidade em afirmarmos que o Brasil é “distinto” dos outros países, o consenso está longe de se estabelecer quando nos aproximamos de uma possível definição do que viria a ser o nacional”. (ORTIZ, 1994, p. 08).

Em fins do séc. XIX, os debates acerca de uma possível “identidade nacional brasileira” são caracterizados pela desconfiança quanto à possibilidade de se construir uma nação brasileira moderna e progressista, visto que a população do país era formada, em grande parte, por negros e mestiços. Nessa época, Nina Rodrigues, Euclides da Cunha, Silvio Romero e Oliveira Vianna – considerados, como aponta Ortiz (1994), precursores das Ciências Sociais no Brasil – foram os teóricos que se destacaram no que concerne à discussão racial no Brasil.

Imbuídos de um determinismo biológico que se apoiava nas teses e nos métodos dominantes no debate racial europeu da época, tais autores procuraram entender a “composição racial da população brasileira”. Para Nina Rodrigues – legista maranhense considerado o primeiro brasileiro a se ocupar sistematicamente com a definição de uma composição racial da população brasileira (COSTA, 2001) – os negros possuiriam uma consciência subdesenvolvida, o que impediria sua integração à nação em igualdade de condições com brancos. Desta feita, Nina Rodrigues condenava o cruzamento entre diferentes grupos raciais, visto que tal processo produziria a degradação da “raça brasileira”.

Já Silvio Romero e Oliveira Vianna, mesmo compartilhando do pessimismo quanto à composição da “raça brasileira”, tinham uma avaliação diferente no que se refere aos chamados, à época, cruzamentos inter-raciais. Eles apostavam na mistura racial como forma de melhorar geneticamente a população brasileira. Com esse processo, esperava-se “branquear” a população brasileira, visto que “as misturas raciais sucessivas levariam ao crescimento permanente do percentual de sangue ariano na população e à consequente dominância das características fenotípicas europeias”. (COSTA, 2001, p. 145).

Sendo assim, percebe-se, como bem aponta Ortiz (1994), que os parâmetros raça (negro, branco) e meio (sertão) são elementos constitutivos das perspectivas de análise, guardadas as suas diferenças, de grande parte dos intelectuais brasileiros em fins do século XIX e início do século XX. “A interpretação de toda a história brasileira escrita no período adquire sentido quando relacionadas a esses dois conceitos-chaves”. (ORTIZ, 1994, p. 16). Esses dois parâmetros fundamentais, combinados ao

evolucionismo europeu, exprimem, para os autores acima mencionados, o que havia de específico, à época, na “sociedade brasileira”.

A partir de finais dos anos 30 do séc. XX inicia-se uma corrente interpretativa da “nacionalidade” brasileira que procura contestar o determinismo biológico vigente nas interpretações *de Brasil* até o momento. Tendo Gilberto Freyre como teórico maior, essa nova corrente de interpretação da “identidade nacional” defendia que aqui, no Brasil, teria se constituído uma “brasileiridade” (COSTA, 2001, p. 146), ou seja, uma *cultura tipicamente brasileira*, no âmbito da qual cada um de nossos três “grupos originais” – o branco português, o índio e o negro – teria deixado uma contribuição relevante para a constituição do “caráter nacional”:

A imagem de uma brasilidade mestiça, culturalmente assimilacionista e politicamente integradora, conforma o núcleo da ideologia que configura a nação brasileira a partir das primeiras décadas do séc. XX. O elogio do hibridismo constitui, assim, a forma de superação dos biologismos racistas predominantes nos debates político e intelectual de até então. (COSTA, 2001, p. 143)

Trata-se de uma visão *de Brasil* que reinventaria o país, na medida em que, ao relativizar os biologismos raciais próprios dos intelectuais do séc. XIX, transformou o “olhar” interpretativo da população brasileira. Dessa forma, elementos que constituíam determinações próprias “de raça” são deslocados, tornando-se, agora, elementos constitutivos das “condições estruturais da sociedade brasileira”. Oferecia-se, assim, uma resposta aos problemas levantados pelos intelectuais do séc. XIX quanto à formação do “povo brasileiro”: o processo de formação nacional, agora não mais apoiado no determinismo biológico de raça, se daria através da constituição de uma cultura nacional, uma brasilidade mestiça, orgânica e unitária. Esse pode ser considerado como um momento fundamental do movimento de “construção narrativa” da nação brasileira:

A ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, ao ser reelaborada pode difundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional. (ORTIZ, 1994, p. 41).

Dessa forma, as ambiguidades de uma possível definição de “povo brasileiro” seriam dirimidas, na medida em que a negatividade da mestiçagem é transformada em positividade, denotando o típico “caráter nacional” brasileiro. Esse

mito das três raças²⁹, ao se difundir socialmente, possibilitaria, então, à população brasileira, sua percepção enquanto um “ser nacional”. A constituição de uma nação brasileira unitária, acima das diferenças étnicas, que, para os “intelectuais da nacionalidade” do séc. XIX e início do séc. XX, representava o objetivo a ser alcançado através da europeização da população, transforma-se, agora, em um povo brasileiro exemplo de culturas e raças em plena sintonia. A brasilidade se apresentava, então, como uma identidade mestiça *essencializada* capaz de assimilar todas as outras representações étnicas.

Tal transformação no imaginário popular do país – no qual, como demonstrado acima, tem papel fundamental uma parte da produção intelectual das Ciências Sociais à época – se deve, segundo Ortiz (1994), a profundas mudanças pelas quais o Brasil³⁰ passava a partir das primeiras décadas do séc. XX:

O processo de urbanização e de industrialização se acelera, uma classe média se desenvolve, surge um proletariado urbano. Se o modernismo é considerado por muitos como um ponto de referência, é porque este movimento cultural trouxe consigo uma consciência histórica que até então se encontrava de maneira esparsa na sociedade. (...). Com a revolução de 30 as mudanças que vinham ocorrendo são orientadas politicamente, o Estado procurando consolidar o próprio desenvolvimento social. Dentro deste quadro, as teorias raciológicas tornam-se obsoletas, era necessário superá-las, pois a realidade social impunha um outro tipo de interpretação do Brasil. A meu ver, o trabalho de Gilberto Freyre vem atender a esta “demanda social”. (ORTIZ, 1994, p. 40).

Percebe-se, então, que a “necessidade” de consolidação do “desenvolvimento social brasileiro” – orientado politicamente através do Estado – atravessou, sobremaneira, a (re)construção do imaginário da “mestiçagem brasileira”. Se o período de transição pelo qual passa “a sociedade brasileira”, em fins do séc. XIX com o movimento abolicionista, impunha limites epistemológicos fundamentais para a compreensão *de um Brasil progressista* – visto que trazia as ambiguidades constitutivas da aparição do elemento negro, “ausente” até então na sociedade escravocrata – nesse novo momento, em que os rumos do desenvolvimento pareciam claros e o Estado procurava orientar essas mudanças, a ideologia da mestiçagem tornava-se fundamental, uma vez que eliminava a negatividade das “heranças” do “mestiço brasileiro”. (ORTIZ; 1994).

²⁹ Para uma melhor compreensão do chamado “mito das três raças”, consultar DaMatta (2000).

³⁰ É importante frisar que tais mudanças, nesse momento, se davam, notadamente, no Rio de Janeiro – capital federal à época – e em São Paulo, pólo econômico do café e de uma industrialização nascente.

Com efeito, à medida em que a sociedade se apropria das manifestações “de cor” (ORTIZ, 1994) e as integra ao discurso da unicidade nacional, tem-se que elas *parecem* perder sua especificidade³¹. Sendo assim, como afirma o próprio Ortiz (1994), toma corpo o debate sobre a dificuldade de se definir o que é o negro no Brasil, pois a construção de uma identidade nacional deixaria ainda mais difícil o discernimento entre as fronteiras *de cor*:

O impasse não é, a meu ver, simplesmente teórico, ele reflete as ambiguidades da própria sociedade brasileira. (...) Ao se promover o samba ao título de nacional, o que efetivamente ele é hoje, esvazia-se a sua especificidade de origem, que era ser uma música negra. (...) O problema com que os movimentos negros se deparam é de como retomar as diversas manifestações culturais de cor, que já vêm, muitas vezes, marcadas com o signo da brasilidade. Uma vez que os próprios negros também se definem como brasileiros, tem-se que o processo de resignificação cultural fica problemático. O mito das três raças é, neste sentido, exemplar, ele não somente encobre os conflitos raciais como possibilita a todos de se reconhecerem como nacionais. (ORTIZ, 1994, p. 43).

No caso do futebol, seus primeiros pensadores (FILHO, 2003; FREYRE, 2003) disseminam, então, a convicção de que esse foi abrasileirado pelo “mestiço” – cujas características relacionadas à “dança”, ao “improviso”, à “mulatice”, à “molecagem”, etc., definiriam o estilo do futebol brasileiro. A vivência desse esporte em nosso país constituir-se-ia, portanto, em uma configuração única, com valores e normas específicos, determinados pela forma como esse elemento cultural moderno é singularmente apropriado em terras brasileiras.

Sob essa perspectiva, o negro se torna o agente “privilegiado” de abrasileiramento do futebol. É interessante notar, neste ponto, que nesse processo simbólico de construção da nacionalidade brasileira, diferentemente do samba, da feijoada, do candomblé, etc., o futebol é encarado enquanto um símbolo de nacionalidade, não pela desapropriação de um provável caráter étnico constitutivo dessa prática, mas pela própria etnização – nesse caso, representativa da nacionalidade – a partir da apropriação desse esporte, originalmente europeu, por negros e mestiços. Essa visão fomenta, então, conjuntamente ao processo de profissionalização do futebol no Brasil, o imaginário de que o negro emancipara-se ao constituir uma relação de “identidade nacional” com público através desse esporte

³¹ Sobre as nuances do(s) processo(s) de resignificação de manifestações étnicas no Brasil, especialmente no que diz respeito à feijoada, ao samba e ao candomblé, ver FRY (2001).

Com efeito, a imagem de uma brasilidade mestiça, assimilacionista e integradora foi apropriada por parte dos intelectuais que se propunham a pensar o futebol no Brasil. O “jeito mulato”, da “mestiçagem brasileira”, seria, então, utilizado por grande parte dos primeiros pensadores do futebol no Brasil para definir o seu caráter:

Acaba de se definir de maneira inconfundível um estilo brasileiro de futebol, e esse estilo é uma expressão a mais do nosso mulatismo ágil em assimilar, dominar, amolecer em dança, curvas ou em músicas; as técnicas europeias ou norte-americanas mais angulosas para o nosso gosto: sejam elas de jogo ou de arquitetura. Porque é um mulatismo o nosso – psicologicamente, ser brasileiro é ser mulato – inimigo do formalismo apolíneo sendo dionisiaco a seu jeito – o grande feito mulato. (FREYRE, 2003, p. 10).

Sendo assim, o futebol – inicialmente relacionado aos costumes esportivos das elites brasileiras e que, ao popularizar-se, teria desenvolvido uma série de novos significados que fomentam o imaginário de um futebol genuinamente brasileiro – foi caracterizado por seus primeiros pensadores, acadêmicos ou não, como sendo portador de uma identidade própria que o singularizaria perante outras nações. Sendo o futebol uma paixão nacional, seria uma característica inerente aos brasileiros jogar bola de uma determinada maneira quase artística, a qual constituiria uma marca cultural carregada pelos brasileiros. Dessa forma, haveria uma afinidade constitutiva entre o tipo de futebol jogado pelo jogador brasileiro e o tipo de indivíduo existente no Brasil.

Porém, a partir do final dos anos 1970, a ideologia da mestiçagem vai, por diversas razões, perdendo, lentamente, sua força integradora. A busca de novos canais de expressão de identidades culturais e da redescoberta de raízes étnicas parecem colocar em questão elementos fundamentais que a constituem:

A observação das transformações no espaço público brasileiro nas últimas três décadas evidencia um processo de pluralização cultural e política expresso em desenvolvimentos muito variados, destacando-se entre esses: etnicização de muitas identidades políticas, vertiginoso crescimento do associativismo étnico e um novo direito indígena que pressupõe não mais uma paulatina assimilação dos grupos indígenas, mas a permanente preservação de suas formas de vida. (COSTA, 2001, p. 149).

Nesse processo de tentativa de busca de novos canais de expressão de múltiplas identidades, percebe-se que as diferenças culturais étnicas e regionais – bem como, e é importante frisar, o preconceito em relação a essas – não foram completamente apagadas pelo imaginário da mestiçagem democrática, sendo o final dos

anos 1970 significativo no que diz respeito à efetivação da busca pela reconstrução de raízes culturais e étnicas por parte de variados grupos socioculturais.

Nesse contexto, a concepção, fundadora (e fundada) da noção de futebol-arte – que permaneceu em voga até meados dos anos 70 – começa a ser discutida por novos pensadores desse esporte, tendo início árduas disputas acerca da concepção vigente de futebol brasileiro. De um lado, nomes como o de João Saldanha defendiam a sobrevivência do chamado futebol-arte, de outro, Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira defendiam a modernização da brasilidade futebolística. Não poderíamos mais depender apenas do brasileiro “mulato malandro” se quiséssemos continuar no topo do futebol mundial.

Esse novo modelo de futebol, que passa, gradualmente, a ser almejado por técnicos e dirigentes, possui, então, na prática futebolística, quatro objetivos fundamentais: objetividade, força, velocidade e resistência. Esses são conseguidos, como coloca Vogel (1982, p. 109):

(...) através de métodos científicos de treinamento físico e técnico. O importante é o conjunto, que deve executar com sobriedade e eficiência os esquemas de jogo desenvolvidos na teoria. A disciplina tática e atlética é o valor supremo. (...) Esse modelo dirige-se para a eficiência empírica. Há uma busca de homogeneização: todos são iguais e subordinados a um esquema nacional, assimilado e expresso na disciplina. Aplicação e economia são as armas do sucesso.

Esses novos pensadores do futebol defendem, então, uma nova visão acerca do futebol, visão essa que se propõe a discutir a necessidade da racionalização da vivência futebolística nacional pautada em três características fundamentais que se entrecruzam: a) o predomínio do disciplinamento dos movimentos corporais dos jogadores através do uso de técnicas e táticas planejadas para serem rigorosamente aplicadas nos jogos, com vistas ao alcance de resultados positivos na disputa; b) a construção de um modelo de gestão do futebol inspirado nas leis de mercado e dos negócios privados; e c) a racionalização do torcer, essa representada no discurso hegemônico de uma forma específica do torcer, baseada na lógica do consumo.

Esse novo contexto – em que são cunhadas novas perspectivas que criam e recriam, em constante disputa, suas “verdades” – teria sido responsável por modificar nossa forma de praticar, pensar, enfim, vivenciar o futebol em nosso cotidiano. Discursos historicamente considerados verdadeiros são desnaturalizados,

redimensionados e arrumados em uma nova configuração simbólica, alterando, assim, as relações do futebol com a “nossa cultura”.

Porém, apesar de Gil (2004) explicar que essas disputas acerca do que entende como a identidade futebolística nacional modificaram profundamente a visão de futebol no Brasil, e de sua participação na cultura brasileira, esse próprio autor diz que ser importante frisar que essas disputas discursivas não tornam a noção de futebol-arte brasileiro uma visão que teve um prazo determinado, mas sim uma visão que permanece em jogo, continuando a atingir, assim, além do futebol em si, “nossas propostas mais íntimas de nacionalidade, utopia social e cidadania” (GIL, 1994, p. 100).

Com efeito, no caso do futebol, os paradigmas não se excluíam. Não se pode negar que as estratégias de assimilação cultural associadas às políticas da mestiçagem tiveram – e ainda tem –, historicamente, eficácia simbólica no que diz respeito à construção da brasilidade mestiça. Entre essas estratégias, como lembra Chauí (2004), o imaginário de uma vivência futebolística nacional pautada no futebol arte típico do mestiço brasileiro, parece (re)constituir essa prática esportiva enquanto um “espaço” social que “resolve”, de forma imaginativa, as diferenças que continuam nas relações sociais objetivas no Brasil.

É tendo esse cenário analítico como pano de fundo que, a partir do final da década de 1970, a história do futebol brasileiro, entendida enquanto metáfora da identidade nacional brasileira, passa a ser elaborada teoricamente por alguns acadêmicos ligados às Ciências Sociais.

A partir de então, uma das análises que passam a influenciar, sobremaneira, o(s) olhar(es) das Ciências Sociais acerca da brasilidade futebolística é a fomentada pelo antropólogo Roberto DaMatta. Esse autor, ao propor uma sociologia que entenda a sociedade brasileira pelo “avesso” – quer dizer, através de temas que, pelo menos até o final dos anos de 1970, haviam sido desprezados pela sociologia “oficial” – toma o futebol como um veículo para uma série de dramatizações e representações da sociedade brasileira, visto que esse permite a expressão e vivência de problemas nacionais. Dessa forma, o futebol, o carnaval, etc., expõem *uma forma de ser do Brasil*. (DAMATTA, 1990).

Sendo assim, para DaMatta (1982), o futebol, no Brasil, em vez de ser o “ópio do povo”, é um drama de justiça social, um fenômeno progressista e modernizador, democrático em sua realização. Esse autor argumenta no sentido de ser o futebol uma das poucas *estruturas sociais* no Brasil, contrariamente à política e à

economia, esferas altamente volúveis, e das quais pouco se conhece das regras de funcionamento, campos destinados aos “expertos”. O futebol, então, para esse autor, constitui uma experiência na qual não contam os graus de parentesco ou amizade, mas a qualidade técnica; onde não há favorecimento individual pela condição financeira, mas chances para todos mostrarem suas habilidades. Nesta reflexão, o futebol é caracterizado como elemento cultural genuinamente brasileiro, capaz de gerar uma identidade nacional muito vinculada à forma como é praticado no Brasil, comumente chamada de *futebol-arte*. Não se trata, então, para o autor, de discutir se essa caracterização, que assume formas de mitologia sobre o Brasil em várias partes do mundo, está ou não correta. Mais importante é debater a força dessa “imagem positiva” (DAMATTA, 1982) sobre o modo de ser brasileiro.

Porém, tomar tal reflexão como argumento para a afirmação de uma provável vivência futebolística nacional constitutivamente democrática nos parece fazer cair em uma assertiva que não reflete a complexidade das relações sociais que atravessam o processo de popularização desse esporte no Brasil. O limite, a nosso ver, da compreensão de DaMatta (1982) acerca de uma identidade futebolística brasileira é que – ao essencializar certos “traços culturais do brasileiro” para definir uma provável modernidade democrática *à brasileira* – nos leva a uma essencialização do “caráter nacional” do futebol brasileiro.

Mais recentemente, com o intuito de fugir de prováveis essencializações de traços culturais típicos de uma identidade futebolística nacional, alguns autores (BRUHNS, 2000; LEITE LOPES, 2004) procuram pensar a trajetória da popularização desse esporte no Brasil a partir de uma série de processos complexos que, como aponta Bruni (1994, p. 09) “se desenrolam com o desenvolvimento industrial e urbano, envolvendo a classe operária, empresários e camadas populares, especialmente a população negra”.

Nesse sentido, tais autores procuram construir uma periodização analítica que possa permitir a percepção do processo pelo qual a vivência futebolística no Brasil, inclusive em suas ambiguidades, se entrecruzariam entre um futebol aristocratizado – característico das fases iniciais da apropriação desse esporte no Brasil – e um futebol popular, cujas características principais seriam tanto sua (re)apropriação por negros e mestiços, como também seu emburguesamento/proletarização.

Quanto à construção dessa periodização analítica, a meu ver, esses autores, ao tomarem as vivências futebolísticas (re)construídas no Rio de Janeiro e em São Paulo

como cenário privilegiado de análise das possíveis ambiguidades do(s) processo(s) de popularização desse esporte no Brasil, generalizam a brasilidade futebolística.

É certo, por um lado, que o Rio de Janeiro, por ter sido a capital federal, logo passou a ser o centro do futebol brasileiro, servindo de modelo de difusão para todo o Brasil. Seus clubes acabavam sendo seguidos nas diferentes cidades, com a reprodução das mesmas rivalidades. Nesse processo, a cidade de São Paulo, pólo econômico do café e de uma industrialização nascente, com importantes elites locais, apresenta também um desenvolvimento do futebol. Juntamente com setores da população do Rio de Janeiro, os de São Paulo tinham o poder de difundir comportamentos, normas e novidades para o resto do país.

Porém, por outro lado, também é certo, a meu ver, que há respostas diferenciadas à chamada brasilidade futebolística que constituiriam feições locais da(s) vivência(s) do futebol no país, o que tem gerado, portanto, não a brasilidade futebolística, mas brasilidades futebolísticas.

Sendo assim, no que diz respeito à compreensão desse(s) processo(s) por parte dos cientistas sociais que estudam o futebol no Brasil, me baseio em Gontijo (2002, p. 74), quando esse frisa que:

(...) ainda há uma espécie de ideologia (sutil) da carioquice permeando os escritos da maioria dos cientistas sociais e intelectuais brasileiros (de todos os tempos), que generaliza os traços cariocas para o resto do Brasil, transformando-os em traços culturais nacionais, formadores da própria “identidade nacional brasileira”. É como se o Rio de Janeiro fosse o espelho do Brasil, e não o contrário; como se a feijoada, o carnaval das escolas de samba, o futebol, a mulata e o chope bem-tirado fossem atributos que transcendem naturalmente o aspecto puramente carioca, tornando-se símbolos da própria brasilidade, divulgados e exportados infinitamente como a essência da ontologia cultural brasileira.

Porém, também é importante que notemos que as limitações da visão dos pesquisadores sobre o futebol como um todo não se dá de maneira aleatória. Essa está relacionada a, pelo menos, três fatores: a) um campo de forças que proporciona a imposição da visão da carioquice no campo acadêmico dos estudos sobre futebol em nosso país; b) às dimensões continentais do país; e c) com o fato de que as pesquisas sociais sobre o futebol são, ainda, relativamente recentes e insuficientes entre nós. Segundo observações do professor Ferretti, a afirmação de Gontijo analogamente pode ser aplicada também a outras áreas de estudos sociais no Brasil, como por exemplo, no campo das religiões afro-brasileiras onde ocorre uma super valorização do candomblé

de rito nagô keto da Bahia que passou a ser visto por numerosos pesquisadores e em consequência, assumido por grande parte dos participantes, como sendo a forma mais pura e correta desta religião, que de fato é muito diversificada nas diferentes regiões do país.

Não procuro negar que os discursos – inclusive os acadêmicos – que constituem a chamada brasilidade futebolística possuem eficácia simbólica no que concerne aos diferentes contextos em que esse esporte é vivido no país. Sobre essa questão, concordo com Helal (2001, p. 68) quando, ao discutir o futebol como traço da identidade brasileira, diz que:

É fundamental perceber que a identidade nacional é uma construção que o discurso intelectual oficial, o discurso do Estado-Nação, “essencializa”. Porém, o fato de que essa identidade é ou pode ser uma invenção que tem o Estado-Nação por trás, não suprime o fato de que ela é “real” depois que instaurada, que ela tem uma eficácia.

E continua:

O que percebemos, enfim, é que essas essencializações, das quais a construção de uma identidade nacional faz parte, são eficazes, possuem “materialidade”, sendo simbólicas; ou seja, produzem um resultado prático no imaginário coletivo: soldados morrem nos campos de batalha defendendo a bandeira de seus países, guerrilheiros matam em nome da legitimação de sua “etnicidade”. (HELAL, 2001, p. 68).

Dessa forma, à luz de Sant’Ana Júnior (2005), considero pertinente ampliar a compreensão da “brasilidade futebolística”, sendo fundamental discutir suas forças sociais propulsoras, resgatando o papel desempenhado por seus autores e atores individuais e coletivos.

Sendo assim, se quisermos construir um olhar mais crítico sobre o futebol no Brasil, é importante que se exija, inicialmente, uma problematização das próprias condições sócio-históricas da formação do conceito de identidade nacional e de como esse processo determinou o pensar uma brasilidade, considerando, entre outros fatores, o aspecto fundamental da construção do futebol como um traço de brasilidade, recorrendo-se a reflexões que apontam para o esporte como elemento de produção cultural. É importante frisar que tal movimento analítico deve, também, se reportar sobre em que medida, e sob que condicionantes sócio-históricos, parte dos intelectuais das Ciências Sociais – desde seus precursores – que estudam o futebol e suas

implicações culturais para a construção de uma identidade nacional no Brasil, também participam da (re)construção da identidade futebolística nacional.

Outro ponto fundamental, segundo Damo (2007a), é que parte da recente bibliografia, em que pese seu aumento expressivo, está comprometida do ponto de vista teórico por ignorar a diversidade dos fatos sociais, portanto, das diferentes experiências e significados no entorno dos futebolis. Tal equívoco deve-se, fundamentalmente, à razão que deveria ser, ela própria, objeto de investigação: o monopólio das representações legítimas exercido pela versão espetacularizada, forjada, em grande medida, pelos mediadores especializados. A versão espetacularizada, para esse autor, é disparada a mais investigada. Porém, o problema aparece quando essa matriz é tomada como referência ignorando-se as demais e o fato do próprio espetáculo ser um fenômeno do séc. XX.

Desse modo, cabe colocar o que chamo de dupla essencialização estrutural do(s) processo(s) de apropriação do football association no Brasil.

Por um lado, assumir os ditos “traços culturais genuinamente brasileiros” – típicos do imaginário da mestiçagem democrática brasileira – bem como as vivências futebolísticas (re)construídas no Rio de Janeiro e em São Paulo como cenário privilegiado de análise das possíveis ambiguidades do(s) processo(s) de popularização desse esporte no Brasil gera, a meu ver, uma (re)essencialização da brasilidade futebolística, na medida em que toma a história do futebol nesses contextos específicos, inclusive em suas ambiguidades, enquanto as condições estruturais da popularização desse esporte no país.

Já por outro, como aponta Damo (2007a, p. 33), parte da recente bibliografia em ciências sociais ignora a diversidade dos fatos esportivos ao tomar a versão espetacularizada do futebol como referência primordial de análise – ignorando não apenas outras versões de futebolis, mas o próprio fato do espetáculo futebolístico ser uma invenção do século XX, para a qual cronistas especializados e alguns intelectuais especializados das ciências sociais também contribuem.

Portanto, uma vez que as discussões acerca de uma provável identidade futebolística nacional é um tema teórico que ocupa um espaço fundamental entre os estudos que problematizam as implicações sociais do futebol no Brasil e suas diferentes regiões, cabe, a meu ver, posicionar-me quanto às suas limitações para a compreensão das diversas dinâmicas regionais envolvidas a esse esporte em nosso país.

Penso, então, que seja o momento de começar a refletir sobre as relações sociais que perpassam o(s) futebol(óis) não mais apenas como ponto de partida ou referência para o estudo convencional, em seus mais variados aspectos, de uma construída identidade nacional brasileira, mas sim tentar compreender as diversas vivências locais futebolísticas no Brasil através de estudos que se empenhem em explicitar e analisar suas complexidades – inclusive no que diz respeito às diferentes dinâmicas das emoções engajadas dos torcedores pelos diferentes clubes de futebol no Brasil – que se (re)constroem, também, atravessadas pelo imaginário de uma brasilidade futebolística.

1.3 Futebol e futebolís

Realizar tal movimento analítico, a meu ver, exige, à luz de Damo (2007a), que se reconheça que a diversidade futebolística corresponde a uma multiplicidade de sentidos, razão pela qual dever-se-ia ter muito cuidado no momento de escrever sobre o tema. Afinal, visto que as experiências esportivas – e, no caso desse estudo, futebolísticas – e seus respectivos significados são diversificados, quando se usa o termo futebol, a quais sistemas de significados se está referindo?

Assim, cabe demarcar algumas especificidades sobre as diferentes práticas futebolísticas para que possamos compreender os diferentes sentidos que os agentes sociais atribuem às suas práticas e, portanto, “suplantar o empirismo e o generalismo que caracterizam boa parte das interpretações sobre a dinâmica das emoções, experiências corporais, categorias de apreciação e as formas de adesão aos futebolís”. (DAMO, 2007a, p. 33)

Com efeito, é importante frisar que tomo, neste trabalho, como contexto privilegiado de análise o campo do futebol association espetacularizado³². Segundo o próprio Damo (2007b), o espaço reservado à criação no domínio do futebol de espetáculo é certamente um tema controverso e, sobretudo, difícil de ser abordado. Uma das questões paradoxais é que embora não exista um jogo igual a outro, também não existe nenhum que se possa considerar radicalmente diverso dos demais. Com efeito, cabe questionar: Por que, então, nós, espectadores, apreciamos assistir-lhes? Cabe fazer, então, algumas considerações sobre o tema.

³² Para compreender mais sobre a “classificação” construída por Arlei Damo quanto aos tipos de futebolís, consultar DAMO (2007a).

O campo do futebol espetacularizado caracteriza-se, em termos gerais, por particularidades dentre as quais três se destacam: a) a sua organização de forma monopolista, globalizada e centralizada através da FIFA-IB; b) a excelência performática exigida dos praticantes (jogadores) do futebol espetacularizado; e c) a divisão social do trabalho, dentro e fora de campo, sendo uma de suas características fundamentais a presença do chamado público.

Sob essa perspectiva, à luz do próprio Damo (2007b, p. 12), considero importante salientar os principais segmentos de agentes do campo do futebol de espetáculo:

- a) Os profissionais:** "todos aqueles que interferem diretamente no jogo, quer dentro do campo como a própria performance dos jogadores, técnicos ou juizes na busca imediata dos resultados quer na percepção dos jogadores, fisiologistas, preparadores físicos, etc., ou no suporte administrativo dos dirigentes [...] que viabilizam a competição como espetáculo".
- b) Os especialistas:** "[...] [os] que procuram decodificar e ordenar para uma narrativa supostamente mais linear e universalista, a partir das técnicas disponíveis de cada meio midiático, o processo ritualístico em evento jornalístico, de interesse geral".
- c) Os torcedores:** aqueles que impõem ao futebol "a circularidade das emoções", importando-se sobretudo com a capitalização simbólica do desfecho dos rituais agonísticos.
- d) Os dirigentes:** são aqueles que detêm o controle político e econômico do futebol de espetáculo. Podem ter cargos eletivos (como são os presidentes de clubes, federações e confederações), ou assegurados por outras vias (como são as nomeações de acionistas, patrocinadores, administradores, enfim, há uma extensa lista de novos gestores, produtos e produtores das ultimas etapas da espetacularização do futebol, aliados ou rivais dos cartolas tradicionais).

Sendo assim, não obstante a distinção clara e precisa entre quem pratica e quem assiste, há, no espaço social do futebol espetacularizado tramas que envolvem diversas especialidades – profissionais, torcedores, dirigentes, etc. – que “produzem” lutas em relação aos ideais de competências (inclusive performáticas e corporais), interesses e reputações que são delimitadas por e delimitam os *habitus* futebolísticos em contextos futebolísticos específicos.

As práticas futebolísticas de matriz espetacularizada se constituem, então, enquanto um campo permeado por lutas entre agentes que, entre outras coisas, disputam o monopólio de imposição da definição legítima da prática futebolística e da função legítima da atividade futebolística: amadorismo contra profissionalismo, futebol-prática contra futebol espetáculo, futebol distintivo – de elite – e futebol popular – de massa – etc.

No Maranhão, por exemplo, atualmente, esses embates sobre o monopólio de imposição da definição legítima da prática futebolística e da função legítima da atividade futebolística estão marcados por uma forte tensão, pois o futebol profissional do Estado se organiza em uma estrutura marcada pela pessoalidade, pelo parentesco e pelo favor, porém passa a conviver com pressões para que a administração do futebol seja reestruturada para um modelo de gestão que modernize o futebol profissional do Estado, modelo esse inspirado nas leis de mercado e dos negócios privados.

Com efeito, a percepção da necessidade de uma reestruturação administrativa, como dito anteriormente, é apontada, por exemplo, pelo fato do campeonato maranhense ter cobertura restrita da mídia; infraestrutura, de diversas naturezas, comprometida, associada à falta de investimentos empresariais nesse setor esportivo; jogadores avaliados como não possuindo a competência técnica exigida para a prática do esporte; falta de um número expressivo de torcedores nas arquibancadas, etc.

Sob esse contexto, há a construção, pelos agentes locais (torcidas, diretores da Federação de Futebol do Maranhão, diretores de clubes, mídias especializadas), de embates interessados em definir as regras e os valores dominantes do futebol estadual.

Foto 02



(Torcida em um jogo de futebol da Taça Cidade de São Luís 2009)

Foto 03



(Torcedores contra a atuação administrativa da Federação Maranhense de Futebol)

Foto 04



(Torcedores protestam contra a administração do presidente da Federação Maranhense de Futebol).

Olá... O futebol maranhense chegou ao fundo do poço!
 O Sampaio caiu ontem, para a quarta divisão do campeonato brasileiro.
 O tricolor vai para onde o Moto Clube já está...
 Aliás, onde está lutando aos trancos e barrancos para retornar.
 O torcedor do "futebol maranhense" não merece isso...
 A nossa torcida agora é para que o moto volte para a série "C", assim, como
 ontem, torcemos para o Sampaio não cair para a série "D".
 Alguém tem que fazer alguma coisa por esse futebol decadente!
 O pensamento dos dirigentes tem que mudar, a sistemática de como é feito o
 futebol no maranhão tem que mudar...
 E é bom lembrar que o maranhense gosta muito de futebol... É apaixonado
 por futebol!
 (Abertura do Globo Esporte – MA, 03/08/2009)

Percebe-se, à luz de Bourdieu (1983), que o poder futebolístico não reside na prática futebolística espetacularizada em si, mas na relação entre essa e um campo de relações futebolísticas, cuja constituição é inseparável do desenvolvimento de um corpo de agentes – nos termos de Bourdieu, especializados e profanos – dotados de interesses específicos. Sendo assim, há uma homologia entre o espaço social e o espaço das práticas esportivas, sugerindo, então, que a relação entre esses espaços define as propriedades de cada prática esportiva. Portanto, existem, em diferentes campos esportivos, agentes sociais estratégicos preocupados em maximizar, através de seus interesses, e influenciar nas definições e divisões sociais, constituindo disputas por poderes simbólicos e materiais.

Como coloca o próprio Bourdieu (1983), temos, então, um caso de encontro entre a oferta – isto é, a forma particular que reveste a prática e o consumo esportivos propostos a um dado momento do tempo – e a demanda – isto é, as expectativas, os interesses e os valores dos praticantes e consumidores potenciais, sendo a evolução das práticas e dos consumos reais o resultado da confrontação e do ajustamento permanente entre um e outro. Ou seja:

(...) mencionarei apenas que o princípio das transformações das práticas e dos consumos esportivos deve ser buscado na relação entre as transformações da oferta e as transformações da demanda: as transformações da oferta (invenção ou importação de esportes ou de equipamentos novos, reinterpretação dos esportes ou jogos antigos, etc.) são engendradas nas lutas de concorrência pela imposição da prática esportiva legítima e pela conquista da clientela dos praticantes comuns (proselitismo esportivo), lutas entre diferentes esportes e, no interior de cada esporte, entre as diferentes escolas ou tradições (...) lutas entre as diferentes categorias de agentes engajados nesta concorrência (esportistas de alto nível, treinadores, professores de ginástica, fabricantes de equipamentos, etc.); as transformações na demanda são uma dimensão na transformação nos estilos de vida e obedecem, portanto, às leis gerais desta transformação. A correspondência que se

observa entre as duas séries de transformações se deve, sem dúvida, neste e noutros casos, ao fato de que o espaço de produtores (...) tende a reproduzir, em suas divisões, o espaço dos consumidores. (BOURDIEU, 1983, pág. 153).

Com efeito, a produção das competências necessárias à apreciação futebolística são elas próprias produzidas pelo campo do futebol de espetáculo – através das relações entre as transformações da oferta e as transformações da demanda –, incluindo-se as competências para a compreensão das propriedades que seriam próprias do jogo.

Dentre essas propriedades específicas do jogo, no que diz respeito ao torcer, no futebol espetacularizado não há, como no futebol de “pelada”, turma de "A" e turma de "B", mas sim dois times que representam clubes e estes, por seu turno, estão vinculados a comunidades multifacetadas de pertencimento (Damo, 2007b, p. 61). Sendo assim, não se pode tentar decifrar o enigma do pertencimento clubístico olhando-se tão somente para o jogo, como um crítico de arte que olha somente para a pintura em si:

Um jogo é um evento, do tipo disjuntivo, e como tal um ato epifânico, único, irreproduzível, situado no espaço e no tempo. Um jogo é *parole*, se quiséssemos, pois *parole* é ato, como escreve Ricoeur (s/d:20-4). Segue-se que, como evento, enseja a significação. O público que acorre aos estádios não o faz aleatoriamente, não sem interesses específicos, não sem expectativas relativamente claras. As configurações de jogo decorrentes do enfrentamento entre as equipes, [...], foram seguidas atentamente pelos torcedores, como segue uma modalidade de narrativa oral, uma performance coreográfica ou outra qualquer. Todavia, os próprios torcedores que co-atuaram, aplaudindo e depois vaiando o time, constituíram, também eles uma segunda ordem de narrativa, anexa aos eventos do jogo propriamente dito, mas com o acréscimo de elementos próprios. Os torcedores ditos organizados, da Camisa 12, por exemplo, enquanto um recorte entre a totalidade dos torcedores, constituíram uma narrativa autônoma, co-atuando paralelamente aos jogadores, mas atuando efetivamente, a ponto de formarem configurações específicas e de produzirem dinâmicas verbais e gestuais próprias, diversas daqueles que viram o jogo das cadeiras numeradas e dos camarotes. Cada torcedor, em última instância, constitui sua narrativa, diversa de todas as demais, incluindo-se as do locutor de rádio, que difere do narrador de televisão. Há também as narrativas pós-jogo, a caminho de casa ou no botequim, e aquelas com anos, por vezes décadas de distância temporal dos jogos. Enfim, os jogos de futebol de espetáculo suportam diferentes possibilidades narrativas, mais do que as peladas e os jogos de várzea. (DAMO, 2001, p.05).

Para Damo (2007b), o poder simbólico de gerar tamanha quantidade e diversidade de narrativas faz do futebol um fato social relevante de ser compreendido, mas não se conseguirá compreender este poder simbólico - em que reside, afinal, o

interesse pelo futebol e, quase intrinsecamente, pelo clube do coração - olhando-se tão somente para o jogo.

Sob essa perspectiva, o futebol de espetáculo constitui-se paralelamente ao seu público, uma modalidade de apreciadores muito peculiar na medida em que seus interesses são, via de regra, dados pela adesão a uma agremiação tradicional que se faz representar dentro de campo por uma equipe com onze jogadores.

Com efeito, torcer é uma forma de participação sociopolítica bastante peculiar. Abordar o "pertencimento" e as atitudes decorrentes deste vínculo implica reconhecer nas manifestações dos torcedores - das falas, gestos, vestuário, etc. - certas mensagens cuja interpretação, em termos de forma e conteúdo, implica o reconhecimento de um sentido profundo nos embates, um pano de fundo cultural no qual os sentimentos de pertença e o próprio gosto pelo futebol estão alicerçados.

Cabe, então, ao pesquisador, interpretar as dinâmicas sociais que tornam cada torcedor de um certo clube um comentarista, um crítico autorizado para falar dos clubes e associá-los a certas categorias sociais. Tais códigos de pertencimento garantem acesso a certas discussões que ocorrem em momentos de sociabilidade intensa. Formam-se, então, discussões que exigem dos envolvidos uma clara definição acerca da posição em que se encontram. Opina-se a partir de um referencial, como torcedor pertencente a um determinado grupo, embora seja possível, evidentemente, discutir-se futebol em termos abstratos.

2. Futebol e a dinâmica das emoções: experiências bolivianas em terras maranhenses

O envolvimento com o futebol, como dito anteriormente, não é um processo que ocorre de forma aleatória, ele envolve os indivíduos e os grupos: uma nação, um clube...

No que diz respeito ao jogo na forma de um confronto espetacularizado – como analisado no capítulo anterior – do ponto de vista do torcedor, para Damo (2007a, p. 49):

“o público que vai aos jogos não o faz por uma razão sublime, para ver acrobacias ou coisas do gênero. Vai porque um dos times que está fardado – este termo não é gratuito, por certo – em campo representa o clube pelo qual torce, e deseja vê-lo vencer outro time, que representa outros torcedores”.

Com efeito, o amor aos clubes é a mola propulsora dos esportes coletivos, especialmente do futebol. É raro encontrar praticantes e/ou torcedores que não tenham seu clube do coração. Porém, torcer não é a mesma coisa que pertencer (Damo, 2007a). Há diferenças entre aqueles que escolhem um time para torcer ao sabor das circunstâncias, e conveniências, de um determinado momento e aqueles que seguem um mesmo clube durante a vida, ou seja, estendem as emoções vividas durante os jogos de futebol para além desses, chegando, às vezes, até a tomarem atitudes tidas, socialmente, como irracionais. Ou seja, como bem aponta Damo (2007a, p. 52):

“Ainda que usados seguidamente como sinônimos, torcer e pertencer não são exatamente o mesmo. O primeiro serve para caracterizar tanto as adesões duradouras quanto as eventuais, ao passo que o pertencimento denota uma modalidade de envolvimento propriamente intensa, equivalente ao que os nativos caracterizam como “torcedor fanático”, “doente”, “cego”, etc.”.

Sendo assim, o sentimento de pertença é um dos ingredientes principais da espetacularidade futebolística. As pessoas raramente vão ao estádio para ver jogos de futebol sem ter um time que representa o seu clube de coração. Trata-se, pois, de uma frequência engajada. Sem o clubismo, como aponta o próprio Damo (2007a), o futebol de espetáculo seria algo muito diverso do que é na atualidade, pois é a adesão aos clubes, tida como única e imutável, que constitui a força motriz do espetáculo.

O amor por um dado clube, então, demanda a passagem do indivíduo em pessoa de uma trama social e cultural que implica uma modalidade de conversão que funciona segundo um sistema de regras, tabus, rituais, crenças, às vezes um tanto rígidas³³, que colocam em funcionamento o pertencimento clubístico. A ocupação de espaços sociais pelo que se entende chamar por clube de esporte – criador de lugares pelo do deslocamento identitário de pessoas – pode ser pensado, segundo Damo (2007a), à maneira do que esse autor chama de clubismo:

“O clubismo é produto das operações simbólicas de demarcação de fronteiras, de classificações, divisões e segmentações diversas. Trata-se, em última instância, de um sistema que opera nos dias atuais, a partir de uma lógica relativamente autônoma, circunscrita ao universo esportivo, conquanto sua força seja notável. Trata-se de uma categoria simbólica que opera socialmente e, portanto, concretamente, impondo-se em relação a outras demarcações de fronteiras, tal é o caso das categorias de classe, religião, gênero, partido político, entre outras. A força do flamenguismo ou do botafoguismo, por exemplo, é capaz de aproximar pessoas de classes sociais distintas, militantes de partidos opostos, grupos etários variados e assim por diante. Por isso mesmo creio que não é possível compreender a dinâmica das emoções no futebol de espetáculo sem aprofundar o entendimento desse potente sistema de crenças, representações e segmentações. [...] Ao pertencimento clubístico, que na origem é constituído por laços afetivos emprestados do familismo, estão tramados elementos de ordem econômica, social, cultural e, como não poderia deixar de ser, valores e identidades locais, regionais e nacionais”. (Damo, 2007a, p. 66).

Já do ponto de vista dos clubes, como colocado anteriormente, a adesão de torcedores constitui uma modalidade de capital imprescindível para ter acesso a outros capitais. O pertencimento clubístico, nos termos de Bourdieu, é um capital afetivo que compete à dimensão político administrativa do clube converter em capital econômico, a fim de organizar times competitivos. Sendo assim, há uma clara relação entre o capital afetivo dos clubes, aferido pela lembrança dos torcedores, e o capital esportivo, declinado a partir do status galgado com as performances futebolísticas. Porém:

“... tais reconversões não ocorrem mecanicamente, razão pela qual nota-se crescente investimento dos clubes em estratégias e estrategistas visando aprimorá-las, com a criação de museus, departamentos consulares e com campanhas visando consolidar o pertencimento de crianças e jovens”. (Damo, 2007a, p. 64).

Com efeito, um clube – e conseqüentemente o pertencimento clubístico –, segundo DAMO (2007a), deve ser compreendido como tendo duas faces distintas e

³³ É importante frisar que não se deve pensar esse sistema como uma estrutura ortodoxa. Existem possibilidades de negociação, de adequação estratégica a essas regras.

imbricadas uma na outra: a) uma dimensão político-administrativa, a quem compete, entre outras coisas, a organização do time que representa o clube; e b) uma dimensão simbólica, constituída historicamente, quer seja como entidade única – Sampaio Correa FC, por exemplo –, quer seja como integrante do sistema clubístico (o pertencimento do boliviano é (re) construído em relação ao pertencimento do motense, por exemplo).

No que diz respeito ao sistema clubístico, é importante colocar que existe um sistema que hierarquiza, nos aspectos econômico e emocional, previamente as disputas entre clubes. Esses são classificados a partir de um sistema de circulação das emoções que toma forma de uma dimensão simbólica – constituída historicamente – que é interpretada em relação a outros clubes que fazem parte, ou não, do ordenamento de clubes FIFA-IB, em seus diversos matizes. Não se deve esquecer jamais que o sistema de enfrentamento na esfera do espetáculo é organizado em forma de divisões hierárquicas - 1ª (Série A), 2ª (Série B), 3ª (Série C), e assim por diante.

O Sampaio Correa FC, por exemplo, no que diz respeito ao cenário futebolístico nacional, ocupa, atualmente, uma vaga na 4ª divisão do Campeonato Brasileiro. Dessa forma, na dinâmica do sistema clubístico, esse clube não enfrenta – a não ser que consiga boas posições no campeonato e assim gague o acesso que dará legitimidade para ocupar um novo posto no futebol nacional – outros clubes de divisões superiores, que representam, no sistema clubístico nacional, maior apelo emocional – como Flamengo por exemplo.

Com efeito, à luz de Damo (2007a), compreendemos melhor o Sampaio Correa FC – bem como o que pode representar torcer Sampaio Correa FC – quando se relaciona esse clube ao que representa o Flamengo – clube de maior apelo popular do país, e participante da primeira divisão.

O espaço que separa o Sampaio Correa FC do Flamengo é dado pelas hierarquias existentes entre clubes que integram o sistema FIFA-IB. O Sampaio Correa FC raramente enfrenta o Flamengo, visto que não participa do circuito de competição dito Série A do Campeonato Brasileiro, sendo assim excluído do sistema de relações da chamada elite clubística nacional.

Já em relação ao Moto Clube – clube de maior rivalidade do Sampaio Correa no Maranhão, e que, atualmente, não ocupa nenhuma divisão no Campeonato Brasileiro – podemos dizer que o espaço que o separa do Sampaio Correa FC é construído em relação à outra dinâmica social, regionalizada. No futebol brasileiro as rivalidades entre as torcidas são causadas pelas disputas existentes entre os clubes. Em

linhas gerais, as torcidas atualizam certas rivalidades que fazem parte da história das agremiações, boa parte delas circunscrita à própria origem dos clubes. Por isso os enfrentamentos mais densos, e constantemente reatualizados, são, principalmente, aqueles envolvendo clubes da mesma cidade.

2.1- A Bolívia Querida

Sampaio Corrêa, a Bolívia querida de maior torcida desse Maranhão.
Sampaio Corrêa, do nosso esporte o mais antigo esquadrão.
Sua camisa encarnada, verde e amarelo.
Veste o gigante do esporte em constante duelo.
Sampaio Corrêa, time de escol, maior torcida tradição e futebol.
(Hino do Sampaio Correea FC).

O Sampaio Corrêa Futebol Clube, em torno do qual gravitam os chamados bolivianos, é o mais antigo dos clubes de futebol atualmente em atividade no Maranhão. Segundo dados consultados no site³⁴ e na revista³⁵ do Sampaio Corra, o clube foi fundado no dia 25 de março de 1923, na residência de Inácio Coxo – localizada em uma das ruas do bairro do Lira, próximo à rua do passeio, centro de São Luís – por um grupo de jovens, sob o comando de Vital Freitas e Natalino Cruz, que resolveram criar a Associação Sampaio Corrêa Futebol Clube.

Conhecido por diversas denominações – primeiramente foi aurirubro, devido à camisa ser amarela com detalhes vermelhos, posteriormente como Tricolor de São Pantaleão, Esquadrão de Aço, Tricolor de Aço, Mais Querido da Cidade, Tubarão e, principalmente, Bolívia Querida – trata-se, atualmente, de um clube quase centenário, que faz parte da elite clubística estadual, mas que não faz parte da elite clubística nacional.

O nome Sampaio Corrêa surge em homenagem ao hidroavião Sampaio Corrêa II, que aportou em São Luís no dia 12 de dezembro de 1922, sob o comando do piloto brasileiro Pinto Martins e do americano Walter Hilton. O avião tinha sido doado – e por isso levava o nome – pelo senador carioca José Mattoso de Sampaio Corrêa, presidente do Aeroclube Brasileiro. Aliás, foram dois os aviões doados pelo senador:

³⁴ www.sampaiocorreafc.com.br

³⁵ O lançamento da revista do clube fez parte das estratégias, cunhadas pela atual diretoria, para sua reorganização administrativa. Foi lançado somente um número, em 2007.

Sampaio Corrêa I e Sampaio Corrêa II, sendo que o primeiro pegou fogo antes do segundo ser doado.

Nessa época, os dois pilotos tentavam realizar a primeira ligação aérea entre as Américas, levantando voo dos Estados Unidos para o Brasil. A vestimenta utilizada por eles deu origem ao primeiro uniforme do clube, pois o brasileiro usava camisa verde e amarela, em linhas verticais e o americano nas cores vermelho e branca. Ambos vestiam calça caqui. Estas cores foram utilizadas durante muito tempo no uniforme do clube.

Formado, inicialmente, por operários e jovens peladeiros³⁶, as primeiras atuações do Sampaio Corrêa Futebol Clube foram marcadas pela participação em campeonatos suburbanos da cidade de São Luís, em que o time de futebol jogava contra outros pequenos clubes de periferia.

O primeiro grande passo foi desafiar o Luso Brasileiro, à época campeão maranhense e maior potência clubística do Estado. O primeiro compromisso oficial entre os dois clubes ocorreu em 26 de abril de 1923, sendo que o Luso vinha de uma longa invencibilidade.

Os primeiros títulos do Sampaio Correa FC vieram somente nos anos 1930, quando conquistou o tricampeonato de 1930, 1933 e 1934, enquanto que nos anos 1940 conquistou dois títulos estaduais. É nessa década que o clube começa também a disputar alguns torneios e amistosos regionais, chegando a obter importantes vitórias frente a clubes das regiões norte e nordeste:

Atualmente o Sampaio Correa FC é o clube que possui mais títulos do Campeonato Maranhense de futebol profissional, com 28 conquistas, sendo oito obtidas de forma invicta. Além dos campeonatos estaduais, o Sampaio Correa FC também ostenta um Campeonato Brasileiro da Segunda Divisão, em 1972, e um Campeonato Brasileiro da Terceira Divisão, em 1997. Além disso, o Sampaio é o único clube do Maranhão a participar de um torneio internacional oficial: a Copa Conmebol de 1998, terminando como terceiro colocado atrás do Santos e do Rosário Central, da Argentina.

No que diz respeito aos embates sobre o monopólio de imposição da definição legítima e da função legítima da prática e da atividade futebolística no Maranhão, a atual diretoria do clube tem tomado a posição de um dos representantes das

³⁶ Peladeiro não é um neologismo. Os principais dicionários de língua portuguesa trazem o termo peladeiro, que indica meninos ou rapazes descalços que jogam partidas de futebol em terrenos baldios, ruas, praças ou praias.

pressões para que a administração do futebol seja reestruturada para um modelo de gestão que modernize o futebol profissional do Estado.

O Sampaio Correa é também uma instituição política. Visto que se configura como uma “entidade de prática desportiva” sem fins lucrativos, a legislação específica determina que a entidade possua um estatuto e nele conste a possibilidade de alternância de poder. Sendo assim, os discursos da nova diretoria apontam para a necessidade de levar o Sampaio Correa para uma reorganização administrativa. Segundo o atual presidente:

O futebol hoje é um negocio e, como tal, tem que ser tratado de forma empresarial. Sendo assim, deve-se acabar com a improvisação, com o amadorismo, com a falta de planejamento e com a desorganização. Para tanto, as prioridades definidas foram: profissionalização do futebol, valorização das categorias de base, regularidade fiscal do clube, recuperação e ampliação do patrimônio, efetivas ações de marketing para incrementar receita, consolidação do quadro societário. (Sérgio Frota, Revista do Sampaio Corrêa, 2007, p. 10).

É importante o que ele diz, mas, como mostrarei a seguir, o futebol, e principalmente o torcer por clubes de futebol, é construído por mais sentidos do que só um negócio.

2.2. Experiências bolivianas em terras maranhenses

Só o Sampaio e minha família vão ser meus eternos amores... O resto é resto... Sampaio só abaixo de Deus. (Amaral, 13/07/09).

Dizer que o futebol virou somente um negócio é desconsiderar a complexidade das relações entre torcedores e seus clubes de coração. A crítica linear de que não existiria mais a paixão no futebol, de que o futebol se profissionalizou tanto a ponto de ser um grande representante do capital, faz lembrar a ideia existente na década de 1970, por parte de grupos de esquerda que combatiam a ditadura vigente, de que o futebol era o ópio do povo.

Uma torcida não é só um grupo de pessoas que escolheu um time para acompanhar. Torcer por um clube contém especificidades que são fruto da história cultural de uma família, uma torcida, um clube, uma cidade, etc. Como dito anteriormente, o clube que o torcedor acompanha não foi escolhido de maneira aleatória. Essa escolha tem

sentido e transforma o indivíduo em pessoa de uma trama social e cultural que implica uma modalidade de conversão que funciona segundo um sistema de regras, tabus, rituais, crenças que colocam em funcionamento o pertencimento clubístico.

Entender essa escolha, portanto, demanda a compreensão de que torcer por um clube de futebol é a chave de entrada para um universo em que é necessário o domínio de certos códigos que são formados no espaço-tempo do cotidiano, em que circulam informações, lembranças, etc., dando a este esporte, por intermédio daqueles que se dizem torcedores de certo clube em particular, uma sociabilidade vivida de modo particular. Tal colocação pode ser percebida, por exemplo, quando pergunto a um torcedor sobre o que significa ser boliviano:

Ser boliviano é torcer para o Sampaio Corrêa. É um time com as cores da Bolívia né, o país Bolívia, então o torcedor do Sampaio Corrêa a gente chama de boliviano (...) algumas pessoas falam sampaíno, quem não conhece, que é de fora, chama sampaíno, mas a gente chama mesmo de boliviano. (Ricardo, 05/06/09).

Nesse processo, como bem aponta Damo (2007a, p. 66), “estão tramados elementos de ordem econômica, social, cultural e, como não poderia deixar de ser, valores e identidades locais, regionais e nacionais” que só fazem sentido em relação à construção cotidiana do pertencimento clubístico, visto que esse se configura enquanto uma “categoria simbólica que opera socialmente e, portanto, concretamente, impondo-se em relação a outras demarcações de fronteiras, tal é o caso das categorias de classe, profissão, religião, gênero, partido político, entre outras” (Damo, 2007a, p. 66).

È uma coisa que, eu fico pensando assim, se o Sampaio Correa acabasse, o que que eu ia fazer. Porque ser torcedor é como se você nascesse maranhense, se você nascesse homem e, sei lá, nascesse falando português. A mesma coisa é nascer sendo boliviano. Imagina tu nascendo no Maranhão e de repente o Maranhão acaba, é extinto. Assim, eu sou maranhense, eu vou pro sul do país. Eu posso sair daqui, eu posso trocar de mulher, de religião, de endereço. Eu já vi muita gente trocar de religião, de mulher, mas eu nunca vi um boliviano trocar pra torcer pra outro time, principalmente pra aqueles cú vermelho (motenses). Só o Mac (Maranhão Atlético Clube) que não influencia nada, é tipo barata, não come e deixa mal cheiroso. (José, 22/08/09)

O "pertencimento" clubístico é, portanto, uma máscara social peculiar – uma entre as tantas existentes nas diferentes sociedades – que torna o torcer uma participação política particular. A partir dela, e por intermédio dela, se tem acesso a um universo em que se expressam sentimentos e pontos de vista que dificilmente seriam ditos de outro

modo e em outros contextos. Como uma construção humana, também está permeada pelas complexidades (esportivas, políticas, econômicas etc.) das sociedades que as produzem.

Sob essa perspectiva, não só os jogadores, mas também comentaristas, torcida, patrocinadores, políticos etc., todos vivem o futebol, sendo viver também a construção de discursos, em diversos contextos sócio-históricos de interesse, que legitimam essa prática esportiva. É dessa forma que cabe, a meu ver, abordar o pertencimento clubístico do boliviano, e as atitudes decorrentes deste vínculo.

Com efeito, o torcer, como dito anteriormente, se torna produto de operações simbólicas de demarcação de fronteiras, de classificações, divisões e segmentações diversas que envolvem noções de história, identidade, lugar no mundo. Trata-se, como aponta Damo (2007a), em última instância, de um sistema que opera nos dias atuais, a partir de uma lógica relativamente autônoma, circunscrita ao universo esportivo. Nesse processo, na medida em que certas marcas diacríticas vão perdendo sua capacidade de distinção, outras tantas tendem a ser (re)inventadas, como é o caso quando pergunto sobre de onde vem o nome boliviano:

Olha, eu não sei a história do Sampaio Correa como começou, nem a história de chamar boliviano. Mas hoje o Sampaio Correa faz parte da minha vida que no fim de semana eu não consigo perder um jogo sequer. Eu já faço parte da torcida organizada, às vezes tenho que ir pro treino pra ver como é que ta o time do Sampaio, muitas vezes viajo pra acompanhar o Sampaio. Esse clube mexe muito comigo, até porque eu já tenho o contato, sou boliviano desde criancinha, então eu já tenho a minha vida nesse meio. Então hoje eu sou da torcida organizada Mancha Tricolor, ex-presidente da Torcida Mancha Tricolor. E hoje eu faço parte da diretoria, mas na área de marketing. (Paulo, 04/07/09)

Rapaz eu não sei bem, parece que veio de um hidroavião que desceu aqui em São Luís que parece que tinha as cores da Bolívia, ou então parece que são as mesmas cores da bandeira da Jamaica, porque aqui tem muita influência do reggae. Eu sei que eu sou boliviano. [...] Olha, eu vou te dizer. Desse ponto específico eu desconheço. Ou deve ter muito a ver com a questão do hino do Sampaio Correa. Porque fala assim: Bolívia querida, time de maior torcida desse Maranhão. Isso, pra mim, é uma espécie de marketing. Praquela época era uma espécie de marketing. Eu acho que isso acabou pegando, eu não sei se o hino já era porque o Sampaio era time de massa naquela época ou se o hino fez com que chamasse mais pessoas pra torcer pro Sampaio. (José, 22/08/09).

A história, a tradição e a memória de um clube são o resultado de sobreposições e arranjos múltiplos produzidos pelos vários segmentos que constituem o universo futebolístico, num tempo e espaço que não é o do jogo propriamente dito. É o tempo do cotidiano, em que se "discute futebol". Nesse espaço-tempo é que circulam as anedotas, as

informações, as lembranças, os mitos, enfim, no qual se aproximam futebol e sociedade, dando a este esporte um encadeamento com outras esferas do social e aos agentes sociais - por intermédio daqueles que se dizem torcedores - uma sociabilidade vivida de modo particular.

Entre os torcedores entrevistados, evidenciei que não existe homogeneidade no torcer, visto que o se doar ao clube de coração, o comemorar, a alegria ou a tristeza são construídos de forma diferente por cada sujeito torcedor gerando, portanto, sentidos diversos em cada um.

Quanto à escolha do Sampaio Correa como clube do coração – ou seja, quanto à entrada ao universo de rede de significados dos chamados bolivianos – pude perceber nas entrevistas que não se dá a partir de um único vetor catalisador de sentimento por esse clube.

Para a maioria dos entrevistados essa entrada foi realizada desde muito cedo, e esse fator, comumente, é utilizado como mecanismo de afirmação quanto à extensão e importância de se ter um clube para torcer. Quanto a esse aspecto, em que pese o pertencimento clubístico ser vivenciado no domínio público, ele é indissociável das redes de sociabilidade próximas ao indivíduo, tais como família, vizinhos e amigos.

Segundo Damo (2007a), o pertencimento clubístico, na origem, é comumente constituído por laços afetivos emprestados da família. Sendo assim, a rede de sociabilidade responsável pela socialização primária e, portanto, pela inculcação de certas sensibilidades emocionais, permanece na lembrança dos torcedores:

Agora só que assim: Meu pai, boliviano ranzinza. Só que nesse tempo eu ainda não entendia essa coisa, porque ele era muito comedido, assim, não era aquele torcedor de gritar, como eu sou hoje. Eu desde que eu me entendo por gente meu pai me levava pra campo de futebol. Mas eu não me lembro de ter ido pro Nhozinho Santos com meu pai, ele só me levava pro Castelhão. Eu já vi grandes jogos no Castelhão. Sampaio x Moto, Sampaio x Maranhão, ou então Campeonato Brasileiro da série B. Dessa época eu me lembro que chegou um rapaz aqui que era parente da gente, só que ele torcia pra coisa (Moto Club). Aí, nessa época, no Castelhão, antes de começar os jogos, tocavam os hinos dos dois clubes. Aí, quando tocou o hino do moto, da coisa, o rapaz falou que esse que era o time bacana. Aí papai olhou pra mim assim e disse assim: Presta atenção que já vai tocar o hino do time bacana. Nesse momento ele já me chamou pra responsabilidade. Fui criando aquela coisa, sempre naquela aversão ao rubro negro (José, 22/08/09).

Nesse caso, o apaixonado por seu clube lembra em detalhes do momento em que se tornou boliviano. Uma vez que os processos de convencimento são travados na esfera das emoções, o "se tornar" foi ritualizado: por ocasião de uma ida ao estádio com

o pai para assistir a um dito grande jogo, por exemplo. Com efeito, esse jogo foi excitante, mesmo que, porventura, tenha sido tecnicamente fraco.

Ao mesmo tempo, podemos perceber que o pai, ao mostrar ao filho para que clube deve torcer, apresenta-lhe uma visão de mundo, ou, como diz o entrevistado, o chamou para a responsabilidade. Por trás dessa proposição estão experiências e concepções de vida, de mundo, de sociedade. Assim pode acontecer na escolha da religião, da profissão e do clube para qual se deve torcer, entre outras escolhas. Essa atitude propositiva, como aponta Silva (2005), se dá em detrimento da possibilidade de uma escolha errada, que não traz a ela acoplados os valores do pai que se sente responsável pela formação do filho.

Porém, é importante frisar que a influência familiar não é o único vetor catalisador da vinculação clubística. A formação de grupos que reproduzem valores, sentimentos e representações compartilhadas em comum por determinado clube pode ser se dar também a partir de outras relações sociais, como, por exemplo, amigos que se reúnem para assistir a um jogo. Nesse aspecto, ainda na introdução desse trabalho, os bares são mostrados como espaços privilegiados para a construção e manutenção de vínculos, uma vez que utilizados, durante os intervalos dos jogos, para a manutenção de conversas sobre os mais variados assuntos: laços familiares, histórias de suas vivências com o futebol, disputas entre torcidas, influência da política local sobre o futebol, o chamado atraso do futebol maranhense, problemas enfrentados diariamente, sobre a própria satisfação de ser fiel ao seu time de coração e ao futebol maranhense, etc.

Mas não foi papai que me influenciou pra eu torcer pro Sampaio não. Porque pega o exemplo daqui de casa. Eu sou Vasco, minha esposa é Vasco. Meus dois filhos foram pra feira comigo, olharam a camisa do flamengo e hoje são todos dois flamenguistas. Eu até tentei, mas não teve como eu influenciar. Assim foi comigo. Fui com papai pro estádio, ele é boliviano, mas não foi ele que me influenciou não. Eu nem comecei torcer de primeira. Fui indo com uns amigos bolivianos pra tomar um chopp e então fui tomando o gosto e hoje eu sou também boliviano. (João, 04/12/2009).

A partir da fala do entrevistado, percebo que a ida ao estádio com os amigos – tomar uma cerveja, conversar – transformou-se em um momento de prazer, a partir de uma sociabilidade intensa que contribuiu a construção do pertencimento clubístico pelo Sampaio Correa.

Outro exemplo, dentre a variedade de caminhos possíveis de construção do vínculo clubístico, se deu quando perguntei a um entrevistado, participante de torcida organizada, quando e de que forma começou a ser torcedor do Sampaio Correa:

Um dia eu tava com um pessoal lá da rua e os moleques me chamaram pra ir pro campo, ajudar lá na torcida. Já tinha uma galera da rua que participava, então eu fui. Gostei do negócio, da agitação, de defender lá com a galera nosso espaço. Foi daí que eu acabei entrando pra torcida e torcer pra Bolívia. (Raniere, 09/07/09).

Esse exemplo pode parecer semelhante ao anterior, uma vez que se inicia com amigos que se reúnem para assistir a um jogo. Porém, há uma nova dinâmica de construção do pertencimento clubístico. O torcedor entrevistado, a partir da convivência com os amigos da rua, entra em contato com a dinâmica de uma torcida organizada e constrói o papel social de torcedor organizado, pertencente a uma torcida organizada, a qual deve defender. Ou seja, o pertencimento à torcida organizada acaba gerando o pertencimento clubístico. E o inverso também é verdadeiro. Há vários casos em que o torcedor boliviano se torna torcedor de uma organizada.

Portanto, mais importante do que procurar um vetor original de vínculo por um determinado clube, percebi que, para os entrevistados, o clube tornou-se uma opção para a construção de vínculos, e esses podem ser cunhados das mais variadas formas. Seja a partir do pertencimento às torcidas organizadas, seja pelo pai que chamou pra responsabilidade, seja simplesmente a partir da convivência com amigos que são bolivianos e a visualização da torcida nas arquibancadas e cadeiras do Nhozinho Santos, o clube passa a ser aquilo que Magnani (1996, p. 32) chamou de pedaço:

Espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla do que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.

Nas entrevistas, essa noção de pedaço, como um lugar no mundo que traz a segurança de saber com quem está se relacionando e a oportunidade de vincular-se, foi muito presente. Assim, comumente os entrevistados citam diferentes tipos de símbolos de distinção do lugar do Sampaio Correa, materializados particularmente nas características da camisa e no hino do clube. Estruturas físicas – estádio, sede do clube – também são citadas como importantes símbolos de representação da torcida boliviana. Assim, o estádio do Castelão é citado como símbolo da magnitude da torcida

boliviana e antigas administrações do Sampaio Correa são criticadas por terem destruído a sede do clube, citada, por José, como um lugar do boliviano.

Com certeza. Eu vou te dar outro exemplo. A torcida do Sampaio é gigantesca bixo. O Nhozinho Santos não cabe a torcida do Sampaio. Até isso aí, eu tava imaginando que com esse governo eles iam reformar o Castelão. A torcida do Sampaio é de massa, de multidão. Até o time de fora ele sente respeito. Então a torcida do Sampaio tem de ir em um lugar onde o espetáculo acontece, que é o Castelão. A casa do Sampaio Correa é o Castelão. Já o moto e o maranhão são do Nhozinho Santos. Mas a casa da torcida do Sampaio é o Castelão, porque o Sampaio é time de massa. Tu já viu alguma vez... Aê eu vou te dizer, tu ouve futebol pela rádio aqui no Maranhão, mas eu nunca vi, nenhuma vez um locutor dizer assim: O moto é time de massa. O moto tem até uma torcida grande. Tem até deles que dizem que a torcida é grande, mas eles não dizem que o moto clube é um time de massa. Então o Sampaio é como o flamengo no rio, um time de massa e um time de chegada. (José, 22/08/09)

Agora assim, na gestão do Manuel Ribeiro a torcida envelheceu. Além disso o tempo do Manuel Ribeiro destruiu tudo. Primeiro foi a sede que foi destruída. Porque tem aquela coisa do lugar bicho. O lugar é uma coisa muito importante pra um clube. Um clube tem que ter a identidade de lugar. E o Sampaio quase que perdia essa identidade de lugar. Ficou sem a sede. Até os motense cú vermelho chegaram lá e picharam tudo. A gente perdeu a identidade de lugar, e até hoje ainda não recuperou. Mesmo com esse diretor novo, o Sérgio Frota, a gente ainda não recuperou isso. Porque Sérgio Frota tem uma coisa interessante. Manuel Ribeiro destruiu essa identidade de lugar, mas ele formou um time. Sérgio Frota buscou a identidade do lugar, que a nossa sede, mas não conseguiu formar um time que trouxesse a torcida de volta, não conseguiu bicho. A gente até nas cores nós somos únicos. O nosso símbolo, o nosso hino. Traz um lugar pra gente nessa coisa globalizada do futebol. Eu acho que o Sampaio Correa tem um lugar que o flamengo do Piauí não tem, que o Corinthians de alagoas não tem, nem o moto também não tem, por causa das cores. O Sampaio Correa, se subisse pra primeira divisão, o Sampaio Correa não é um time que tu consegue ver todo dia, é diferente. Pega a camisa do Sampaio, pega o símbolo, não to dizendo que é melhor, mas é diferente. Querendo ou não, se tu gostas de futebol tu vais ter de conhecer o Sampaio, entendeu? E eu acho assim, a gente subindo pra primeira ia ser massa, porque a gente ia mostrar essa diferença da gente, dos bolivianos. (José, 22/08/09)

Cada espaço social é constituído por códigos de comportamento, vestimenta, ações etc. Na fala de José, o Sampaio Correa – com seu símbolo, seu hino – é único. Não é um time que se consegue ver todo dia. Se subisse para a primeira divisão do Campeonato Brasileiro, conseguiria até mostrar sua diferença. Tais falas me lembram Geertz (1989), quando ele coloca que somos animais incompletos e inacabados que nos completamos através da cultura – não de uma cultura em geral, mas de formas particulares de cultura. O pertencimento clubístico do boliviano, a meu ver, é um tipo de cultura particularizada que norteia. Grupos formam-se através do clube. São

torcedores que encontram na camisa, no hino, no estádio, etc., símbolos que transformam o Sampaio Correa em pano de fundo para um lugar no mundo.

Assim, meu argumento, ao citar Magnani (1996), vai ao sentido de que a relação casa/rua, privado/público que poderia caracterizar o torcer pelo Sampaio Correa, apresenta complexidades que merecem atenção, visto que a dinâmica do pertencimento clubístico faz com que esses espaços não se apresentem de forma estática. Torcer pelo Sampaio Correa, embora seja acessível a todos, representa, para grupos sociais caracterizados pela paixão pelo clube, muito mais que uma adesão eventual. Como colocado anteriormente, “ainda que usados seguidamente como sinônimos, torcer e pertencer não são exatamente o mesmo. O primeiro serve para caracterizar tanto as adesões duradouras quanto as eventuais, ao passo que o pertencimento denota uma modalidade de envolvimento propriamente intensa”. (DAMO, 2007a, p. 52).

Assim, para os torcedores apaixonados, o lugar do pertencimento clubístico não se dá na ordem do privado (casa), mas também não está na ordem do eminentemente público (rua). “O clube amplia o leque de relações, se se comparar com a casa, e reduz se se comparar com a rua (...). O clube não é casa, nem rua. É um híbrido, um meio termo, portanto um pedaço, que tem seu lugar” (Silva, 2005, p. 35).

Como Silva (2005), a meu ver, Giddens (1991) pode também dar uma importante contribuição quanto à questão da importância do lugar do clube de futebol na vida do torcedor apaixonado. Esse autor, ao interpretar as transformações sociais associadas à modernidade, coloca que, nesse momento histórico, “uma quantidade cada vez maior de pessoas vive em circunstâncias nas quais instituições desencaixadas, ligando práticas locais a relações sociais, organizam os aspectos principais da vida cotidiana”. (Giddens, 1991, p. 83).

Giddens referiu-se a desencaixe como deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação por meio de extensões indefinidas de tempo e espaço, ou seja, vive-se uma realidade de impessoalidade nessas relações, em que o sujeito se sente perdido, sem vínculos, sem o que lhe traga mobilização.

Parece, assim, que os torcedores se pautam por aquilo que (Giddens, 1991, p. 84) chamou de “compromisso com rosto” que em sua definição significa “(...) relações verdadeiras que são mantidas por, ou expressas em conexões sociais estabelecidas em circunstâncias de co-presença”. Deve-se escolher um time para a vida toda. Nessa escolha não entra a lógica do descartável, marca do mundo moderno. Não é a toa que o sujeito que muda de time é chamado de vira-casaca não só porque muda a

camisa do time, mas porque, com isso, muda de “pele”. Manter-se fiel a um time pela vida toda é manter seu caráter, suas idiossincrasias, é ter um rosto definido.

Uma vez realizada a escolha por um lugar, e por conta dessa própria escolha representar a entrada em uma trama social de pertencimento, ela não pode ser alterada facilmente, cabendo ao torcedor arcar com o ônus da sua opção. Trocar de clube, "virar folha", assim como encobrir a opção clubística, são faltas gravíssimas, podendo gerar suspeitas sobre a própria personalidade, e, comumente, sobre a hombridade do sujeito:

E eu sou fanático, tu podes até xingar minha mãe, eu posso até relevar, mas se tu xingares minha Bolívia nós vamo pro pau. Um cara chegou pra mim, teve a cara de pau de perguntar se eu não tinha vergonha de vestir a camisa da Bolívia, e eu fui pra cima dele. Hoje nós somos até amigos, mas eu fui encima dele. Porque tem uma diferença grande aê. Quem é boliviano tem de ser boliviano e botar pra respeitar. A não ser que o cara seja vira folha, aê se o cara for vira folha é o mesmo que o cara ser viado. (Ricardo, 05/06/09)

Outro aspecto a destacar é que, segundo Damo (2007a), o "pertencimento" costuma ser único. Para ele, embora seja comum certos torcedores realizarem escolhas em segundo grau de importância, a fidelidade ao clube é considerada como uma das características mais importantes do pertencimento clubístico. Embora tenha feito um excelente trabalho quanto a aspectos da construção do pertencimento clubístico, dinâmicas de formação de jogadores etc., é importante destacar que esse autor fala a partir do lugar de um pesquisador que desenvolve seus estudos em contextos futebolísticos estabelecidos³⁷.

Quanto aos bolivianos entrevistados, uma vez que o Sampaio Correa não se encontra no topo da escala hierárquica de clubes no Brasil, esses costumam se pensar enquanto bolivianos em comparação a outros pertencimentos clubísticos – que também fazem parte de suas vidas – relacionados a uma elite clubística nacional, principalmente em relação a clubes do eixo Rio - São Paulo da primeira divisão do Campeonato Brasileiro de futebol. Essa parece ser uma característica muito forte do pertencimento clubístico no Maranhão:

E aí tem uma coisa interessante que eu fico pensando, às vezes, dos times do sul com o time daqui do Sampaio. Eu comparo, às vezes, o Sampaio com um Flamengo. Ou seja, com os times de chegada, se o Sampaio Correa fosse do Rio de Janeiro, lá dentro, era um time de títulos. Então se a gente for

³⁷ Este autor, Damo (2007a), estuda os processos de formação de jogadores no Sport Club Internacional, sediado em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, e no Olympique Marseille, clube sediado na cidade de Marselha, França.

comparar em nível de Brasil com o nível estadual, o Sampaio Correa é igual um Flamengo, um Corinthians, um Bahia. Vê os títulos e a torcida do Sampaio. (José, 22/08/09).

Quando eu to vestindo a camisa do Sampaio Correa eu to desfilando, mas quando eu to vestindo a camisa do Fogão³⁸ eu to enfrentando. Porque o Sampaio é um time vencedor, então eu sempre to por cima, mas já a camisa do fogão não, mesmo quando a gente ganha eu to enfrentando. Porque? Porque o time tá sempre apanhando, apanhando e apanhando. Não é? Então quando a gente ganha uma, a galera diz que ganhou essa, mas foi só essa. Já a do Sampaio ninguém diz nada. É respeitado, Sampaio Correa aqui no Maranhão ele é respeitado. Agora tem uma coisa. Respeitado entre os caras que conhecem o futebol maranhense. Aqueles que são motense, maquiano, imperatriz, bacabal, etc. Mas o cara que é Flamengo vai dizer que é uma bosta, que não vale nada. Entendeu? Mas pra mim, o Sampaio Correa, no Maranhão, é do mesmo tamanho de um Flamengo e de um Corinthians. Time de chegada. Agora os pau na ruela, porque isso aí eu chamo só de pau no cú mesmo, de cara otário, ficam criticando. (José, 22/08/09).

Quanto à utilização, pelo torcedor entrevistado, de exemplos de clubes de grande torcida, especialmente da região Sudeste do Brasil, para pensar o lugar do Sampaio Correa nos contextos nacional e regional do futebol profissional, é importante que eu remonte ao fato de que existe um sistema que hierarquiza, quanto aos aspectos econômicos e emocionais, previamente as disputas entre clubes no Brasil.

Esse sistema de hierarquias – baseado no sistema hierárquico de divisões fomentado pela CBF – é (re) construído a partir da produção – por jornalistas, dirigentes, jogadores, torcedores etc. – de discursos que legitimam a construção de um modelo de gestão do futebol inspirado nas leis de mercado e dos negócios privados e a racionalização do torcer, essa representada no discurso hegemônico por uma forma específica do torcer, baseada na lógica do consumo.

Tal sistema nos mostra, então, para que clubes devemos torcer, e que torcer por um clube que não faz parte das mais altas posições parece uma loucura. Ou, como coloca Damo (2007a, p. 62), “o status de um clube é definido pelo circuito de disputas de que participa e será tanto mais elevado quanto mais poderosos forem considerados seus adversários – algo como: “diga-me contra quem joga que eu te direi quem és!”

Porém, é importante que percebamos que esses discursos sobre uma forma legítima de organização do futebol que vale a pena acompanhar só ganham sentido numa teia de significados em que esses disputam espaços frente a contextos futebolísticos marginais. Assim, pensar o futebol do Maranhão como um futebol

³⁸ Apelido dado, por seus torcedores, ao Botafogo – RJ.

acabado só faz sentido a partir do ponto de vista de que o futebol do sul e sudeste do país são o futebol que se deve torcer e investir.

As identidades clubísticas são, também, contrastivas, de modo que o "pertencimento" não se esgota no amor ao clube do coração, mas também é construído em relação a outros contextos futebolísticos. Dessa forma, se “nós” representamos um certo “ser”, “eles” representam outro “ser”. Como mostrado anteriormente, o espaço que separa o Sampaio Correa FC do Flamengo, ou do Corinthians, é dado pelas hierarquias existentes entre clubes que integram o sistema hierárquico de divisões fomentado pela CBF. O Sampaio Correa FC raramente enfrenta o Flamengo. Já em relação ao Moto Clube, por exemplo, podemos dizer que o espaço que o separa do Sampaio Correa FC é construído em relação à outra dinâmica social, regionalizada.

Com efeito, posso perceber a partir do discurso de José, que compreendemos melhor o que pode representar torcer para o Sampaio Correa FC quando se relaciona esse clube ao que representa, por exemplo, o Flamengo, clube de maior apelo popular do país. Em linhas gerais, esse torcedor atualiza sua própria percepção das características que fazem parte da história do Sampaio Correa, e do que esse clube representa no contexto futebolístico regional, a partir da visão que ele constrói acerca de quais seriam as características legítimas de um time de massa, ou seja, que tem muita torcida, e que participa das mais altas posições do sistema hierárquico de clubes no Brasil.

Quanto a esse aspecto, o próprio Damo (2007a) coloca que o sistema de relações entre torcedores e clubes, no conjunto, funciona a maneira de um tipo de totemismo³⁹, de modo que a tendência, para o caso daqueles cujos “totens” (clubes) da cidade ou do estado não fazem parte da elite é escolher entre os que dela participam. O que está no cerne do conceito de totemismo, para aquele autor, é a ideia de um sistema classificatório em que são estabelecidas relações, diferenciações e projeções a partir das quais se deve investigar a maneira como os clubes são pensados entre si, uma vez que eles constituem “comunidades de sentimento imaginadas” (Damo, 2007a, p. 55). Sendo assim, inspirado em Lévi-Strauss, esse autor diz que os clubes são bons para se torcer, também, porque são bons para se pensar.

³⁹ Como bem aponta Damo (2007a), essa é uma possibilidade de abordar o pertencimento clubístico. O que está no cerne do conceito de totemismo, para esse autor, é a ideia de um sistema classificatório, em que são estabelecidas relações, diferenciações e projeções articuladas em forma de sistema (Lévi-Strauss, 1975).

Nesse processo, em que se forma a segmentação de uma elite clubística boa para se pensar, a participação das mídias esportivas nacionais tem grande relevância no que diz respeito à forma de torcer e para que comunidade pertencer:

Eu acho assim que a gente nunca vai chegar nos gentleman da Inglaterra. O nosso futebol é um negócio muito diferente, e a televisão tenta homogeneizar muito, inclusive no torcer. Ela acabou com os locais, com os nichos. É, assim, eu vou usar outro exemplo. Meu pai fala que o carnaval aqui do Maranhão foi o segundo ou terceiro maior do Brasil. Não sei se tu vai entender isso com o futebol, mas eu vou tentar te explicar. Aê eu ligo uma coisa com a outra. Ele dizia: O carnaval do Maranhão já foi o segundo do Brasil, só perdia pro Rio de Janeiro. Aqui era carnaval de rua. Quando veio a televisão com o desfile de Escola de Samba do Rio de Janeiro, o Maranhão tentou imitar, e a gente foi perdendo nossa identidade, entendeu? Aê eu fico analisando futebol maranhense, o cara diz assim: O futebol maranhense antigamente era só craque, craque de ouro. Mas naquele tempo era interno. Quando vinha time de fora, que não conhecia isso aqui, apanhava ou ganhava, pegava porrada. A televisão então depois homogeneizou. Quando neguinho olha aqui diz: Ah! Isso aqui parece várzea, não dá nem 200 torcedores. Mas pra mim o espetáculo é bonito, ate num campo de várzea. Uma cervejinha, uma cachacinha do lado. Então televisão tenta homogeneizar. Aí que tá o problema, porque você homogeneiza a organização, a tabela, a torcida... Naquele tempo que a gente só tinha um rádio pra acompanhar, porra era lindo. Era Sampaio e, como outro dia o Gilson Rodrigues da Mirante falou, no meu tempo Sampaio e Vitória do Mar dava 11 mil torcedores. Mas na década de 80 não tinha esse peso todo da televisão ainda. Eu não to botando a culpa na televisão, porque se a gestão do futebol daqui tivesse acompanhado alguma coisa. Porque o que ta acontecendo, o Ceará, por exemplo, tá acompanhando o futebol do sul do país, até os patrocinadores são parecidos. E aí a torcida vai acompanhar, porque se cria o padrão que tem que ter torcida organizada, você tem que ter a violência. Eu já fiquei num fogo cruzado entre Sampaio e Moto com a torcida jogando rojão. (José, 22/08/09).

Porque a mancha tricolor começou inspirada na mancha verde do Palmeiras. A gente via na televisão aquela coisa de se juntar pra torcer, apoiar, fazer música, então a gente entrou em contato com eles. Na verdade, eu conheço pessoal de todas as organizadas que tem aqui no Maranhão e todo mundo mais ou menos fez isso, pegou o modelo de lá. (Paulo, 04/07/09).

Portanto, há uma intensa participação das mídias esportivas nacionais – que representam um segmento importante no que diz respeito à constituição das falas autorizadas sobre o futebol – na formação do público voltado ao futebol de espetáculo e na hierarquização de clubes sobre os quais vale à pena investir em torcer, discutir e consumir informações.

Porém, é importante notar que a própria fala de José demonstra essas disputas discursivas acerca das características legítimas de um futebol em que vale a pena torcer não descaracterizam sentimentos de pertencimento a clubes que fazem parte de vivências locais do futebol. Contextos de pertencimento identitário a clubes de

futebol são construídos por uma série de fatores que não só o do consumo, do marketing, do investimento econômico no futebol. Portanto, essas disputas discursivas não transformam o torcer por clubes que fazem parte de contextos futebolísticos marginais em uma prática que teve um prazo determinado. Essa permanece em jogo, continuando a atingir, assim, além do futebol em si, propostas de identidade, lugar no mundo, etc.

Talvez esse aspecto possa dar pistas sobre a importância do envolvimento do torcedor apaixonado pelo Sampaio Correa, time integrante de um contexto marginal no circuito hierárquico de distribuição de clubes de futebol no Brasil.

O sentimento de pertença é um dos ingredientes principais da espetacularidade futebolística. Mesmo em contextos futebolísticos marginais, a cada jogo, e mesmo no espaço do cotidiano, as pertenças clubísticas segmentadas são afirmadas e reafirmadas de variadas formas, dependendo da posição e da intensidade com que cada torcedor vivencia o futebol. A trajetória de cada um deles, do confronto entre eles e as implicações mais imediatas que o resultado do embate pode acarretar, constituem os elementos mais significativos na caracterização de um jogo que vale a pena acompanhar. Sendo assim, os jogos que se sucedem uns aos outros, ano após ano, vão atualizando e reordenando as relações de pertença. Assim, "cada jogo é um jogo", e a cada evento são "jogados" - do ponto de vista dos torcedores - códigos, valores e atitudes de acordo com a peculiaridade dos clubes envolvidos no confronto.

Com efeito, no caso do futebol, os paradigmas não se excluíam:

A televisão então depois homogeneizou. Quando neguinho olha aqui diz: Ah! Isso aqui parece várzea, não dá nem 200 torcedores. Mas pra mim o espetáculo é bonito, ate num campo de várzea. Uma cervejinha, uma cachacinha do lado. Então televisão tenta homogeneizar. Aí que tá o problema, porque você homogeneiza a organização, a tabela, a torcida... Naquele tempo que a gente só tinha um rádio pra acompanhar, porra era lindo. (José, 22/08/09).

Assistir jogo na TV e assistir jogo no estádio é muito diferente meu irmão. A emoção de tá lá no campo e ouvindo o radinho. Na hora que o Sampaio entra e a gente ouve o foguetão a emoção bate. (Raniere, 09/07/09).

Esse movimento analítico, a meu ver, aponta para a necessidade de ampliarmos a compreensão do pertencimento clubístico, nos perguntando sobre as condições históricas e sociais da possibilidade deste fenômeno social que aceitamos muito facilmente como algo óbvio, o contexto futebolístico no qual vale à pena torcer. Mais precisamente, sobre as condições sociais que tornam possível a constituição e

reelaboração do(s) sistema(s) de instituições e de agentes diretamente ou indiretamente ligados à existência de práticas e de consumos futebolísticos *estabelecidos e outsiders*⁴⁰ no Brasil.

Sob essa perspectiva, em que a diferença de posições (estabelecidos e outsiders) tem sentido somente em relação àqueles contra os quais ela se determina, procura-se dessubstancializar qualquer parâmetro discriminatório quanto aos diferentes contextos do futebol no Brasil. Trata-se, então, nesse processo, de entender, de forma diacrônica, os interdependentes percursos históricos que versam sobre a formação de normas e condutas relacionadas aos futebolis em seus determinados contextos, e não de pensar um dado desenvolvimento, evolução ou outro termo que denote valor/desvalor de um possível futebol brasileiro pensado de maneira abstrata.

Outra questão importante a frisar é que as identidades clubísticas são, também, construídas na aversão por outro clube, e seus “seguidores”. Para Damo (2007a), o flamenguismo, se constitui em contraposição, por exemplo, ao botafoguismo. Outro exemplo, o coloradismo (ligado ao Sport Clube Internacional de Porto Alegre), se constitui em contraposição ao gremismo (ligado ao Grêmio Foot-Ball Portogrense). Pude perceber tal questão quando pergunto a um torcedor boliviano sobre o que representa pra ele o Moto Clube – maior rival do Sampaio no momento. Ele me responde:

Mas a segunda coisa importante pra gente é ser ante rubro negro. Os cu vermelho (motenses) são totalmente fora. Então assim, essa coisa dos cu vermelho cair esse ano, isso é uma coisa linda. É uma coisa fantástica. Então a gente se identifica com isso. A gente encontra gente que nem a gente. Eu gosto de futebol e eu sou boliviano. (Raniere, 09/07/09).

Os próprios torcedores de um mesmo clube pensam-se, também, a partir de uma lógica segmentar. A cada jogo, e mesmo no espaço do cotidiano, como dito anteriormente, essas pertencas segmentadas são afirmadas e reafirmadas das mais variadas formas, dependendo da forma, posição e intensidade com que cada segmento de torcedores se envolve com o clube de coração. A trajetória pregressa de cada um desses segmentos e o confronto entre eles, bem como as implicações mais imediatas que o resultado do embate pode acarretar, constituem os elementos significativos de um jogo em que vão se atualizando e reordenando as relações de pertença. Sendo assim, quando pergunto para um antigo torcedor boliviano sobre o que ele acha dos torcedores de hoje, ele me diz:

⁴⁰ ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L (2000).

Agora eu te digo uma coisa, quem torce pro Sampaio Correa e entende são fanáticos. Os caras ficam loucos. Tinha gente que eu encontrava no Castelão, principalmente na minha infância com meu pai e na minha adolescência, eu via uns caras assim que eram amigos meus que eu nem sabia que era boliviano. Encontrava lá gritando, jogando coisa, a torcida nessa época era mais papel picado jogando pra cima. Tu vê que ate a torcida hoje modificou a forma de torcer não é. O pessoal se reúne, canta uma única música, bandeirão, e tal, tudo a mesma coisa, naquela época não, era diferente. (José, 22/08/09).

Olha, em primeiro lugar eu não vou dizer que a velharada não torce. Porque a velharada daquela região da lateral do vestiário influencia muito. Ela tem a forma dela de torcer. Qual é a forma de torcer da velharada? Radião no ouvido, ou quando não tem o rádio é aquela coisa de tá ali, né, pressionando. (João, 04/12/2009).

Com efeito, nessas disputas de pertenças, as hostilidades não se limitam aos torcedores dos "outros" clubes:

Tá faltando também a federação promover eventos pra levar as senhoritas, que o pai possa levar seu filho, porque eu tenho filho, mas não levo pro estádio porque, eu vou ver só briga? Quando você termina um Sampaio e Moto você tem que sair correndo, muita briga, muito foguete. Isso é uma rivalidade, mas é só uma torcida que faz isso, é a tubarão. Porque os caras não vão pra torcer, eles vão pra dar uma de doidão, pra se aparecer, só querem agredir um ao outro. (Paulo, 04/07/09).

Há divergências fortíssimas mesmo entre os torcedores do próprio Sampaio Correa. As torcidas organizadas, por exemplo, estão permanentemente lutando por espaço e visibilidade diante dos demais torcedores, dos quais dizem se diferenciar pela forma e intensidade de pertença. O torcedor organizado se vê como mais importante que o torcedor não organizado. Os demais torcedores, como dito anteriormente, a partir da perspectiva dos participantes de algumas organizadas, são considerados como apenas torcedores comuns, sobre os quais não vale à pena discutir.

Hoje eu vejo que a torcida do Sampaio tá mais forte. Até porque agora a gente tá com um monte de torcida organizada. E vão surgir mais que eu to sabendo. Só assim pro time ter um apoio de verdade. Porque o resto da torcida, principalmente os velhão, ficam tudo calado. Porra, esse pessoal nem parece que torce pra Bolívia. (Raniere, 09/07/09).

É importante frisar não se deve confundir o pertencimento clubístico com o pertencimento à torcida organizada. Esses se constituem a partir de uma lógica de interdependência. As torcidas organizadas formam uma parte da torcida relacionada ao clube, e constroem, entre elas, redes de reciprocidades, e de adversidades.

Se não tem ideologia, fora! Para quem não tem ideologia de torcida. Para quem ã respeita os princípios das aliadas. Para quem acha que sabe tudo e não sabe porra nenhuma. Para quem não sabe o que é o lado B. Para quem quer ir com camisa de clubes de fora pro estádio. Vaza meu irmão, a TTF⁴¹ não precisa de vocês. (Discurso de um dirigente da torcida organizada TTF durante jogo do Sampaio Correa, 02/08/09).

Torcida organizada é pra maioria sinônimo de violência, baderna, desrespeito, símbolo de marginalidade, submundo das drogas, vadiagem...e eu sei lá mais o que. Pra nós, "OS VERDADEIROS COMPONENTES", é muito, mas muito mais que isso... É ter amor ao time que torcemos sim, mas, também é lazer, amizade, companheirismo, curtidão. Ideologia e filosofia de vida. É ter respeito, atitude, disposição, união e acima de tudo é ter paixão pela sua torcida. É defendê-la, cada um a sua maneira. No mais, antes de falar besteira, tem que conhecer! Sampaio Correa e TTF! É tudo nosso! (Raniere, 09/07/09).

Mesmo as organizadas são, também, estratificadas quanto a seus interesses e perspectivas quanto à melhor forma de torcer e defender a “honra” do clube. Podemos perceber isso quando pergunto a um diretor da Mancha Tricolor sobre o que ele acha da Tubarões da Fiel:

Eu acho que eles são mal preparados, em termo de organização. Porque o nome já tá dizendo, torcida organizada. Ela tem que ir organizadamente, pra torcer, pacificamente, não pro ir pra estádio pra brigar. Então hoje a torcida da gente tá crescendo, porque os próprios tricolores velhões olham a nossa filosofia de trabalho e se agradam e acabam aderindo. A gente já foi uma torcida agressiva, mas agora não. Hoje a gente não usa mais essa filosofia. Hoje é só a filosofia do diálogo. Então a gente já vem com uma outra mentalidade pro nosso trabalho. (Paulo, 04/07/09)

Olha, torcida organizada do Sampaio Correa na verdade tem várias torcidas. Tem a torcida que é aquela mesmo agressiva, já a mancha tricolor é uma torcida mais light. É que fica atrás do gol batendo palma, cantando, gritando Sampaio. Todos os jogos a gente ta participando. Eu nunca fui da Tubarões. Eu sempre ficava atrás do gol do Sampaio, onde ficava a mancha, aí um dia me convidaram pra participar, aí a gente não briga, bate palma, a gente leva menino de escolinha que eu trabalho. Nós trabalhamos com a parte social, a escolinha de futebol da mancha é bem aqui no campo da 101, aqui na Cidade Operária. Aqui tem muito boliviano. (Paulo, 04/07/09).

Quanto a uma parte das torcidas organizadas relacionadas ao Sampaio Correa, notadamente a Tubarões da Fiel, como colocado anteriormente, as disputas identitárias são construídas em relação a uma lógica de afirmação do pertencimento baseada no confronto direto. Em dias de jogo, essa torcida constitui territórios com

⁴¹ Torcida organizada Tubarões da Fiel, ligada ao Sampaio Correa.

fronteiras bem demarcadas, fora e dentro do estádio, e entre esses espaços são formadas zonas de embate em que, de tempos em tempos, aparecem conflitos. Essa dinâmica de disputa é característica dos jogos entre Sampaio e Moto. Com efeito, se algum torcedor motense, de organizada, atravessar essa zona limite, iniciam-se verdadeiras batalhas – em que são utilizados paus, pedras, foguetes, etc. – a fim de demonstrar qual torcida é a mais poderosa e, conseqüentemente, possui a dominância do maior número de espaços disponíveis (**Foto 05**).

Foto 05



(Torcedores de organizadas são detidos após briga fora do Nhozinho Santos)

Fonte: <http://www.flogao.com.br/tubaroesoficial>

Foto 06



(Torcida Tubarões da Fiel satiriza integrantes de torcida adversária)

Fonte: <http://www.flogao.com.br/tubaroesoficial>

Quanto a esse aspecto, Gastaldo (2005) aponta que pelas características das modalidades de interação relacionadas a jogos de futebol no Brasil, embora tenha havido um notável crescimento da participação feminina nos últimos anos, o mundo do futebol continua a ser hegemonicamente um território masculino. “Em termos interacionais, a sociabilidade masculina brasileira tem na tematização do esporte um porto seguro” (Gastaldo, 2005, p. 111). Segundo esse autor, a participação em jogos, competições e desafios é um traço característico do papel do gênero masculino em diversas culturas. Sendo assim, boa parte dos significados articulados ao “ser homem” se relaciona com o aceitar, e não fugir, de desafios propostos – mesmo que implicitamente – por outros homens. No caso do futebol, e principalmente no que diz respeito à relação de torcedores e seus clubes de coração, esses desafios tomam diversas formas: seja a partir da violência física propriamente dita, seja a partir de embates jocosos que procuram resolver essa competitividade de forma a não exacerbar hostilidades.

Por vezes, mesmo pra alguns torcedores que se dizem contra a violência física, essa é aceita se for pra resguardar a honra do clube:

Mas voltando o que vinha dizendo, no futebol quem não tem força pra aguentar gozação que peça pra sair e não torça pra time nenhum. Eu sou contra, mas se for preciso partir pra bater, brigar, que seja. A lógica é a violência, é aquela coisa de você se identificar e você brigar, botar pra respeitar. Ser boliviano é isso. (Raniere, 09/07/09)

Porém, essa dinâmica de embate baseada na violência física é motivo de discordância entre as organizadas do próprio Sampaio Correa. A interação pautada pela mediação de um evento futebolístico pode se dar também a partir de uma espécie de sociabilidade competitiva que em qualquer outro contexto social geraria hostilidade. Os torcedores constroem, então, uma série de performances, a partir de manifestações jocosas, que evidenciam lógicas simbólicas de pertencimento e exclusão, principalmente a partir de falas – gozações, ironias, sarcasmos, ofensas, etc. – e exacerbação de símbolos relacionados aos clubes de coração, como roupas ou acessórios:

É um time como outro qualquer. Toda torcida organizada do moto eu me dou com os presidentes. Olha só, só a tubarões da fiel que tem essa coisa de brigar. Mas o resto não. Claro que a gente tem aquela rivalidade. A gente xinga, brinca, mostra camisa, mas todo mundo se dá bem com todo mundo.

Já a tubarão é uma torcida mais agressiva. Tá dando muita polemica, muita confusão. Onde esses meninos chegam eles aprontam. (Paulo, 04/07/09)

Eu acho engraçado é que tem muita gente da torcida que chama a gente de traíra, porque a gente se mistura. Mas não é se misturar. Claro que eu que sou boliviano roxo curto com a cara de motense, mas existe também uma questão pessoal. Então eles chamam a gente de traíra⁴² porque a gente tá tomando chopp com motense. Eu tomo chopp com motense nos bares lá dentro do estádio. Até por respeito à figura pessoal de alguns motenses. Porque além de ver a camisa eu vejo também o cidadão. (Paulo, 04/07/09).

Meu filho, eu me envolvo demais com o Sampaio Correa, eu compro tudo, tudo mesmo, que é da Bolívia... Eu tenho camisa desde dos anos 70, tenho calção, tenho revista, quadro de time, guardo até o ingresso de tudo quanto é jogo. Eu to doido pra comprar essa camisa nova, mas o dinheiro que tá pouco. É só eu conseguir folgar um pouco que vou comprar. Boliviano que é boliviano tem que mostrar, porque senão o outro lado monta encima. Chega um motense, eu grito logo minha Bolívia, beijo logo a camisa, não dá pra ficar por baixo. (Raimundo, 15/06/09).

Os torcedores organizados, mas não só esses, também parecem encarar o torcer como um trabalho que deve envolver várias instâncias da vida, se possível, para defender o clube, e a própria torcida. Os membros dessas torcidas acreditam demonstrar seu amor ao clube com um tipo de envolvimento de cooperação militante, como se fossem um exército incumbido de sempre acompanhar e defender, se preciso for, a honra do clube de futebol.

Eu vou te dar um exemplo, o André Lima (Nome de um ex-jogador do Sampaio Correa), quando ele veio jogar no Sampaio, ele pegou uma fase que uma vez ele me ligou 10 horas da noite dizendo que o negócio tava pegando. Eu perguntei o que foi e ele me disse que o clube não tava dando comida e nada de salário. Então ele me disse que os jogadores iam boicotar o Sampaio no outro dia. Eu disse pra ele não fazer isso, pra acalmar os jogadores e eu liguei pro pessoal da tubarões e disse que a gente tinha que ir pro Sampaio naquele momento. Então nós fizemos a vaquinha e compramos um monte de hambúrguer e levamos pros jogadores, pra ver se eles jogavam. Agora tu me pergunta, porque a gente fez isso. Imagina se não tiver nem comida. E nós fomos lá pelo menos pra garantir o jogo do Sampaio. (Paulo, 04/07/09).

Agora gente tira do bolso pra manter, não é fácil manter esse trabalho que a gente faz. Às vezes tem viagem que a gente tem que acompanhar o time e a gente faz lá a vaquinha, cada um tira do bolso sua passagem e quando tem um companheiro nosso que não tem como ir cada um tira 10, 5, o quanto puder pra ajudar. A gente, às vezes, freta um ônibus e não pega lucro encima de quem for de fora, porque a gente quer levar gente, torcida. Mas vale a

⁴² Nesse contexto, o termo traíra que dizer abandonar traiçoeiramente, ofender com traição. Fonte: <http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/home.asp?logado=true&pesquisa=>

pensa a gente fazer isso, porque se tornou uma paixão. O cara tem que tá lá, de um jeito ou de outro. (Raniere, 09/07/09)

Todo mundo se vira, quem tem banca o do colega, o colega quando tem banca o teu. Olha, no nosso caso o pereirinha ajudou muito a torcida mancha tricolor. A gente precisava de um material, ele ia lá e fornecia. Hoje não, hoje a gente faz a vaquinha. É 30 conto, é 50 pra cada, pra confeccionar bandeira, uniforme. Aê a gente já tem a pessoa aqui perto da feira que faz mais barato pra gente. Mas só faz mais barato porque sabe que a gente faz por amor. (Paulo, 04/07/09).

Outro aspecto importante a ser ressaltado à luz de Damo (2007a), é que ser boliviano é torcer pelo time que representa o clube, mas isto não implica que não se possa reclamar do time, dos jogadores e da administração do clube – importante destacar, jamais do clube. O time, os jogadores que o formam, e a forma como o clube é administrado são a representação do clube, porém o clube não joga, tampouco se autoadministra. É porque o clube se constitui como uma comunidade de sentimento, e esta é representada nos jogos pelo time, que os torcedores protestam, dizendo-se envergonhados com determinadas performances e atitudes de jogadores ditas incompatíveis com a tradição do clube:

Jogadores vagabundos. Hoje pela manhã ao abrir meu lava jato estava conversando com um cliente meu que é taxista. Ele me falou que ontem (12/07/2009) levou alguns jogadores do Sampaio ao encontro de tico mineiro, que estava esperando por eles na Litorânea, pra parada gay. Ele não conhece os jogadores do Sampaio muito bem, disse que era um meio olhudo, deve ser Jean Carlo, um moreno alto com uma tatuagem no braço, Leo Guerreiro, e outros dois. Disse que eles encostaram em uma loja pelo caminho, onde compraram cigarro e bebida quente. Hoje, ouvindo o Fontinele, na Mirante, ouvi ele falando de quatro jogadores que não apareceram no treino de hoje, deviam tá todos de ressaca, e preocupadíssimos com a situação do Sampaio na atual temporada. Isso é que dá o nosso presidente ficar a todo momento defendendo esse bando de mercenários que se encontram aí no Sampaio. Eles estão pouco preocupados com o que vai acontecer com a instituição Sampaio Correa. Pra eles que se lixe. Bando de vagabundos e mercenários. (Amaral, 13/07/09).

Porque jogador hoje não sabe esperar, só joga se tiver ainda por cima o tal do bicho⁴³, se tiver mil ou dois mil pra cada jogo que ganhe. Todos os clubes pagam bicho. O jogador até joga se não tiver um por fora, mas não dá o sangue do jeito que a gente quer ver que dê. Então é tipo assim, se o presidente chegar e disser: “Olha, vocês podem jogar que já tem uma grade de cerveja pra se ganhar”. O jogador vai pensar assim: “Porra, só tem uma grade de cerveja?” Então o presidente tem que suar pra arranjar umas 5 grades se quiser que o time ganhe. (João, 04/12/2009)

⁴³ Prestação financeira, além do salário, paga por dirigentes de clubes aos jogadores como uma “recompensa” pela conquista de vitórias em campo.

Ô jogadores, presta atenção. Tem que ser homem pra jogar no Bolivão.
(Canto entoado por torcedores durante jogo do Sampaio).

Quanto a esse aspecto – do desempenho do time que representa o clube – um sentimento generalizado – visto que o dinheiro está na base do recrutamento de atletas na atualidade (Damo, 2007a) – é que a contratação de jogadores se institui em contratos de caráter utilitário e interesseiro, cabendo à administração contratar atletas que, em troca de bons salários, representem a tradição do clube que disputa espaço com outros clubes. Tal aspecto toma uma intensidade ainda mais elevada no contexto do futebol profissional praticado no Maranhão: uma vez que o futebol do Estado não recebe patrocínios que movimentem grandes quantias em dinheiro, como então estar certo de que os contratados estarão à altura das expectativas em circunstâncias nas quais se exige dedicação extrema?

Cria-se, então, a percepção de que um time de mercenários não vai a lugar algum – não estará à altura das tradições do clube – sendo preciso forjar outros vínculos de ordem emocional/identitária entre atletas e clubes. O jogador “de antigamente”, o jogador formado no clube, e o jogador nascido no Maranhão em especial, comumente são ditos como os jogadores que realmente “dão o sangue” pelo clube:

O futebol nessa época a pessoa tinha gosto de ir pro campo assistir. O jogo que mais me marcou no Sampaio foi Sampaio x Fortaleza, na época, que teve o episódio que o caminhão foi descarregar pedra perto do estádio e o pessoal começou a descer pensando que o estádio tava caindo. Eu mesmo pulei. Eu não lembro mais nem o ano. Papai até se esqueceu de mim. Fiquei um tempão procurando ele. Mas nessa época você tinha o prazer de ver um Bimbina jogar, um Cabecinha jogar. Deixa eu me lembrar aqui, um Djalma campos, que jogava por amor, não ia pra campo jogar por dinheiro, ia mesmo era dar sangue. Esses jogadores de hoje só vem pelo dinheiro, não dão o sangue como davam antigamente. (Paulo, 04/07/09)

Hoje só alguns jogadores maranhenses, como o caso do Robinho, Pablo que passou pelo Sampaio, que são os caras mesmo que dão o sangue, que jogam por amor a camisa. Os de fora não dão o sangue como deveria dar, porque os caras vem mesmo é só pelo dinheiro. Mas tem uma coisa que estraga o jogador maranhense, esse negócio de álcool. O cara acaba de jogar e vai pra porta do estádio pra tomar um chopp, diz que pra relaxar. Isso é falta do psicológico e falta de orientação. Falta também profissionalismo. Mas o futebol daqui contribui pra isso, tanto é que o pessoal inteligente não quer ficar aqui, querem ir tudo pra fora. (Paulo, 04/07/09)

Rapaz, eu acho assim. Antes as coisas eram muito romantizadas. Você não via essa coisa de troca-troca de jogador. Então naquele momento o que prevalecia era a qualidade, era o amor do cara. Eu vi um depoimento de um ex-jogador do Sampaio, que ele até virou diretor do Sampaio, esqueci o nome dele agora, ele falando que ele foi jogar no MAC (Maranhão Atlético Clube) e o pai dele ficou mal com ele, ele contando pra gente. Ele contando que ele foi pro Sampaio e foi rejeitado, porque o cara disse que ele era muito

pequeno. Então ele pã, foi pro Maranhão. Aí o pai dele ficou mal com ele. Então aquele momento ali o marketing, o que chamava a torcida, era esse. (João, 04/12/2009).

Outro fator importante mencionado por alguns dos torcedores bolivianos entrevistados: uma fase de sucesso pelo qual passa o time é importante para a escolha de que clube torcer. Como fatores determinantes dessa fase, eles costumam citar a conquista de títulos e o aparecimento de ídolos.

As entrevistas realizadas mostraram um momento importante de esperança pelo clube: a conquista da série C do Campeonato Brasileiro, em 1997. Esse título foi de extrema importância, à época, para que as esperanças dos torcedores fossem renovadas quanto à possibilidade do clube galgar melhores posições na hierarquia clubística nacional.

Rapaz, é assim. Porque depois que o Sampaio, em 97, conseguiu o título da série C ele foi pra série B não foi. Aquilo ali foi loucura, porque o pessoal pensou assim: Agora vai. Tipo a campanha do Castelo. Até parece que a placar fez uma reportagem do novo valor do futebol brasileiro, que era o Sampaio daqui do Maranhão. Mas esses caras que vieram de lá pra cá conseguiram destruir tudo de novo. Eles tão matando com a torcida dos velhã, e tolhendo a juventude de entrar pra torcer pra gente. (João, 04/12/2009).

De mais a mais, a escolha e o pertencimento clubístico, principalmente no que diz respeito à conquista da adesão de gerações mais novas de torcedores, estão intimamente ligados à performance da equipe e da noção que se tem da qualidade do futebol apresentado. Sendo assim, os discursos mostram que – uma vez que o Sampaio Correa FC repete desempenhos ditos medíocres, declinando assim o seu prestígio – cada vez mais torna-se difícil convencer uma criança ou um adolescente a tornar-se boliviano nos dias atuais:

O maranhense gosta de futebol, mas de qualidade. Isso se explica na quantidade de bares temáticos que a gente vê no estado enquanto que os estádios tão diminuindo. Cada vez mais o torcedor prefere a TV que as arquibancadas, pois não encontra nos times e competições locais atrativos para sair de casa. Em São Luís tem bar para todo time de fora: Vasco (Parque Shalom), Flamengo (Bequimão), Corinthians e São Paulo (Turu) e até um do Fluminense, que não sei onde fica, mas não conheço nenhum do Sampaio, Moto e Maranhão. Embora admita que sou vascaíno e que gosto de assistir aos jogos do time da cruz de malta, fico preocupado, pois os torcedores mais jovens se identificam cada vez mais com os clubes de outros estados. Existe muito garoto que veste a camisa do Flamengo e Corinthians que nunca sequer pisou em um estádio daqui e toda cultura de futebol que tem é através da TV. (João, 04/12/2009).

Com certeza, se tu fores falar com aqueles caras mais velhos. Se tu entrevistares meu tio Valdir, que ele torce pra coisa, é doente pela coisa, ele vai te narrar jogos assim no Nhozinho Santos, da coisa, que ele fala com uma emoção, um negócio fantástico. Ele dizia que era lotado, que o negócio era uma loucura. E eu, uma vez, fui assistir esse jogo do Sampaio contra o Boa Vontade, eu vi um cara dizer assim: (Eu torço pra essa porra, eu torço pra essa porra porque é moral.) Se referindo a torcida. Que eu percebi ele dizendo assim ó: (O estádio tem gente pra porra, sete mil pessoas). Hoje, num jogo Sampaio e Moto dá o que, três mil pessoas, quatro mil. Então, assim, o torcedor é como se fosse um indicador, uma escala ali que vai tá indicando a qualidade, a organização. (José, 22/08/09).

Essa coisa da vitória hoje eu já nem acho que seja muito importante, porque senão eu já tinha largado o Sampaio, mas a vitória é que soma o pessoal jovem. Pro pessoal novo que tá entrando a vitória é importante, mas pra quem já é boliviano, pra manutenção, não importa vitória. (Raimundo, 15/06/09).

Eu acho então assim, que esse momento do Sérgio Frota, se o Sampaio continuar mantendo o seu lugar, construir um time bom, talvez isso atraia mais gente, mas isso aí eu acho que não é mais um problema só do Sampaio Correa, e nem do Moto Clube, acho que é um problema assim, do futebol maranhense. O futebol maranhense não consegue atrair a juventude. (Amaral, 13/07/09).

Todavia, é importante frisar que não basta que um clube vença vários campeonatos, que esteja exposto na mídia, para angariar adesões. Essas devem ser compassadas pela rede de sociabilidade, uma espécie de militância especialmente desperta também quando o clube está em crise. Uma longa fase de insucessos também é motivo para que uma torcida se torne fiel, apaixonada e chegue até a crescer. Como balança da fidelidade clubística e paixão desenfreada na busca do título que há anos não é conquistado:

Em Codó vi o quanto esse clube tem valor, que torcida maravilhosa esse clube tem. Depois daquela tragédia de domingo vim pensando no ônibus o que será daqui pra frente do nosso time! Encarei 5 horas de viagem daqui pra Codó e não me arrependo, pois assim como eu, conheci torcedores que tem paixão por esse clube. Torcedores jovens como Geraldo, se não me engano, que mora no Bairro de Fátima. Idosos, uma senhora de mais de 60 anos, crianças. Todos com o mesmo sentimento, de amor pela nossa Bolívia. Quando cheguei em casa chorei muito, pois vi as esperanças de um Estado tão sofrido ir embora. Como diz um velho ditado: "na derrota é que aprendemos a nos levantar". Só tenho a pedir a todos os bolivianos que não deixem o sentimento morrer. Nosso time precisa de nós, não vamos abandonar nosso Sampaio. Jogadores passam, presidentes passam, mas o nosso Sampaio permanece. Vamos dar apoio a nossa Bolívia. Sampaio sempre, rumo a Série B 2012. (José, 22/08/09).

Quanto a esse aspecto, como colocado anteriormente, do ponto de vista dos clubes, a adesão de torcedores constitui uma modalidade de capital imprescindível para ter acesso a outros capitais. O amor pelo clube é um capital afetivo que compete à dimensão político administrativa do clube converter em capital econômico, a fim de organizar times competitivos. O jogo que vale a pena é aquele que põe frente a frente galos (atletas) de boa linhagem e seus donos de status elevado (clubes tradicionais). Sendo assim, as entrevistas parecem mostrar que qualificar o futebol profissional do Maranhão, e especificamente a tradição do Sampaio Correa FC, depende da reconversão da visão de sua administração para um modelo de gestão do futebol inspirado nas leis de mercado, o que poderia levar o Sampaio Correa, e o futebol maranhense, a galgar posições mais altas no sistema de classificação clubística.

A gente torce pelo Sampaio porque o Sampaio é um time de tradição aqui no Maranhão e, outra coisa, a tendência do Sampaio agora é só mudar. Tá vindo patrocínio agora próximo ano do Mateus, da Fiat, acho que vai dar pra fazer um bom time. Eu tenho um sonho de ver o Sampaio na primeira divisão, eu tenho certeza que antes de eu morrer eu vou ver o Sampaio na primeira. É só mudar essa administração. Mas mesmo assim eu acho que dá pros patrocinadores ainda acreditarem no futebol daqui. (Paulo, 04/07/09).

Agora hoje, o marketing, esse da propaganda, é fundamental. Vê o presidente do Sampaio, todo dia ele dá uma entrevista. Que vai fazer e acontecer, mas o torcedor não vai percebendo as coisas acontecerem, aí o torcedor acaba desacreditando. Porque o marketing não é só essa coisa da propaganda, é a imagem. Se a empresa furar com o seu consumidor, como é com o torcedor, o que vai acontecer, ele vai desacreditar. Então o marketing é negativo. Porque veja, o futebol, ele trabalha com emoção, no futebol o cara tem que trabalhar é com emoção, porque às vezes o time tá sem dinheiro e o torcedor tá brigando pra contratar jogador bom e o time tá fudido. Ele não quer esperar três anos pra um resultado começar a surgir, ele quer logo. (José, 22/08/09).

Futebol só se faz com dinheiro. Porque uma equipe boa é a que tem um ct bem estruturado, tem a sua própria academia, tem sua própria alimentação, que eu vejo que no Sampaio isso tudo é péssimo, não é de boa qualidade. (João, 04/12/2009).

Olha o que eu to te dizendo. O parâmetro que eu to usando agora é esse. Por que? Porque se tu vais analisar pelo número de torcedores, tu vais analisar a organização, a qualidade dos atletas, a qualidade dos times, a confiabilidade dos diretores. Se tu fores no Nhozinho Santos hoje tu não vê nenhuma placa de publicidade. Aí eu te faço a pergunta: Tu vais investir numa coisa que tu não conheces, que tu não confias? Tu não investe. (Amaral, 13/07/09).

Quanto a esse aspecto, Holzmeister (2005) mostra que a transformação de visão acerca da administração dos clubes de futebol no Brasil é um processo que começou em meados da década de 1970 e se exacerba na década de 1990. Essa parece

ser uma faceta da inserção do futebol brasileiro no esquema de trocas comerciais capitalistas. Este novo modelo, de gestão empresarial dos clubes brasileiros, é posto como a solução para a crise estrutural e econômica pela qual passa a maior parte dos clubes brasileiros. A causa desta crise é creditada à gestão amadora e extremamente personalista que tradicionalmente conduziu os times brasileiros, e que tem suas raízes nas relações entre os dirigentes, torcedores e jogadores surgidas ainda durante a época do amadorismo no futebol. Com a entrada do futebol no campo dos negócios, cargos importantes das administrações dos clubes estão sendo ocupados por dirigentes egressos dos quadros da economia e do marketing.

Nesse processo, a percepção que o futebol profissional do Maranhão agoniza em mãos de gestões amadoras que são fruto de uma estrutura marcada pela pessoalidade, pelo parentesco e pelo favor se mistura com a própria percepção dos torcedores sobre a dinâmica política regional, caracterizada como um “câncer” que atinge também a administração do futebol, uma vez que se fundamenta em vícios clientelistas, da “coisa arrumada”:

Mas não é só aqui no Maranhão que tá caído não. Bem aqui em Belém (Pará), quando o futebol envolveu política caiu. Parece que é um câncer que esses políticos têm que onde eles passam eles vão destruindo. Essa coisa da politicagem aqui no Maranhão detonou muito o futebol. Tanto é que você tá vendo que depois que o Sergio Frota assumiu, que é um empresário, a torcida começou a querer acreditar de novo. O estádio ainda não tá 100% de lotação, mas já dá 85% às vezes, o que há muito tempo a gente não via. (Paulo, 04/07/09).

Bixo, não é uma coisa importante, é uma coisa fundamental. Porque porra, ficar só ganhando maranhense não dá mais, basta porra. Isso é pra time pequeno. Sampaio é grande, tem que ganhar uma Série C ou B e até beliscar uma Série A. Não é o clube que seja pequeno, é a nossa estrutura e organização que tá matando a gente. Porque a gente tem tradição. O Sampaio tem tradição. Com esses caras aê a gente tá ficando escanteado, perdendo um pouco disso. O pessoal diz o Sampaio lááá do maranhão. A gente tá ficando esquecido, mas a gente ainda tem tradição. O Sarney tem muita culpa nisso também, essa cultura do vício clientelista, essa coisa arrumada, até no futebol isso pegou, e tá matando a gente. (José, 22/08/09).

Com efeito, a causa da decadência do futebol no Maranhão é creditada, e simbolizada, na fala de José, pela gestão amadora que conduz a Federação Maranhense de Futebol – personalizada na figura de seu Presidente, Alberto Ferreira:

Rapaz, eu posso até estar equivocado, mas a visão que eu tenho é a seguinte: o futebol aqui no Maranhão, hoje, só não rola por causa da federação. Eu acho que a gente não pode pensar os problemas somente a partir de uma instituição, que é só uma instituição que gera o problema, mas assim, a

federação contribui pra que o futebol tenha caído, ela não contribui pra ele subir, ela contribui pra ele cair. Não sei se eu to sendo... O presidente é um cara que se contenta com a miserabilidade do que tá aí. Essa coisa da sem vergonhice, do resultado arrumado, a renda é pouca mas é toda dele, aquela coisa da patifaria. Vê o lance dos ingressos agora. Fizeram uma proposta na última reunião pra se contratar uma empresa através de edital pra fornecer os ingressos do campeonato. E o que o presidente disse? Não, que a empresa atual que confecciona os ingressos que é de confiança. De confiança de quem? Quem conhece? Toda vez tem evasão de renda. Toda vez tem esse negócio de ter mais gente do que renda. Eu vejo assim, acho que a federação é a grande responsável. Eu acho assim, o torcedor do Maranhão é um grande herói. Porque, diante de toda essa bagunça. Só a fórmula do campeonato que eles já estão pensando pro ano já é desestimulante. Mas tem torcida. Porque torcedor no Maranhão é tipo catinga de nariz, diminui, mas não acaba. (José, 22/08/09)

A única maneira de modificar esse quadro é uma revolução radical no esporte, que passa por uma mudança no comando da Federação Maranhense de Futebol (FMF) e dos clubes. O torcedor se recusa a ir a campo para ver espetáculos deprimentes por times pifeis e competições com tabelas e regulamentos sem pé e nem cabeça. Ou se faz alguma coisa para mudar ou o futebol maranhense acabará em breve. (Ricardo, 05/06/09).

Eu acho que a gente devia matar o presidente da federação. Só assim. Mas só que se tu fores pensar assim também tu vais achar que é só ele, mas existe uma cultura ferrerista, já se instalou uma cultura ferrerista (Alberto Ferreira é o presidente da Federação). Uma vez eu encontrei um representante da federação, ele conversando comigo. Ele tava indo pro Corpo de Bombeiros entregar ofício pra solicitar ao Corpo de Bombeiros que fosse acompanhar um jogo do campeonato maranhense. O cara indo de ônibus, um velho, um senhor idoso, e defendendo Alberto Ferreira. Só que aquilo já tava dizendo muita coisa pra mim. Pô, o cara de ônibus, entregando isso aqui. Aquela coisa muito informal né, aquela coisa, que dizer, não tem uma coisa né, formalizada, tanta tecnologia, internet, os caras deviam mandar hoje ofício é pela internet. Não é o negócio de o cara ir de ônibus e deixar na mão. Tinha de ser uma coisa ágil. A federação parece foi que parou no tempo, administrando futebol como se tivesse assim, na década de trinta. E eu não vou nem chamar eles de amadores, porque eu to até ofendendo o departamento de futebol amador dos bairros, eles são organizadíssimos. (José, 22/08/09).

Para alguns entrevistados, o futebol maranhense vive, atualmente, um choque entre a necessidade de uma administração racional – baseada no futebol de mercado e simbolizada pelos novos dirigentes de clubes – e a (re)produção de rincões – cujo maior exemplo é a Federação Maranhense de Futebol – marcados pelo amadorismo, e pela pessoalidade:

É como eu to te dizendo, existe um choque. Dois bicudos não se beijam. Quando tu pegas uns caras que vêm de uma lógica (dirigentes de clubes), porque todos eles são empresários, eles maximizam o tempo, dinheiro, recursos, pra poder ter lucro. Aí eles vão se relacionar com uma instituição que é baseada no favor, naquela coisa ainda da arrumação, não é, daquela coisa ainda muito amarrada. Entendeu? Sabe porque eu to te dizendo isso? Porque há uns cinco anos atrás, quando Geografia era presidente do Sampaio, quando aquele cara era presidente do Moto e formaram uma bagunça o povo dizia que o problema do Maranhão é o amadorismo dos dirigentes de clubes.

Mas agora a gente tem uns caras sérios, os caras são sérios. Te digo isso porque tu não vê mutretagem, tu não vê. Eles são passivos ante a federação, mas tu não vê uma mutretagem dos caras. Pelo menos aparente. (Amaral, 13/07/09).

Aí que tá o negócio. Esse é o grande mistério do futebol maranhense. Por que o presidente da federação faz essas mutretagens... Eles tão dizendo que tão tendo prejuízo. Os caras fazem uma fórmula pra ter prejuízo e os dirigentes de clubes não dizem nada. Isso aí eu não sei te dizer. Isso aê eu não respondo. Eu não sei se tu tá entendendo o que eu to querendo te dizer. (Ricardo, 05/06/09).

De mais a mais, é possível perceber, a partir das falas demonstradas, que o poder futebolístico, como colocado no capítulo anterior, não reside na prática futebolística em si, mas na relação entre essa e um campo de relações futebolísticas, cuja constituição é inseparável do desenvolvimento de um corpo de agentes dotados de interesses específicos. Há, portanto, uma homologia entre o espaço social e o espaço das práticas esportivas. Existem, em diferentes campos esportivos, agentes sociais estratégicos preocupados em maximizar, através de seus interesses, e influenciar nas definições e divisões sociais, constituindo disputas por poderes simbólicos e materiais. (Bourdieu, 1983).

Com efeito, nesse contexto de disputas sobre as definições e divisões legítimas do futebol no Maranhão, uma questão interessante a ser levantada é que, entre os torcedores entrevistados, tais (re)significações de olhar quanto à forma de administrar o Sampaio Correa para que o time esteja à altura da tradição do clube, não parecem excluir – de maneira linear – práticas ligadas à estrutura marcada pela personalidade.

Uma vez que a atual administração do Sampaio Correa, representada pela figura do presidente Sérgio Frota, tem repetido desempenhos medíocres quanto à formação de times que conquistem bons resultados em campo, não é incomum ouvir torcedores reclamarem que queriam a volta da época em que Geografia e Manuel Ribeiro – antigos dirigentes do Sampaio Corrêa que representariam o atraso, o amadorismo e a lógica da personalidade no futebol maranhense – comandavam o clube.

O Geografia, eu aposto com quem quiser que se fosse ele o Sampaio tinha ido p série B! E aposto se em véspera de jogo decisivo ele ia jogar porra de taça cidade! Ele pode roubar o que for, mas pelo menos ele tem moral na FMF e sabe contratar jogador! (Raniere, 09/07/09).

Esse bicho pode roubar o que for (Geografia), mas se tivesse na diretoria, duvido com qualquer um se o nosso tricolor estava no fundo do poço como está! Duvido! (José, 22/08/09).

Existem outros exemplos do entrecruzamento entre essas visões. Percebi em algumas falas, entre os torcedores entrevistados, que há a percepção que políticos locais têm uma posição utilitarista em relação ao futebol local. Com efeito, para eles, apoiar os clubes só valeria a pena na medida em que esse apoio significasse retorno político para o político que apoia. Ao mesmo tempo, há a percepção de que políticos identificados com determinados clubes, mesmo que utilizem essa identificação para fins políticos, devem maximizar os interesses do clube quanto a capitais políticos e econômicos. Tal percepção abre espaço para que os torcedores se sintam traídos quando um político para de apoiar seu clube ou passa a apoiar outro:

Tá chegando eleição e eles querem usar a torcida e o time como marketing político. Então tem uns que recebem um jabá⁴⁴ pela Câmara Municipal, o cara é humilde e tem que se submeter. (Paulo, 04/07/09).

Não, quem tinha uma ligação com o Pereirinha⁴⁵ era o Castelo, nosso atual presidente, até porque ele trabalha na Câmara Municipal, ele é chefe do departamento de limpeza. Então é subordinado a Pereirinha. Aí já tem aquele vínculo de amizade, os dois jogaram juntos. Mas agora o Pereirinha ta com o IAPE. Uma jogada de marketing, jogada de político, porque ele criou uma fundação, essa fundação apoiava o Sampaio aí de repente ele cria um time dando um golpe na torcida do Sampaio. Muita gente ficou revoltada com ele, eu sou um dos que ficou revoltado com ele. (Paulo, 04/07/09).

Entre os entrevistados – uma vez que o clube deve acumular “glórias” – há uma tensão entre a visão uma estrutura empresarial, dita séria e que existiria para promover o lucro e racionalizar as relações no futebol de espetáculo regional, e as relações pessoalizadas, do favor, mediadas em função de códigos próprios da “comunidade”. Existem aspectos de uma e de outra que são citados pelos torcedores, dependendo do contexto. Sendo assim, a disputa entre o dito moderno e do dito atrasado é muito presente nos discursos:

Sai ano e entra ano a diretoria do Sampaio cobrando torcedor no estádio e a torcida do Sampaio sempre está lá apoiando. Começou a Série C e o Sr. presidente disse que não precisava de contratação, que o time era bom suficiente pra subir pra Série B. A torcida que o Sampaio tem não merece esse time e diretoria, depois que alguma t.o (torcida organizada) faz um protesto, faz quebra-quebra, somos os marginais e tudo. Ano que vem o mesmo papo de sempre: vamos montar um time pra ganhar o Maranhense, Taça Cidade, Copa do Brasil e subir pra Série C. Já chega de papo furado. Cadê os títulos, o acesso? (Raniere, 09/07/09).

⁴⁴ Dinheiro.

⁴⁵ Isaías Pereirinha, vereador e atual presidente da Câmara Municipal de São Luís, Maranhão.

Hoje no Sampaio falta um diretor de esporte, que tenha visão como Geografia teve quando passou pelo Sampaio. Porque já tem um bom administrador, que é o Sergio Frota. Só que tá faltando aquele cacuete, um diretor de futebol, um cara que entenda de futebol, tipo Geografia. Ele sabe dos bastidores, é um cara que tem aquela facilidade dentro da CBF, tem aquela artimanha, tá faltando muito isso pro Sampaio, porque Sergio é um cara muito sério. Porque o futebol hoje tem muita artimanha, começando pelas escolinhas, até o profissional. Quando eu falo artimanha é que, por exemplo, geralmente tem um documento de um jogador que vem de fora e precisa ser agilizado. Então o Geografia tem aquela facilidade pra resolver essas coisas, o Sergio não, ele é muito sério, então tem aquele bloqueio, inclusive da própria federação maranhense. Então o que eu quero dizer é que Geografia já conhece o negocio, é raposa velha que articula lá na federação, e Sergio não, tá entrando agora, ainda não tem os macetes. (Paulo, 04/07/09).

Rapaz, quem torce para um time, ele poder tá fudido, mas tá acreditando. A gente sempre tá acreditando. Eu não acredito que o Sampaio algum dia vai falir, acabar, isso seria o cumulo do absurdo. A gente sempre via tá acreditando num messias, como seria o Sergio Frota agora, mas barrelou, ele empacou. Mas a gente vai encontrar alguém. E olha que por mais que eu tenha falado do Manuel Ribeiro, eu preferiria ele hoje do que o Sergio Frota, porque o Manuel pelo menos fez uma graça com um time, mesmo tendo destruído tudo depois. Porque eu quero é título, quero é ganhar, quero tá na segunda divisão, quem sabe na primeira. Futebol é o mundo da paixão, eu amo o Sampaio Correa, mas nada melhor do que um título. Título é bom. Aos vencedores os louros da vitória. Isso em qualquer situação. É uma mulher que tu conquistas. É um emprego que tu consegues. Passar num vestibular ou num concurso. A sociedade é isso, o mundo é isso. E um título, tu já imaginou. Essa historia de participar é o que interessa no futebol não existe, e eu acho que nunca existiu. O futebol desde o começo sempre foi pegado. Negócio sempre foi violência total. Então é isso, título, título, título. (José, 22/08/09).

Nesse jogo, pude perceber que, entre os torcedores entrevistados, as visões de uma administração empresarial e da pessoalidade e do amadorismo – ligados a antigos dirigentes e a dinâmica política local – não se excluem de maneira linear. Dependendo do contexto, uma ou outra, e até mesmo as duas, ganham sentido se conseguirem os resultados almejados que exacerbem o sentimento de pertença clubística em relação ao Sampaio Correa.

Por fim, a meu ver, todos esses fatores que demonstrei servem como pano de fundo e dão sentido para as experiências bolivianas em terras maranhenses. Procurei, então, mostrar que existem diferentes configurações e significados de pertencimento clubístico, em diferentes contextos em que o futebol é jogado, e, consequentemente, vivido, no Brasil. Existem torcedores envolvidos com o futebol maranhense. Assim, podemos perceber que o torcer é uma participação sociopolítica, com seus contextos específicos, que podem nos apontar aspectos da crença no Sampaio Correa, mesmo que não integre as mais elevadas posições no sistema hierárquico de clubes no Brasil.

3- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na história do futebol no Brasil, os clubes de futebol, como fontes de identidades e de estilos de vida, compõem redes interativas de experiências em diferentes épocas e contextos sociais e culturais. Se no final do século XIX os clubes são tratados como canais de expressão de diferenças sociais entre elites e povo, a partir da década de 1910 estes se difundem por bairros, periferias, várzeas e se tornam um desdobramento de reuniões sociais das mais diferentes camadas sociais. A adoção do futebol, no Brasil, esteve, portanto, intrinsecamente associada à identificação dos indivíduos com clubes promotores dessa prática esportiva.

Com efeito, a paixão dos torcedores pelos clubes ditos de coração e, conseqüentemente, o sentimento que amalgama os torcedores a seus clubes – caracterizando cada modalidade de sentimento a um dado clube como única – é um campo de significante importância no cotidiano futebolístico brasileiro, pelo menos desde o fim da primeira metade do século XX.

Parte das interpretações acerca desse envolvimento emocional com o futebol e com os clubes de futebol, presentes tanto em elaborações jornalísticas como no seio de alguns estudos acadêmicos que problematizam as implicações sociais desse esporte em nosso país, têm sido marcadas, sobremaneira, pela ideologia da brasilidade futebolística, influenciando profundamente as vivências futebolísticas no país.

Porém, no que diz respeito às perspectivas analisadas no capítulo 01 deste trabalho, foi possível perceber que, apesar dos diferentes deslocamentos analíticos realizados pelos cientistas sociais apresentados, há uma tendência a apresentar a popularização do futebol no Brasil tomando como cenário privilegiado de análise das possíveis ambiguidades desse processo as vivências futebolísticas (re)construídas no Centro-Sul do país, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Assim, diferentes atores sociais, envolvidos em contextos esportivos diversos, assumem papéis meramente passivos de concretização de relações sociais estruturais mais amplas, que constituiriam “a história da popularização do futebol no Brasil”. Sob esse prisma de compreensão, viver o futebol no Brasil se configuraria enquanto um processo de compartilhar significados, representações, conhecimentos etc., constitutivos de uma única, e legítima, forma de analisar esse esporte no país.

Já a partir dos anos 1980, o futebol apresenta certas características que o tornam um produto econômico estratégico, distinguindo-o, então, de períodos anteriores. Nesse processo, as dinâmicas sociais do torcer por um clube de futebol também mudam. As novas torcidas se caracterizam por estarem intimamente ligadas à ascensão das mídias esportivas (imprensa, publicidade, etc.) e à racionalização do torcer, baseada na lógica do consumo. A adesão de torcedores passa a constituir uma modalidade de capital imprescindível para que o clube tenha acesso a outros capitais. O pertencimento clubístico é um capital afetivo que compete à dimensão político administrativa do clube converter em capital econômico, a fim de organizar times competitivos, que consigam boas performances esportivas.

Esse novo contexto contribui para a hierarquização de circuitos integrados de clubes de futebol sobre os quais vale à pena investir, torcer, construir e consumir informações. Esse sistema hierarquizado mostra para que clubes devemos torcer, e que torcer por um clube que não faz parte das mais altas posições do mesmo parece uma loucura.

Após ter apresentado e comentado algumas falas de torcedores do Sampaio Correa, creio ter revelado ao leitor diferentes formas e significados de pertencimento clubístico que fazem com que esses tenham, nos termos de Bourdieu (2002), a "crença no jogo", ou seja, a *ilusio* em torcer por um clube participante de um contexto marginal no futebol brasileiro. Do ponto de vista deste trabalho, é esse vínculo que traz ao torcedor a ideia da importância do clube em sua vida. Em determinados momentos é ele que dá identidade, faz ser parte de um grupo, dá "um rosto" e faz estar junto das pessoas que comungam da mesma visão, dos mesmos sentimentos. Ele dá sentido ao que se pensa, sente e faz enquanto torcedor.

Nesse sentido, dizer que o futebol virou somente um negócio é desconsiderar a relação entre torcedor e clube, dimensão fundamental deste esporte. A escolha pelo clube tem uma gama de sentidos que estão vinculados à família, ao local de moradia, à perspectivas políticas locais, a grupos de amigos, a ídolos, a histórias de vida, etc.

Essa proposta de análise pode nos ajudar, então, a compreender o torcer pelo Sampaio Correa enquanto um espaço relacional, tomando como cuidado fundamental a não essencialização de uma forma legítima de torcer, mas o(s) processo(s) em que se (re)constroem as diferentes formas de torcer por esse clube de futebol. Ao pesquisador, cabe interpretar as dinâmicas sociais que tornam cada torcedor

de certo clube um comentador, um crítico autorizado para falar dos clubes e associá-los a certas categorias sociais. Tais códigos de pertencimento garantem acesso a certas discussões que ocorrem em momentos de sociabilidade intensa, em que as discussões exigem dos envolvidos uma clara definição acerca da posição em que se encontram.

Portanto, as histórias dos bolivianos entrevistados me permitem dizer que torcer é uma forma de participação sócio-política bastante peculiar, com seus contextos específicos, e que nos mostra os diferentes significados que concorrem para a construção da crença no torcer, mesmo que o Sampaio não participe da primeira divisão do campeonato brasileiro. Abordar o "pertencimento" e as atitudes decorrentes deste vínculo implica reconhecer nas manifestações dos torcedores certas mensagens cuja interpretação, em termos de forma e conteúdo, demanda a percepção de um sentido profundo nos embates, um pano de fundo no qual os sentimentos de pertença e o próprio gosto pelo futebol estão alicerçados.

Também revela tensões entre diversas formas de torcer, em que se busca hierarquizar o ser boliviano. Os torcedores antigos se veem como participantes de uma época em que o Sampaio Correa era grande. O torcedor organizado se vê como mais importante que o torcedor não organizado. O torcedor não organizado é, por sua vez, crítico da relação entre torcida organizada e diretoria. Essa tentativa de hierarquizar o torcer passa também pela aquisição de diferentes tipos de símbolos de distinção, materializados particularmente na aquisição do uniforme do clube.

Porém, sejam antigos torcedores, torcedores não organizados ou organizados, existe uma ideia de que seu comportamento, sua simpatia pelo clube e seu jeito de torcer traduzem a forma legítima de apoiar o Sampaio Correa.

Com efeito, como bem aponta Damo (2007a), o público que vai aos estádios o faz a partir de um engajamento dado de antemão, vai porque um dos times que está em campo representa o clube pelo qual torce, e deseja vê-lo vencer outro time, que representa outros torcedores. Assim, o que ocorre nos embates futebolísticos ou no tempo do cotidiano – a caminho do estádio, nos bares, etc. – é a exacerbação dos sentimentos que estão na base desse engajamento.

Finalmente, entre as minhas possíveis perspectivas para a realização de futuras pesquisas, pretendo realizar um estudo mais aprofundado do futebol como um momento de sociabilidade prazerosa, tomando como base estudos sobre festas populares. Outra dimensão possível é o estudo das redes de reciprocidades, e de

adversidades, entre torcidas organizadas rivais – especificamente ligadas ao Sampaio Correa e ao Moto Club – no Maranhão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Antonio Barros. Cenário de tendências econômicas do esporte e atividades físicas no Brasil. In Da COSTA, Lamartine Pereira (org). **Atlas Do Esporte No Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 857-858;

ANTUNES, Fátima Martins Rodrigues Ferreira. “**Com o brasileiro não há quem possa!**”: **futebol e identidade nacional em José Lins do Rêgo, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

BOSCHI, Rodrigo Fortini. Cenário de tendências de emprego na área de esporte e atividades físicas. In Da COSTA, Lamartine Pereira (org). **Atlas Do Esporte No Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 859-860;

BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo? In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 136-153.

_____. **O poder simbólico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. Modos de dominação. In: **A produção da crença**: contribuição para uma economia dos bens simbólicos. São Paulo: Zouk, 2002.

BROMBERGER, Christian. **As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia**. In: Horizontes Antropológicos / UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 14, n. 30 (2008). Porto Alegre: PPGAS, 2008.

BRUHNS, Heloisa Turini. **Futebol, carnaval e capoeira**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BRUNI, José C. **Dossiê Futebol**. Revista USP nº 22 jun/jul/ago. São Paulo: USP, 1994.

CARVALHO, Claunísio Amorim. **Terra, grama e paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906-1930)**. São Luís: Café e Lápis, 2009.

CASTRO-GOMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da invenção do outro. In: LANDER, E. (Org.) **A colonialidade do saber**. Buenos Aires: CLACS0, 2005.

CHAUÍ, Marilena. **Brasil: mito fundador e sociedade autoritária**. 5. ed. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2004.

COSTA, Sérgio. A mestiçagem e seus contrários: etnicidade e nacionalidade no Brasil contemporâneo. **Tempo soc.** São Paulo, v. 13, n. 1, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010320702001000100010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 30 Nov 2007.

Da COSTA, Lamartine Pereira (org). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005a, p. 15-20

Da COSTA, Lamartine Pereira. Cenário de tendências gerais do esporte e atividades físicas no Brasil. In Da COSTA, Lamartine Pereira (org). **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005b, p. 825-838

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. (org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5. ed. Rio de Janeiro, Guanabara, 1990.

_____. **Relativizando: uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e estética**. São Paulo Perspec. , São Paulo, v. 15, n. 3, 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300011&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 30 Nov 2007.

_____. **Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007a.

_____. Senso de Jogo. In: **Esporte e sociedade**, Ano 3 - Número 7 - Nov.2007b.

DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

DE PAULA, Heber Eustáquio. **Cabeça de ferro, peito de aço, perna de pau: a construção do corpo esportista brincante**. Motriz, vol.2, nº 2, Dezembro/1996.

Dossiê Esporte – IPSOS/Marplan-SporTV. Rio de Janeiro, RJ. Editora Gráficos Buriti LTDA, 2006.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1999. Capítulos 3 e 4.

_____. **O processo Civilizador: uma história dos costumes**. Trad.: Ruy Jungmann; revisão e apresentação: Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994. 1V.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John L. **Os Estabelecidos e os Outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro; trad. de posfácio à edição alemã, Pedro Sussekind; apresentação e revisão técnica, Frederico Neiburg. – Rio de Janeiro: Jorge Zaar Ed., 2000.

ERICEIRA. Ronald Clay dos Santos. **A reconstrução do passado da Portela na rede mundial de computadores e nas rodas de samba**. 2009. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, Tese (Doutorado), 2009.

FERNANDES, F. **Clássicos da sociologia**. (Organizador: Octávio Ianni) São Paulo: Ática, 1979.

FILHO, Mário. **O Negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FRY, Peter. Feijoada e soul food 25 anos depois. In: ESTERCI, N.; FRY, P. e GOLDENBERG, M. (orgs.). **Fazendo antropologia no Brasil**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

FRYDENBERG, Júlio David. **Espacio urbano y practica del futbol, Buenos Aires 1900-1915**. In LECTURAS: EDUCACION FISICA Y DEPORTES, Buenos Aires, ano 4, n. 13, 1999. Disponível em www.efdeportes.com

GASTALDO, Édson. **“O complô da torcida”: futebol e performance masculina em bares**. In: Horizontes Antropológicos / UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 11, n. 24 (2005). Porto Alegre: PPGAS, 2005.

GEBARA, Ademir. Histórias do esporte: novas abordagens. In: PRONI, Marcelo Weishaupt (org). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002 – (Coleção educação física e esportes).

GEERTZ, Clifford. **Um jogo absorvente: notas sobre a Briga de Galos Balinesa**. In: A interpretação das culturas. JTC, 1989. pp. 278-321.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo, Unesp, 1991.

GIL, Gilson. **O drama do “Futebol-Arte”: o sobre a seleção dos anos 70**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 25, ano 9, julho de 2004.

GONTIJO, Fabiano. Carioquice ou carioquidade? Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas. In: GOLDENBERG, Mirian (org.). **Nu e vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2002.

GUEDES, S. "Malandros, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis. In: GOMES, L.; BARBOSA, L. e DRUMMOND, J. (orgs.). **O Brasil não é para principiantes**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000, p.125-42.

HEINICH, Nathalie. **A sociologia de Norbert Elias**. Trad. de Viviane Ribeiro. – Bauru, SP: EDUSC, 2001. Coleção Ciências Sociais.

HELAL, Ronaldo. **O que é sociologia do esporte**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

HELAL, Ronaldo. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, Ronaldo (org). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Maud, 2001.

HOLZMEISTER, Antonio. **A nova economia do futebol: uma análise do processo de modernização de alguns estádios brasileiros**. Rio de Janeiro: UFRJ/PPGAS, Dissertação (Mestrado), Museu Nacional, 2005.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Campinas-SP: Papirus, 2003.

LEITE LOPES, J.S. "Esporte, emoção e conflito social". In: **Mana - Estudos de Antropologia Social**. Rio de Janeiro: Museu Nacional-Relumé/Dumarú, v.1, n.1, 1995, p.141-63.

_____. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, C. H. M.; DA SILVA, F. T. e FORTES, A. (orgs.). **Culturas de classe**. Campinas-SP: Editora Unicamp, 2004.

LEVINE, Robert. O caso do futebol brasileiro. In: WITTER, José S. (org.). **Futebol e cultura**. São Paulo: Convênio Imesp-Daesp, 1982.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Totemismo hoje**. Petrópolis, Vozes, 1975.

LUCENA, Ricardo de F. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

MAGNANI, José G. C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na cidade. In: MAGNANI, J. G. C. & TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). Na Metrópole. São Paulo. Edusp. Fapesp, 1996.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac e Naify, 2003.

MARTINS, Dejjard. **Esportes: Um mergulho no tempo**. São Luís: (s.n.), 1989.

MURAD, Mauricio. **A violência e o futebol: dos estudos clássicos aos dias de hoje**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

PILATTI, Luiz Alberto. Guttman e o tipo ideal do esporte moderno. In: PRONI, Marcelo Weishaupt (org). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

PRONI, Marcelo Weishaupt. Bohn e a organização capitalista do esporte. In: PRONI, Marcelo Weishaupt (org). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

RÊGO, Rafael Moscoso Lobato. **O orgulho da nação em questão: Uma discussão acerca da (re)construção conceitual da "brasilidade futebolística" nas Ciências Sociais**. São Luís, UFMA. Monografia (Graduação), 2008.

RIBEIRO, Luiz Carlos. Historiografia do futebol brasileiro nos Anais do "Encontro de História". In: **Congresso de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança, VII, Gramado-RS, 29 de maio a 01 de junho de 2000**. Coletâneas. Porto Alegre: UFRGS, 2000.

RODRIGUES, Nelson. **O berro impresso das manchetes**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

SANT'ANA JUNIOR, Horácio Antunes de. **Modernidade e Tradição: Aspectos de um debate sociológico sempre retomado**. In: Revista de Políticas Públicas. V 1, n 1, 1995. São Luís: EDUFMA, 1995.

SCHNEIDER, Jens. **Discursos simbólicos e símbolos discursivos: considerações sobre a etnografia da identidade nacional**. In: Mana. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010493132004000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 Dez 2007.

SILVA, Silvio Ricardo da. **A construção social da paixão no futebol: O caso do Vasco da Gama**. In: DAOLIO, Jocimar. **Futebol, cultura e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

SOARES, Antonio Jorge. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: SPDC/UFES, 1994.

_____. História e a invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, Ronaldo (org). **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Maud, 2001.

_____. Identidade nacional e racismo no futebol brasileiro. In: PRONI, Marcelo Weishaupt (org). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002

VAZ, Alexandre Fernandez. DaMatta: o futebol como drama e mitologia. In: PRONI, Marcelo Weishaupt (org). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP: Autores Associados, 2002.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. **O nascimento das três paixões**. O imparcial, 2000a.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. A inauguração do "foot-ball" em Maranhão. In: LECTURAS: EDUCACIÓN FÍSICA Y DEPORTES, Buenos Aires, ano 5, n. 24, agosto de 2000b, disponível em www.efdeportes.com

VAZ, Loreta Brito. **O esporte e as atividades físicas como geradores de renda – estudo de caso: capoeira em São Luís**. Maranhão / Loreta Brito Vaz. – São Luís, 2006.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In, A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o *ethos* nacional. In: DAMATTA, R. (org.). **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982.

WITTER, José Sebastião. **O que é futebol**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1990.

Sites:

http://datafolha.folha.uol.com.br/po/ver_po.php?session=538 (Acesso: Outubro/2009)

<http://aurelio.ig.com.br/dicaureliopos/home.asp?logado=true&pesquisa=> (Acesso: Janeiro/2010).

<http://www.flogao.com.br/tubaroesofoficial> (Acesso: Outubro/2009)

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=851541> (Acesso: Junho/2009)

www.ibge.gov.br (Acesso: Junho/2009)

<http://mavalem.sites.uol.com.br/ma/SaoLuis2.htm> (Acesso: Junho/2009)

www.sampaiocorreafc.com.br (Acesso: Julho/2009)

Jornais e Periódicos:

O ESTADO. BRAGANÇA SPORT CLUB. Maranhão, sexta-feira, 20 de outubro de 1916

O ESTADO. O ONZE DE JUNHO. Maranhão, sábado, 10 de junho de 1916.

O ESTADO. A BATALHA DO RIACHUELO. Maranhão, segunda-feira, 12 de junho de 1916.

O MARANHÃO. INAUGURAÇÃO DO FOOT BALL. Edição de no. 154, São Luís, segunda-feira, 28 de outubro de 1907.

O MARANHÃO. FABRIL CLUB. Edição de no. 339, São Luís, segunda-feira, 08 de junho de 1908.

O MARANHÃO. PROGRAMMA DA MATINEÉ SPORTIVA A REALIZAR-SE EM 27 DO CORRENTE MEZ NO F. A. CLUB. Edição de no. 426, São Luís, sábado, 26 de setembro de 1908

REVISTA DO SAMPAIO CORRÊA. Prime editora e produtora LTDA, 2007